



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**O ESPAÇO DOS MORTOS NA CIDADE DOS VIVOS: ARQUEOLOGIA NO CEMITÉRIO
VELHO DE DELMIRO GOUVEIA, ALTO SERTÃO DE ALAGOAS, BRASIL**

Carla Janine Vieira de Souza

Laranjeiras, SE
2024

**O ESPAÇO DOS MORTOS NA CIDADE DOS VIVOS: ARQUEOLOGIA NO CEMITÉRIO
VELHO DE DELMIRO GOUVEIA, ALTO SERTÃO DE ALAGOAS, BRASIL**

Carla Janine Vieira de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ), como requisito à obtenção do título de Mestre em Arqueologia, junto a Universidade Federal de Sergipe, Campus de Laranjeiras.

Orientador: Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz

**Laranjeiras, SE
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S719e Souza, Carla Janine Vieira de
O espaço dos mortos na cidade dos vivos: arqueologia no cemitério velho de Delmiro Gouveia, Alto Sertão de Alagoas, Brasil / Carla Janine Vieira de Souza ; orientador Albérico Nogueira de Queiroz. - Laranjeiras, 2024.
258 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Arqueologia - Delmiro Gouveia (AL). 2. Restos humanos (Arqueologia). 3. Cemitérios. 4. Monumentos funerários. 5. Cultura material. I. Queiroz, Albérico Nogueira de, orient. II. Título.

CDU 902.03(813.5)

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO

CARLA JANINE VIEIRA DE SOUZA

**APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE EM 23 DE AGOSTO DE 2024.**

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz

Universidade Federal de Sergipe

1º Examinador Interno: Prof. Dr. Fernando José

Ferreira Aguiar

Universidade Federal de Sergipe

2º Examinador Externo: Profa. Dr^a. Viviane Maria

Cavalcanti de Castro

Universidade Federal de Pernambuco

Às minhas queridas “abuelitas” (avós) ❤️

Maria Vieira Nunes (*In Memoriam*)

Adelina Henrique, vózinha do coração que me criou
com tanto afeto e cuidado (*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente à mulher mais importante da minha vida, minha mãe Josefa Vieira (Zefinha). Minha pessoa preferida e exemplo supremo de amor, força e proteção. É por nós! Sempre foi e sempre será!

Também expresso minha imensa gratidão à minha família e aos amigos queridos por todo apoio, carinho, amor e compreensão, especialmente à Tatiane (Tati) e José Brito, companheiros de todas as horas, principalmente nas mais difíceis. Agradeço por todo suporte e pelos bons momentos compartilhados, que foram de suma importância nessa árdua caminhada acadêmica.

Ao meu orientador, professor Albérico Nogueira de Queiroz, expresso minha gratidão pela paciência e ensinamentos.

À banca, em nome dos professores Viviane Maria Cavalcanti de Castro e Fernando José Ferreira Aguiar, expresso minha gratidão pela disponibilidade, pelas valiosas observações e pelas trocas enriquecedoras.

Um agradecimento especial ao NUPEAH, Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos da Universidade Federal de Alagoas, UFAL Campus do Sertão, especialmente para o professor e coordenador do laboratório, Flávio Moraes. Sou grata pela confiança, pelos ensinamentos, pelas advertências quando necessárias e, principalmente, pelo suporte intelectual durante todo o mestrado. Além disso, sou grata à minha equipe do Nupeah, que me auxiliou, me encorajou e ajudou a superar alguns medos e inseguranças: Henrique, Tatiane e Brito.

Agradeço aos professores da Ufal, Ivan e Bijagó, pela torcida e incentivos.

Minha gratidão ao Márcio André, por me receber tão bem em sua casa em Laranjeiras, SE, quando precisei de um lugar para dividir com alguém.

Agradeço também a minha companheira de turma, Sheila, pelas caronas até a rodoviária em Aracajú e pela estadia que me ofereceu em um dia extremamente difícil.

Agradeço imensamente a mulher mais arretada e inteligente de todo Recife, Pollyana Calado. Historiadora e arqueóloga, Pollyana me recebeu de braços abertos em sua casa mesmo sem me conhecer, para um evento de arqueologia na UFPE. A semana que passamos juntas foi repleta de trocas enriquecedoras, aprendizados e muita diversão. Sou especialmente grata pela oportunidade de fazer o melhor passeio que poderia ter feito: a visita guiada aos cemitérios de Casa Amarela e Santo Amaro. Sou grata pela sua amizade e por todas as palavras de conforto e afeto!

Sou grata pelas amizades preciosas, aos de longa data e aos amigos mais recentes que torcem

por mim: Camila (onça) mestranda em geografia também pela UFS, Gabriel, Sidney (Ney), Alana, Lúcia, Marcos (Marcão), Elielma, Juliane (Jú), Erikles, Maerla, Eduardo. Vocês estiveram comigo desde sempre, oferecendo apoio, carinho e compartilhando muitas risadas.

Agradeço ao Fellipe Monteiro, o cara mais cervejeiro que conheço, pelas palavras de apoio, principalmente quando me vi extremamente ansiosa na apresentação do pré-projeto do mestrado em 2022.

Agradeço ao doutorando Bruno Pacheco pelas valiosas dicas, orientações e apoio desde o início do mestrado.

Agradeço também a Lucas pelo auxílio com informações na prefeitura de Delmiro Gouveia, a seu Tito (Francisco), responsável pela administração dos cemitérios, e a Clécio pelo empréstimo de livros e incentivo.

Gratidão aos meus compadres pela força e suporte quando mais precisei. Agradeço também pelas várias cervejas que tomamos juntos para desestressar – eu, das minhas obrigações e responsabilidades acadêmicas, e eles, das responsabilidades da vida adulta de um casal com três filhos pequenos maravilhosos. Vocês tornam minha vida mais leve e divertida.

Outro recifense que também merece o meu agradecimento é Dillermundo (Dille), o cara mais gaiato da cidade, por quem tenho um grande apreço. Adorei te conhecer e sou grata pela visita em Olinda numa noite de segunda-feira, quando não havia muito o que fazer por lá (hehehe). Agradeço especialmente pelo pastel na pracinha perto do mar e pelas boas risadas naquela noite. Obrigada por me encorajar de longe e por animar meus dias com memes virtuais.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Esse suporte foi fundamental para a realização do curso e para diversas outras oportunidades que enriqueceram minha formação acadêmica e profissional. Sem esse apoio, muitas das experiências e conquistas ao longo do mestrado não teriam sido possíveis.

RESUMO

Os assuntos relacionados ao universo fúnebre são uma área de pesquisa relativamente nova no Brasil, porém ao longo dos anos, houve um aprofundamento significativo sobre a temática da morte, dos mortos e do morrer, principalmente a partir dos anos 2000 (IPHAN, 2024), período em que essas abordagens ganharam maior destaque e profundidade. Atualmente, é possível acessar produções de excelente qualidade em diversas áreas do conhecimento dedicadas a essa perspectiva, bem como debates que envolvem os estudos cemiteriais (MAGALHÃES, 2018). O objeto de estudo desta pesquisa é o cemitério municipal, conhecido popularmente como cemitério velho, que está localizado em Delmiro Gouveia, cidade situada no Alto sertão alagoano, Nordeste brasileiro, e tem como objetivo analisar e discutir mudanças e permanências naquilo que diz respeito aos espaços específicos de enterramento, que denominamos jazigos. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos, documentais, fotográficos, além de uma análise detalhada da materialidade cemiterial. Como resultado, conseguimos destacar cinco fases distintas da cultura material funerária do cemitério: a primeira fase, de 1908 a década de 1920; a segunda fase, das décadas de 1930 a 1940; a terceira fase, das décadas de 1950 a 1970; a quarta fase, das décadas de 1980 a 1990; e a quinta fase, dos anos 2000 até os dias atuais. Nesse sentido, observamos transformações nos jazigos e nos adornos que compõem a estrutura fúnebre nesses períodos. Essas mudanças foram evidenciadas nos materiais de construção, adornos, iconografia e na própria arquitetura tumular. Apesar das transformações, constatamos que elementos antigos e novos ainda coexistem, compartilhando o mesmo espaço e tempo.

Palavras-chave: Arqueologia cemiterial, Cemitério, Delmiro Gouveia, AL.

ABSTRACT

Subjects related to the funerary universe are a relatively new research area in Brazil. However, over the years, there has been significant deepening of the theme of death, the dead, and dying, especially since the 2000s (IPHAN, 2024), a period when these approaches gained greater prominence and depth. Today, it is possible to access excellent quality productions in various fields of knowledge dedicated to this perspective, as well as debates involving cemetery studies (MAGALHÃES, 2018). The object of this research is the municipal cemetery, popularly known as the old cemetery, located in Delmiro Gouveia, a city in the Alto Sertão region of Alagoas, Northeast Brazil. The objective is to analyze and discuss changes and continuities concerning specific burial spaces, which we refer to as tombs. For this, bibliographical, documentary, and photographic surveys were conducted, along with a detailed analysis of the cemetery's materiality. As a result, we identified five distinct phases of the cemetery's funerary material culture: the first phase, from 1908 to the 1920s; the second phase, from the 1930s to the 1940s; the third phase, from the 1950s to the 1970s; the fourth phase, from the 1980s to the 1990s; and the fifth phase, from the 2000s to the present day. In this context, we observed transformations in the graves and the adornments that make up the funerary structure. These changes were evidenced through construction materials, adornments, iconography, and the tomb architecture itself. Despite the transformations, we found that the old and new still coexist, sharing the same space and time.

Keywords: Cemetery Archaeology, Cemetery, Delmiro Gouveia, AL.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Nota de falecimento no jornal Correio da Pedra 1922-1924.....	21
Figura 2 - Nota de falecimento no jornal Correio da Pedra, volume 1925-1926.....	22
Figura 3 - Nota de agradecimento e falecimento no Jornal Correio da Pedra, volume IV (1927 - 1928)	23
Figura 4 - Nota de agradecimento no jornal Correio da Pedra, volume V (1929-1930)	23
Figura 5 - Anuncio de missa no Jornal Correio da Pedra	24
Figura 6 - Convite para celebração de missa na capela da Vila.....	24
Figura 7 - Localização dos Cemitérios São José (canto inferior) e Adonias Queiroz Mafra (canto superior)	25
Figura 8 - Velódromo público municipal no Cemitério Adonias Queiroz Mafra.....	27
Figura 9 - Mapa de localização do Município de Delmiro Gouveia - AL, Alto Sertão Alagoano ...	51
Figura 10 - Usina Hidrelétrica de Angiquinhos.....	52
Figura 11 - Companhia Agro Fabril Mercantil	53
Figura 12 - Mercado Coelho Cintra, o Derby, Recife - PE.....	55
Figura 13 - Usina de Açúcar Beltrão	55
Figura 14 - Delimitação do Núcleo Fabril da Pedra	57
Figura 15 - Rua 13 de Maio	60
Figura 16 - Rua Ruy Barbosa.....	60
Figura 17 - Modelos de moradias no núcleo fabril da Pedra	62
Figura 18 - Imagem panorâmica do Núcleo Fabril do Povoado Pedra em 1920	63
Figura 19 - Primeira capela do Povoado Pedra, 1918.....	64
Figura 20 - Áreas de expansão do povoado pedra, com indicação dos setores do território	69
Figura 21 - Localização dos bairros Chácara São Vicente e Chácara Boa Vista em Delmiro Gouveia - AL	70
Figura 22 - Vista aérea das vias de acesso ao cemitério velho Delmiro Gouveia	71
Figura 23 - Acesso à área frontal do cemitério através da ponte sobre o riacho	72
Figura 24 - Riacho do cemitério	72
Figura 25 - Visão parcial da Quadra 1 do cemitério velho	75
Figura 26 - Lixo acumulado próximo a um jazigo	76
Figura 27 - Vista aérea parcial da Quadra 1	77

Figura 28 - Sepultamento afetado por vegetação, ficando visível apenas a Cruz Lápide	78
Figura 29 - Sepultamentos afetados por vegetação.....	78
Figura 30 - Interferências antrópicas no jazigo nº 30 da Quadra 01.....	79
Figura 31 - Interferências antrópicas no jazigo nº 01 da Quadra 02.....	79
Figura 32 - Planta baixa do cemitério velho Delmiro Gouveia	84
Figura 33 - Vista aérea parcial da Quadra 1 com jazigos desordenados	85
Figura 34 - Visão aérea panorâmica das quadras do cemitério	86
Figura 35 – Imagem frontal do jazigo nº 27 da Quadra 01.....	95
Figura 36 – Inscrições apagadas na estrutura tumular	95
Figura 37 - Imagem frontal do jazigo nº 8 da Quadra 01	95
Figura 38 - Inscrições ilegíveis na estrutura tumular	95
Figura 39 - Jazigo nº 41 da Quadra 01.....	96
Figura 40 - Jazigo nº 56 da Quadra 01.....	97
Figura 41 – Jazigo infantil nº 80 da Quadra 01.....	98
Figura 42 - Jazigo nº 67 da Quadra 02	99
Figura 43 – Jazigo nº 15 da Quadra 01 (Q.01 - T.15)	103
Figura 44 - Jazigo nº 51 da Quadra 02 (Q.02 - T.51).	103
Figura 45 - jazigo nº 03 da Quadra 03.....	104
Figura 46 - Jazigo nº 65 da Quadra 02	104
Figura 47 - Jazigo múltiplo/familiar nº 23 da Quadra 02	105
Figura 48 - Jazigo múltiplo/ familiar nº 27 da Quadra 3	105
Figura 49 - Jazigo Infantil nº 75 da Quadra 01.....	106
Figura 50 - Jazigo infantil nº 81 da Quadra 01	106
Figura 51 - Jazigo infantil nº 07 da Quadra 02	107
Figura 52 - Nota de falecimento no Correio da Pedra, 1929	108
Figura 53 - Nota de falecimento no Correio da Pedra, 1930	108
Figura 54 - Jazigo nº 09 da Quadra 01.....	110
Figura 55 - Jazigo nº 83 da Quadra 01	110
Figura 56 - Monumento Cívico nº 34 da Quadra 02.....	112
Figura 57 – Jazigo nº 5 da Quadra 01	114
Figura 58 - jazigo nº 29 da Quadra 01	115
Figura 59 - Jazigo nº 36 da Quadra 02 de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1917)	116

Figura 60 - Jazigo n° 13 da Quadra 03	117
Figura 61 - Jazigo n° 75 da Quadra 02	117
Figura 62 - Jazigo n° 24 da Quadra 02	118
Figura 63 - Jazigo n° 21 da Quadra 03	118
Figura 64 - Jazigo n° 35 da Quadra 03	119
Figura 65 - Jazigo n° 35 da Quadra 02	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções acadêmicas sobre estudos cemiteriais no Nordeste	43
Quadro 2 - Ficha cemiterial geral	80
Quadro 3 - Ficha tumular individual	82
Quadro 4 - Lista de pessoas falecidas na Vila da Pedra nos anos 1922 a 1930.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico de distribuição dos jazigos no Cemitério Velho entre os séculos XX e XXI...	88
Gráfico 2 - Número de sepultamentos por período no cemitério velho Delmiro Gouveia	100
Gráfico 3 - Distribuição dos tipos de revestimentos nos jazigos do cemitério velho Delmiro Gouveia	102
Gráfico 4 - Classificação dos jazigos no cemitério velho Delmiro Gouveia	113

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

NUPEAH - Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais USP - Universidade de São Paulo

CHESF - Companhia Hidroelétrica do São Francisco

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDPDG - Plano Diretor Participativo de Delmiro Gouveia VANT - Veículo Aéreo Não-Tripulado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I - A MORTE, OS MORTOS E O MORRER: ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DA MORTE, PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA E CEMITÉRIOS.....	29
1.1. A jornada da morte: uma perspectiva histórica sobre os mortos e o morrer	29
1.1.2. Práticas funerárias na arqueologia e o desenvolvimento dos estudos cemiteriais	32
1.1.3. A evolução do conceito de cemitério e os processos históricos que levaram à sua criação	34
1.1.4. Os estudos cemiteriais	38
1.1.5. Cemitério: o espaço de reprodução do imaginário individual e coletivo sobre os mortos	46
CAPÍTULO II - A VILA OPERÁRIA DA PEDRA: UM SÉCULO DE HISTÓRIA NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS, NORDESTE DO BRASIL	50
2.1. Cenário histórico do Alto Sertão Alagoano: Água Branca e Delmiro Gouveia	50
2.1.2. Reflexões sobre aspectos religiosos e os rituais funerários em Delmiro Gouveia - al	63
CAPÍTULO III - ENTRE A VIDA E A MEMÓRIA: O ESPAÇO FUNERÁRIO NA CIDADE DOS VIVOS.....	68
3.1. Localização da área de pesquisa: o cemitério velho Delmiro Gouveia	68
3.1.2. Metodologia da pesquisa: abordagens e procedimentos.....	73
3.1.3. Metodologia de coleta de dados	74
3.1.4. Descrição das atividades realizadas no cemitério velho.....	83
3.1.5. A materialidade do cemitério velho: análise dos jazigos.....	88
3.1.6. Elementos iconográficos nos jazigos do cemitério velho.....	113
CAPÍTULO IV - MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NOS JAZIGOS DO CEMITÉRIO VELHO: UM SÉCULO DE HISTÓRIAS	120
4.1. Primeira fase: jazigos de 1908 até a década de 1920.....	120
4.1.2. Segunda fase: jazigos das décadas de 1930 a 1940.....	122
4.1.3. Terceira fase: jazigos das décadas de 1950 a 1970.....	123
4.1.4. Quarta fase: jazigos das décadas de 1980 a 1990	125
4.1.5. Quinta fase: jazigos dos anos 2000 até os dias atuais.....	126
4.1.6. Jazigos sem identificação	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133

SITES 140

PERIÓDICOS ONLINE..... 141

ANEXOS 142

INTRODUÇÃO

Os cemitérios são espaços socialmente construídos que passaram por transformações ao longo de distintos períodos históricos. Muito mais do que um local para acolher os mortos, os cemitérios são espaços de cultura, história, memória¹, identidade. Como afirma Lima (1994), eles são “entendidos como um lugar de reprodução simbólica do universo social”. Possuem um grande potencial informativo devido ao seu rico acervo em cultura material², possibilitando estudos em diversas áreas do conhecimento, como História, Arqueologia, Antropologia, Artes e Arquitetura. Portanto, “os cemitérios sempre foram espaços de representatividade social nas práticas funerárias expressos em sua cultura material, enquadrando-se como objeto direto do estudo da ciência arqueológica e afins sob a ótica da interdisciplinaridade” (SANTOS, 2021, p. 29).

De acordo com Besen (2023), os cemitérios desempenham um papel importante na preservação de memória, vida e de história de uma sociedade. As informações podem ser acessadas por meio da análise da sua arquitetura, da arte tumular e dos elementos iconográficos presentes nas estruturas. Os cemitérios oitocentistas no Brasil, por exemplo, são ricamente detalhados e possibilitam excelentes estudos. Portanto, o cemitério pode ser entendido como um documento possível de ser compreendido e interpretado, funcionando como um testemunho da história (SANTOS, 2021, p. 22).

Com isso em mente, realizamos um estudo no Cemitério Municipal de Delmiro Gouveia, Alagoas, popularmente conhecido como Cemitério Velho. Este estudo focou na materialidade cemiterial, abrangendo os jazigos e os adornos, que fornecem dados essenciais para a compreensão do patrimônio cemiterial delmirenses. Assim, o objeto de estudo desta pesquisa é o cemitério velho, com o objetivo de analisar e discutir mudanças e permanências nos espaços específicos de enterramento, denominados jazigos, para identificar padrões na materialidade destes. Para isso, realizamos levantamentos bibliográficos, documentais, fotográficos, além de uma análise detalhada da materialidade cemiterial.

A análise dos espaços de sepultamento, como os jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia, é fundamental para a compreensão da relação entre a comunidade local e suas práticas

¹ Para Jacques Le Goff, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1988)

² Entendemos por cultura material a soma de todos os objetos, materiais, substâncias, coisas, artefatos, mercadorias, bens manipulados e materializados em uma sociedade ou que possuem significado. Não se trata, por nada, em medir seu valor ou peso de significado, mas seu envolvimento no mundo vivido das pessoas (HILBERT, K, 2020, p. 2).

funerárias ao longo do tempo. Como dito anteriormente, esse estudo busca identificar as mudanças e permanências nos padrões materiais, simbólicos e arquitetônicos dos jazigos, que refletem não apenas o legado histórico e cultural, mas também as transformações sociais, religiosas e econômicas do Alto Sertão de Alagoas. A materialidade cemiterial oferece registro tangível de memórias e valores de diferentes épocas, sendo o cemitério um espaço privilegiado para investigar esses processos. A pesquisa se justifica pela necessidade de preservar e interpretar esse patrimônio, que, embora muitas vezes esquecido, é vital para o estudo da identidade cultura e histórica da região. Além disso, ao documentar e analisar esses elementos, este trabalho contribui para o debate sobre a preservação dos cemitérios como patrimônio cultural, fornecendo dados relevantes para futuras intervenções de conservação e para a valorização da memória coletiva da cidade de Delmiro Gouveia.

Iniciamos os trabalhos com uma visita à Câmara Municipal da cidade com o objetivo de coletar documentos relacionados à implantação e inauguração do cemitério velho. Embora poucos documentos tenham sido disponibilizados, nenhum deles era específico ao cemitério em estudo. Os materiais cedidos incluíam a Indicação nº 069/2021, referente a um pedido de reforma no Cemitério Adonias Queiroz Mafra (Cemitério Novo); O requerimento verbal nº 019/2020, que solicitava iluminação pública em todos os cemitérios do município, e um Projeto de Lei nº 001/2019, que designava oficialmente o nome do Cemitério Público Elias Bezerra de Lima, localizado no distrito Jardim Cordeiro.

Após essa experiência sem sucesso, buscamos informações junto à Secretaria de Infraestrutura, Urbanismo, Transporte e Habitação. No entanto, foram disponibilizados apenas registros recentes de Relatórios de Sepultamentos do cemitério novo, correspondentes aos anos 2020, 2021 e 2022, que não são pertinentes para o momento.

Em seguida, visitamos o prédio da Prefeitura Municipal com o mesmo objetivo de encontrar documentações relacionadas ao cemitério velho. Buscávamos dados sobre ocupação territorial onde o cemitério foi implantado, seu ano de inauguração e registros de planejamento arquitetônico ou planta da cidade. No entanto, nada foi encontrado. As orientações recebidas por parte do poder público foi a de procurar o responsável pela administração dos cemitérios Delmiro Gouveia (Velho), São José e o Adonias Queiroz Mafra, os dois últimos situados no bairro Cohab Velha, região central.

Mais uma vez, nenhum dado relevante foi encontrado, evidenciando a dificuldade que o pesquisadores enfrentam, especialmente ao tentar dar visibilidade a sujeitos da história menos conhecidos e que não são participantes diretos da história oficial.

Vale ressaltar que, ao realizar buscas no site oficial da Prefeitura Municipal, encontramos

apenas alguns dados sobre alguns cemitérios do município, principalmente aqueles localizados em zonas rurais, como o cemitério do povoado Cruz, datado de 1954 e 1958. Em 14 de junho de 1954, pela Lei nº 39, foi autorizada a construção deste cemitério. Já em 27 de fevereiro de 1958, pela Lei nº 85, foi autorizada a construção de um cemitério público na Fazenda Caixão (atualmente Povoado Caixão).

Em 1996, pela Lei nº 721, foi aprovado e sancionado o Código Sanitário do Município de Delmiro Gouveia, estabelecendo normas para o controle sanitário e para a promoção da saúde. No capítulo III, o Artigo 23 é dedicado aos cemitérios e necrotérios, especificando que os cemitérios "serão construídos em pontos elevados, na contravertente das águas que tenham que alimentar cisternas e deverão ficar isolados por logradouros públicos com largura mínima de 14 metros em zonas abastecidas pelas redes de água ou de 30 metros em zonas não providas da mesma³".

Uma fonte de pesquisa de extrema importância é a Hemeroteca Nacional, onde se encontra uma quantidade significativa de jornais⁴ digitalizados do estado de Alagoas na *Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional*. Em alguns desses jornais, há menções sobre a Vila da Pedra, atual Delmiro Gouveia, especialmente sobre o episódio do assassinato de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia⁵. No entanto, não foram encontradas informações relacionadas aos cemitérios e sepultamentos na região.

Na biblioteca da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão⁶, há exemplares do Jornal "*Correio da Pedra*"⁷, um semanário que circulou entre 1918 e 1930⁸, com textos de jornalistas locais e de diversas cidades, inclusive do Recife. Este jornal foi criado por Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, mas ele não chegou a vê-lo em circulação, pois foi assassinado aos 54 anos, em 1917⁹.

³ Disponível em <https://transparencia.delmirogouveia.al.gov.br/legislacao/leis.php> Acesso em: 19/04/2023.

⁴ Jornal O Orbe (AL) - 1879-1900; O Cruzeiro (AL) - 1909; Evolucionista: Jornal da Tarde (AL) - 1905-1906; Revista Commercial e Agrícola das Alagoas (AL) - 1912-1914; Gutenberg: Órgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mútuos (AL) - 1881-1911; Jornal O Semeador (AL) - 1916; Jornal O Norte - 1910; Mocidade: Revista para a Mocidade Estudiosa (AL) - 1946-1949; Jornal do Penedo: Orgam do Partido Republicano Conservador (AL) - 1912-1950; Diário do Povo: Órgão do Partido Republicano Conservador (AL) - 1916-1917; Mensagens do Governador de Alagoas para Assembléia (AL) - 1890-1930; Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (AL) - 1890-1930.

⁵ Segundo Edvaldo Nascimento, Delmiro foi o pioneiro na utilização das águas do São Francisco na produção de energia. Tornou-se ainda um mercador e industrial de sucesso em fins do século XIX e começo do século XX, quando despontava a primeira República Brasileira (NASCIMENTO, 2012).

⁶ <https://ufal.br/servidor/noticias/2018/11/colecao-do-jornal-correio-da-pedra-e-livro-sao-lancados-durante-encontro-nacional-de-historia-do-sertao> Acesso em: 18/04/2023.

⁷ Os exemplares disponíveis correspondem ao **Volume I** do Correio da Pedra (1922-1924); **Volume II** (1925-1926); **Volume III** (1927-1928); **Volume IV** (1929-1930).

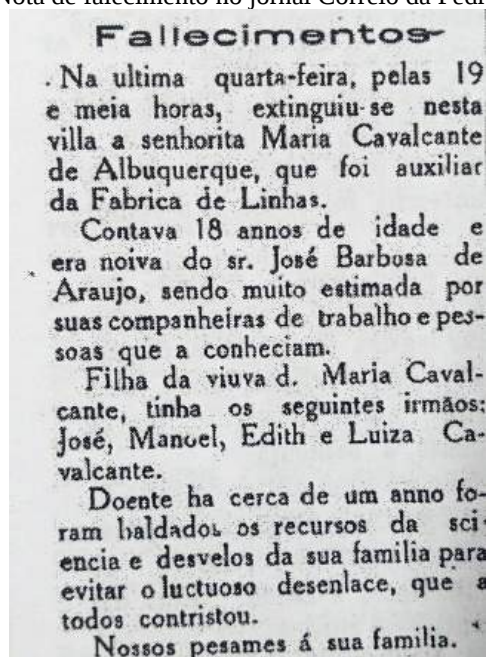
⁸ O jornal Correio da Pedra era um dos principais meios de propagação de informações da Vila da Pedra e de outros locais, inclusive com notícias internacionais. Importante destacar que existem algumas lacunas entre os exemplares, sobretudo entre os anos 1918 e 1921, e é provável que estes tenham se tornado ilegíveis devido a fatores ambientais, às ações do tempo (NASCIMENTO, 2012; SANTOS, 2022).

⁹ Folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/colecao-sobre-delmiro-gouveia->

O jornal não apresentava apenas o cotidiano da Vila, mas apresentava também informações de várias regiões nacionais e internacionais, conectando assim os moradores da vila com os acontecimentos externos que vinham acontecendo. O jornal também apresentava inúmeros discursos de valores, discutindo quais condutas eram aceitáveis no povoado, se fazendo assim um agente que atuava diretamente nos modos de vida dessa população (SILVA, 2021, p. 28).

Para auxiliar nas pesquisas, analisamos todos os volumes disponíveis do jornal *Correio da Pedra*, abrangendo os anos de 1922 a 1930. Esses volumes forneceram dados significativos que se caracterizam como fontes valiosas de informações e referências para estudos da história local, das famílias, da cultura, e de outros aspectos. No *Correio da Pedra*, encontramos notas de diversos falecimentos, tanto de pessoas ligadas diretamente à Fábrica de Linhas (funcionários e funcionárias), quanto de pessoas indiretamente relacionadas, como parentes de trabalhadores ou importantes comerciantes locais, que foram sepultadas no cemitério da Vila da Pedra (figuras 1 e 2).

Figura 1 - Nota de falecimento no jornal Correio da Pedra 1922-1924



Fonte: Correio da Pedra, Volume I (1922 - 1924)

Figura 2 - Nota de falecimento no jornal Correio da Pedra, volume 1925-1926

Fallecimento — Em 1 do corrente foi a villa da Pedra surpreendida com a noticia do subito fallecimento do sr. Alventino Alves, negociante no bairro Desvio.

De vespera andara o mallogrado cidadão em sua actividade costumeira, aprestando as decorações e solemnidades para a missa do Anno Bom, que, por sua iniciativa, foi celebrada naquella local, á meia noite de 31 de Dezembro.

Sentindo-se repentinamente indisposto, recolheu-se á sua casa, succumbindo cerca das 14 horas.

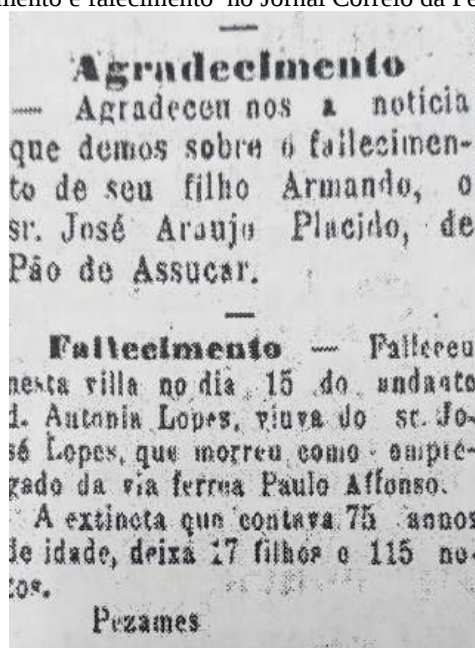
Relacionado e hemquisto, contava vinte e seis annos de idade e era casado com a sra. Joaquina Alves, deixando dous filhos menores.

Fonte: Correio da Pedra - Volume II (1925 - 1926)

Com essas informações foi possível identificar até mesmo alguns antigos túmulos pertencentes a algumas famílias que viviam em Pedra no início do século XX. Vale ressaltar que nas notas de agradecimento e falecimento geralmente eram destacadas as condições em que se encontravam os moribundos, apontando até mesmo possíveis causas de mortes, como doenças e enfermidades comuns na época.

São também recorrentes nas páginas do periódico, demonstrações de gratidão aos que se fizeram presentes a velórios e enterros no cemitério da Vila Operária da Pedra (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Nota de agradecimento e falecimento no Jornal Correio da Pedra, volume IV (1927 - 1928)



Fonte: Correio da Pedra, Volume IV (1927 - 1928)

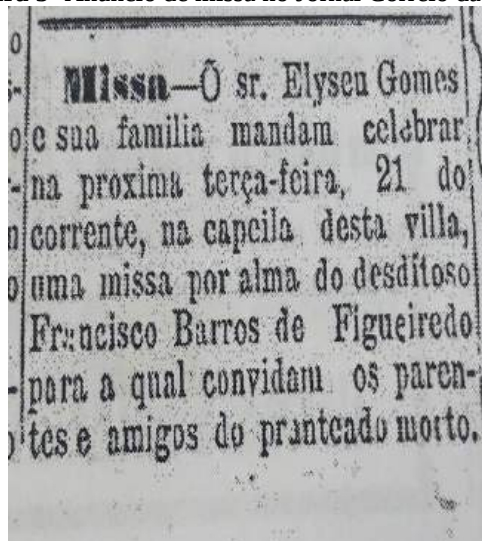
Figura 4 - Nota de agradecimento no jornal Correio da Pedra, volume V (1929-1930)



Fonte: Correio da Pedra, Vol. V (1929 - 1930)

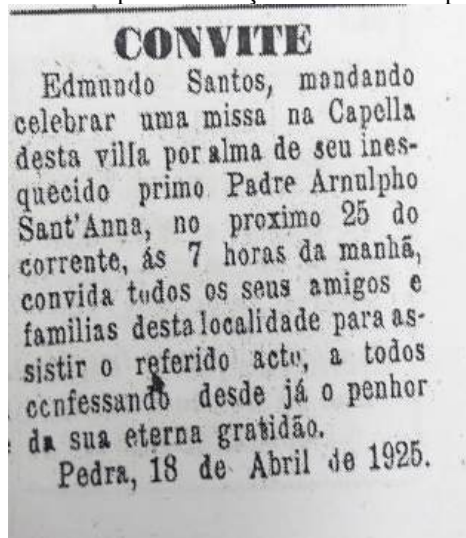
Além destes, existem muitos convites públicos para celebrações e anúncios de missas em homenagem aos falecidos e encomendas de suas almas, realizadas na Capela da Vila, de acordo com as figuras 5 e 6, respectivamente.

Figura 5- Anuncio de missa no Jornal Correio da Pedra



Fonte: Jornal Correio da Pedra, Vol. I (1922 - 1924)

Figura 6 - Convite para celebração de missa na capela da Vila



Fonte: Jornal Correio da Pedra, Vol. II (1925 - 1926)

Portanto, essas informações foram de suma importância para identificar alguns jazigos que são carentes de dados como sexo do indivíduo, data de nascimento e falecimento, além de informações sobre possíveis causa de morte na época.

Durante as pesquisas e nas primeiras visitas no cemitério da cidade para coleta de dados, surgiram questionamentos essenciais sobre o objeto de estudo. Uma das principais indagações foi se a construção deste cemitério está diretamente ligada às transformações ocorridas no antigo Povoado

da Pedra, desencadeadas pela instalação e operação da Usina de Anjiquinhos, pela Fábrica de Linhas e seu Núcleo Fabril. Isso porque, na fachada do cemitério, há um elemento iconográfico que parece remeter à Companhia Agro Fabril Mercantil, a simbologia da Estrela, característica dos produtos confeccionados pelos trabalhadores e trabalhadoras da referida fábrica em Pedra. Além disso, levantou-se a hipótese de que essas mudanças possam ter influenciado as práticas de cultos aos mortos e a concepção dos espaços de sepultamento desde o início do século XX.

Vale destacar que, além do cemitério velho, a cidade conta com mais dois cemitérios urbanos na região central: o cemitério São José e o cemitério Adonias Queiroz Mafra, ambos situados na Travessa Tiradentes, no bairro Cohab Velha, conforme ilustrado na figura 7 a seguir. Além desses, há ainda outros cemitérios localizados na zona rural da cidade.

Figura 7 - Localização dos Cemitérios São José (canto inferior) e Adonias Queiroz Mafra (canto superior)



Fonte: Google Maps, 2023

Ao contrário do cemitério velho, localizado nas proximidades de um bairro periférico da cidade, caracterizando-se por estar em uma área mais afastada, pouco habitada e cercada pela caatinga, os cemitérios São José e o Adonias Queiroz Mafra, estão situados em uma região central,

bastante habitada, com área para estacionamento e praça arborizada.

No que diz respeito à organização interna, o cemitério São José apresenta uma disposição aparentemente mais ordenada, com ruas e quadras demarcadas a partir do Cruzeiro. Entretanto, ao longo dos anos, parece ter havido uma superlotação do espaço, levando à construção de uma extensão, o cemitério Adonias Queiroz Mafra, inaugurado no ano de 2004. Entre os dois cemitérios há uma passagem interna que os conecta. O Adonias Queiroz Mafra é distinto por não possuir estruturas tumulares de médio e grande porte, sendo composto apenas por covas rasas simples ou com alguma construção sob a sepultura. É também que conta com um ossuário vertical, com gavetas lacradas destinadas a armazenar os remanescentes ósseos provenientes de exumações.

O cemitério velho possui uma área de aproximadamente 2.646,34 m², significativamente menor se comparado ao cemitério São José, que ocupa uma área total de aproximadamente 5.210,69 m², e ao Cemitério Adonias Queiroz Mafra, com 5.783,51 m². Em relação ao cemitério velho, este conta com apenas uma entrada, apesar de existirem mais duas estruturas arquitetônicas equivalentes que não proporcionam acesso ao interior do cemitério. Não há capelas ou oratórios para realização de missas, nem espaços reservados para orações, como ocorre no Adonias Queiroz Mafra, que dispõe de velódromo público (figura 8), um local destinado ao cortejo final onde as pessoas se reúnem para se despedir do falecido.

Figura 8 - Velódromo público municipal no Cemitério Adonias Queiroz Mafra



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Nos capítulos seguintes, apresentamos a dissertação organizada em quatro partes distintas. No capítulo I, exploramos diversas perspectivas sobre a história da morte, das práticas funerárias na arqueologia e os estudos cemiteriais, com ênfase em estudiosos renomados como Ariès (2000, 2012), Borges (2001, 2002, 2007, 2013, 2018), Lima (1994), Ribeiro (2007), Bellomo (2000), Comunale (2013, 2017), Dillmann (2013), Reis (2014), Costa e Castro (2015), Valladares (1972), Martins (1983), Reis (1991), entre outros.

No capítulo II, abordamos a história da Vila da Pedra, oferecendo um panorama do contexto histórico da região do Alto Sertão, com ênfase nos cenários de Água Branca e na centenária Delmiro Gouveia.

No capítulo III, abordamos a localização da área de pesquisa, contextualizando suas principais características regionais e ambientais. Em seguida, apresentamos a metodologia empregada, detalhando o processo de campo, as atividades realizadas e a materialidade do cemitério, incluindo a análise dos jazigos, adornos e iconografia.

No capítulo IV, apresentamos os resultados das análises dos jazigos, adornos e iconografias da cultura material funerária do cemitério velho. Assim, investigamos as transformações e

permanências ocorridas nos jazigos ao longo do tempo, desde o início do século XX até os dias atuais, identificando cinco fases distintas de evolução tanto nos jazigos quanto em seus adornos.

Nas considerações finais, destacamos a diversidade de dimensões e estilos arquitetônicos que refletem as práticas funerárias e as transformações sociais ao longo do tempo. A coexistência de elementos antigos e modernos, além da variedade de adornos e iconografia, evidencia a riqueza cultural e histórica desse espaço cemiterial. As condições de conservação e os fatores ambientais também são essenciais para compreender o estado atual dos jazigos. Assim, o cemitério se mostra como um valioso espaço de memória, oferecendo uma compreensão profunda sobre as tradições e práticas mortuárias de diferentes épocas. Além disso, é fundamental reconhecer a importância desses espaços para a preservação da história local, mesmo que a população nem sempre compreenda plenamente seu valor. Nesse contexto, cabe ao poder público implementar ações de conservação, promovendo a educação patrimonial como meio de conscientizar e valorizar esses locais históricos (COMUNALE, 2020).

CAPÍTULO I

A MORTE, OS MORTOS E O MORRER: ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DA MORTE, PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA E CEMITÉRIOS

1.1. A JORNADA DA MORTE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE OS MORTOS E O MORRER

Neste capítulo, discutimos os temas fúnebres à luz de diversos estudiosos, como Ariès (2000, 2012), Elias (2001), Araújo (2006, 2008, 2013, 2014, 2015), Borges (2001, 2002, 2007, 2013, 2018), Madeira (2007), Pereira (2012), Ismério (2013, 2017), Rocha (2017), Tavares (2019), Silva e Rodrigues (2019), Nogueira (2022), além das abordagens sobre cemitérios como sítios arqueológicos e fontes de pesquisa histórica por Lima (1994), Ribeiro (2007), Costa (2012), Roedel (2017), Campos (2018), Deetz e Dethlefsen (1978). Também são exploradas as produções acadêmicas que tratam dos estudos em cemitérios históricos secularizados, como em obras de Bellomo (2000), Mumford (2004), Rezende (2004, 2007), Castro, V. (2007), Comunale (2013, 2017), Dillmann (2013), Reis (2014), Costa e Castro (2015), Duarte (2016), Ahlert (2017), Caino e Roedel (2017), Jesus e Comerlato (2021), Machado e Castro (2017), Matos, Mutzenberg e Cisneiros (2017), Hilbert (2020), Santos (2021), Coimbra (2021). Destacam-se também os principais nomes das pesquisas no campo funerário, como Valladares (1972), Martins (1983) e Reis (1991).

Ainda hoje, o tema da morte e do morrer¹⁰ é cercado por grandes tabus. Esse evento nos afeta de diversas maneiras e frequentemente nos sentimos perdidos diante da partida de um ente querido, evitando até mesmo abordar esses assuntos, pois, como disse Ariés (2012, p. 40), “a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome”. Neste contexto, Nogueira (2022, p.29) nos traz uma reflexão sobre a sociedade ocidental e sua maneira de pensar sobre a morte e o luto: “No contexto da cultura ocidental contemporânea, a morte permanece como um assunto a ser evitado a todo o custo e sobre o qual não se debate com naturalidade, ainda que saibamos que ela é inevitável, pois é vista como um limite. E o luto decorre dessa realidade insuperável”.

Pensar na morte e nas suas consequências pode influenciar nossas atitudes e pensamentos em relação à finitude da vida, independentemente de classe, cultura ou religião. É um momento onde podemos experimentar diversas emoções, cada uma expressa de maneiras únicas. Sentimentos

¹⁰ Renato Nogueira (2022, p. 12) apresenta a psiquiatra suíço-americana Elisabeth Kubler-Ross, onde a mesma possui um trabalho intitulado “*Sobre a morte e o morrer*”, trabalho que popularizou o luto como um processo em cinco estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

frequentemente conflitantes, como dor, angústia, medo, tristeza, ansiedade, raiva, podem surgir, mesmo sabendo que a vida é impermanente, a realidade é incerta e a morte pode ser iminente e incontrolável. Existem várias maneiras de lidar com a finitude da vida, sendo uma das mais antigas e comuns a ideia da existência após a morte (ELIAS, 2001; NOGUEIRA, 2022).

O autor Araújo menciona duas reações distintas descritas por Steyer (2000), que os indivíduos podem experimentar diante do fenômeno da morte: o sentimento de negação ou a aceitação da mortalidade. Araújo (2013, p.7) destaca:

A reação mais comum é a de negação do fato, pela qual a família do morto expressa seus sentimentos de revolta com o fim da vida através de inscrições, fotografias e objetos colocados nos túmulos que relembram a vida terrena. A aceitação da morte terrena aparece através de demonstrações de fé e de homenagens e saudações à vida do defunto.

Assim, lidar com a morte é um desafio. Apesar das tentativas de mitigar as dores causadas por este fenômeno, ela permanece assustadora e figura como um dos principais medos humanos (PEREIRA, 2012, p.01). Segundo Nogueira (2022, p. 29), “a morte só é cogitada como pauta diante da sua iminência. Em casos bastante específicos, ela é debatida sob as luzes do constrangimento e da vergonha”. No entanto, conforme indicam diversas fontes literárias, essa relação do ser humano com a morte variou ao longo da história da humanidade.

Em “*História da morte no ocidente*”, Philippe Ariès explora as mudanças nas atitudes e comportamentos dos homens ocidentais em relação à morte. O autor argumenta que por muito tempo a morte foi vista como um evento natural¹¹, onde os rituais eram aceitos e realizados sem muitas dramatizações ou demonstrações excessivas de emoção (ARIÈS, 2012, p.39-40). Na sociedade ocidental do século XIX, influenciadas pelas práticas cristãs, a morte era tratada com naturalidade e os indivíduos se preparavam para o fim da vida ao planejarem uma “boa morte” ainda em vida (ARIÈS, 2012; TAVARES, 2019).

Durante a Idade Média, havia uma preocupação significativa com o momento da morte, marcado pela celebração de diversos rituais nos últimos momentos de vida do moribundo. Todo o foco era direcionado para o indivíduo prestes a morrer, com intensa presença em seus aposentos. Eram realizadas orações e confissões, visando à absolvição dos pecados e à recepção dos últimos sacramentos pela igreja, como a unção dos enfermos. Essas práticas eram consideradas cruciais para

¹¹ Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava evitá-la, nem exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor (ARIÈS, 2012, p. 50).

garantir uma passagem tranquila para o além, assegurando a salvação e o descanso eterno¹² após a morte. A igreja desempenhava um papel fundamental nesse processo, liderando os ritos finais e oferecendo conforto, proteção e amparo. Isso evidencia o poder absoluto da religião como autoridade principal na condução dos últimos momentos (BORGES et. al, 2007; ARIÈS, 2012, TAVARES, 2019).

No entanto, apesar da sua familiaridade com a morte, os antigos temiam a proximidade com os mortos e prezavam por mantê-los a distância. Embora valorizassem as sepulturas, acreditavam que “o mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos”(ARIÈS, 2012, p.41). Em “*A morte Domada*”, fica evidente o desejo dos antigos em manter essa separação, o que se refletia no conjunto de leis elaboradas em Roma, como a *Lei das Doze Tábuas*, que estabelecia regras para funerais e o respeito aos mortos. Na Tábua Décima, por exemplo, era proibido sepultar ou incinerar um corpo dentro da cidade. Além disso, havia regras específicas sobre as vestimentas dos mortos e o comportamento das mulheres durante os funerais, que não podiam cometer excessos, como gritos imoderados. A lei também limitava os sepultamentos secundários, com algumas exceções¹³, e impunha restrições quanto ao uso de coroas longas e ouro (ARIÈS, 2012; MADEIRA, 2007; ROCHA, 2017).

Como mencionado anteriormente, os comportamentos e atitudes do homem diante da morte mudaram ao longo das épocas, e essas mudanças nas mentalidades repercutiram em outros espaços dedicados à morte, como os cemitérios seculares, que também foram modificados conforme o imaginário coletivo de cada período. Assim, “no bojo das mudanças nas mentalidades, que se refratam nas relações do humano com a morte, os espaços dedicados aos corpos sem vida são também modificados de acordo com essas mesmas relações” (SILVA; RODRIGUES, 2019, p. 92).

Apesar de temas como a morte e os espaços destinados aos mortos (cemitérios) terem se tornados recorrentes em diversas pesquisas nos últimos anos (ISMÉRIO, 2017), essa temática ainda merece ser mais explorada, pois permanece carregada de preconceitos e tabus para grande parte da sociedade. Segundo Magalhães (2018), os assuntos fúnebres “são um campo relativamente novo no Brasil”. No entanto, tem havido uma ampliação do conhecimento sobre a morte, com a produção de

¹² Primeiras manifestações sobre a concepção de Boa Morte se delineiam no mundo Grego, associando a morte com o sono. Logo, diante do imaginário grego coletivo, ter uma boa morte seria alguém que em vida tenha praticado atos de bravura, de coragem, conquistando espaço na memória dos vivos, para que assim pudessem repousar dos sofrimentos (BORGES et. al., 2007, p. 169).

¹³ “A menos que tenha morrido na Guerra ou em país estrangeiro” (ROCHA, F. I. F. Lei das XII Tábuas: Duodecim Tabularum. O Rabujo, 2017. Disponível em: <https://orabujo.wordpress.com/2017/11/23/download-a-lei-das-xii-tabuas/> Acesso em: 25/09/2023.

pesquisas e o desenvolvimento de campos diversos que abordam essa perspectiva, assim como as discussões sobre cemitérios. Essa ampliação é proporcionada pela combinação de “fontes de natureza arquivística, de origem civil e religiosa, com a produção científica atualizada, através dos grandes estudiosos do assunto na Europa e no Brasil” (MAGALHÃES, 2018, p. 28).

No entanto, os assuntos ligados à morte e aos espaços de sepultamentos ainda são vistos por muitos como sombrios, negativos ou carregados de energias indesejáveis, sendo frequentemente relegados ao esquecimento. Isso ficou ainda mais evidente através da minha experiência enquanto pesquisadora envolvida com a morte e, especialmente, com a cidade dos mortos, ou seja, o cemitério velho do município onde resido. Diversas pessoas reagiram com curiosidade e espanto ao mencionar meu envolvimento com a temática, principalmente devido à relação direta com os jazigos proporcionada pelo trabalho de campo para o desenvolvimento da pesquisa. As percepções das pessoas sobre o cemitério geralmente estão atreladas à obscuridade, atraso e tristeza, destacando ainda mais a distância entre a relação homem com a morte. Portanto, é indispensável refletir e discutir sobre esses espaços e os papéis das sociedades nos processos que envolvem a morte e morrer, como o preparo para velório, o caixão aberto¹⁴ para as últimas homenagens e orações, cortejo fúnebre, missas (MATOS, et.al, 2017), até o sepultamento final, bem como os próprios espaços funerários, lugar de “memória-vivida¹⁵”.

1.1.2. PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS CEMITERIAIS

Estudar o universo da morte é de suma importância, especialmente ao examinar os lugares onde as pessoas são sepultadas, como os cemitérios históricos. Esses espaços não apenas permitem uma leitura da sua materialidade, mas também oferecem um campo interdisciplinar que dialoga com diversas áreas do conhecimento (MAGALHÃES, 2018; COMERLATO, 2022). No contexto dos estudos cemiteriais, explorar a cultura material, incluindo jazigos e lápides, possibilita inferências sobre relações de poder, diferenças sociais, estudos de gênero, rituais e estado de conservação dos túmulos enquanto patrimônio cultural (COSTA e CASTRO, 2015).

Através de extensas pesquisas e estudos dedicados à temática, sabemos que ao longo da

¹⁴ Exceto pelas imposições impostas pelo período pandêmico da Covid-19.

¹⁵ BORGES, M. E. **Entrecruzamento**: história institucional da abec e dos saberes da arte funerária no Brasil. Revista de Teoria da História, Volume 19, Número 1, Junho/2018 - Universidade Federal de Goiás.

história, diversas culturas e sociedades adotaram abordagens distintas diante do fenômeno da morte. Compreender as práticas funerárias pode nos fornecer dados importantíssimos sobre a cultura e a trajetória de uma comunidade ou sociedade. No entanto, como observado por Roedel (2017) os espaços funerários da nossa própria sociedade capitalista ocidental só passaram a ser entendidos como objeto de estudo arqueológico no século XX. Isso indica que, apesar da importância de investigar esses espaços, eles não foram amplamente explorados como campo de estudo na sociedade capitalista ocidental até o século XX. Em outras palavras, os cemitérios e as práticas funerárias das sociedades ocidentais não foram consideradas objetos de estudo acadêmico até recentemente. Embora desde sua origem a arqueologia tenha investigado espaços de morte e enterramentos, seu foco inicial era nos cemitérios da elite de outras culturas, como os astecas, maias, gregos e romanos. (ROEDEL, 2017, p. 242).

Desde tempos antigos, existe interesse pelo passado das sociedades humanas, porém os métodos arqueológicos propriamente ditos só foram desenvolvidos com a consolidação da disciplina no século XIX. Como observado por Ribeiro (2007, p.38), a arqueologia começou a sistematizar técnicas como escavação, datação, estratigrafia e seriação, essenciais para a compreensão profunda dos contextos funerários e culturais.

É ainda fundamental destacar as contribuições de Ribeiro (2007) para o desenvolvimento dos estudos que abordam os espaços funerários como objetos de estudo arqueológico. A arqueologia das práticas funerárias evoluiu dentro das principais abordagens teóricas do Histórico Culturalismo, Processualismo e Pós-processualismo. Essas abordagens teóricas da arqueologia oferecem diferentes perspectivas sobre os estudos relacionados a contextos funerários. O termo “Arqueologia das práticas mortuárias”, introduzido por Ribeiro (2007), emergiu no contexto dos estudos processuais da década de 1960. Conforme observado pela autora, “a década de 60 apresentou as primeiras transformações significativas no campo da arqueologia das práticas mortuárias”(RIBEIRO, 2007 p. 136). Essa abordagem enfoca, além dos rituais e práticas envolvidas nos sepultamentos, análises detalhadas dos adornos e estruturas funerárias como reflexo das crenças e estruturas sociais das comunidades antigas. Vale ressaltar ainda que, essa linha de pesquisa não se limita a examinar os rituais funerários, mas também busca compreender seu significado cultural mais abrangente dentro das sociedades estudadas. As diferentes abordagens teóricas, desde o Culturalismo até o Pós-processualismo, oferecem perspectivas variadas para interpretar e contextualizar os achados arqueológicos relacionados aos contextos funerários, o que enriquece significativamente nossa compreensão da história e da cultura passada.

1.1.3. A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE CEMITÉRIO E OS PROCESSOS HISTÓRICOS QUE LEVARAM À SUA CRIAÇÃO

Inicialmente, a palavra “cemitério” designava um local onde se dormia, podendo este ser quarto, dormitório, pórtico para peregrinos. No entanto, sob a influência das ideias cristãs nos primeiros séculos de nossa era, o termo passou a significar um campo de descanso após a morte. Era o lugar onde se aguardava a ressurreição e o soar das trombetas do Juízo Final (ALMEIDA, 2013, p.1977).

Conforme Lima (1994, p.90), o espaço funerário é descrito como lugar cercado, bem delimitado, murado, com grades de segurança, dividido em quadras e alamedas, organizado geometricamente para permitir observação, vigilância e controle. A autora utiliza o conceito filosófico de Michel Foucault da “*sociedade disciplinar*”, estabelecendo uma analogia entre o cemitério e outros espaços onde são aplicados dispositivos de controle e vigilância, como hospícios e presídios. No contexto dos espaços cemiteriais, essa ideia destaca a separação necessária entre os mortos e os vivos, cada um em seus respectivos espaços de confinamento, que devem ser cuidados e respeitados.

O surgimento dos cemitérios extramuros foi impulsionado por ideologias higienistas e sanitárias que surgiram na Europa devido às práticas de sepultamento dentro das igrejas e em seus arredores. Esses enterramentos frequentemente causavam doenças infecciosas devido a decomposição dos corpos, o que poderia transmitir desde doenças epidêmicas até a contaminar o ar e a água usados pela população (MATOS *et. al.*, 2017). Pessoas com maior poder aquisitivo, como reis e clérigos, garantiam seu descanso pós-morte em locais privilegiados, dentro dos templos sagrados¹⁶ por meio de doações, enquanto as camadas populares geralmente eram sepultadas nos arredores das igrejas. Os mortos pobres e escravos frequentemente eram depositados em grandes fossas comuns, onde eram amontoados. Aqueles que não podiam pagar pelo sepultamento dentro da igreja eram lançados em “poços de 30 pés de profundidade, de 5 metros por 6 metros de superfície, contendo entre 1200 a 1500 cadáveres, as mais pequenas de 600 a 700” (ARIÈS, 2000, p.73). Sobre as inumações, Comunale (2013, p. 1), acrescenta:

Durante vários séculos na Europa os enterramentos aconteciam dentro das igrejas de forma diferenciada onde aqueles que não possuíam tantos recursos eram enterrados

¹⁶ Philippe Ariès menciona o caso onde foram realizadas escavações das cidades romanas da África ou da Espanha, onde “[...] o acúmulo de sarcófagos de pedra em várias camadas, contornando particularmente as paredes do altar-mor, as mais próximas do confessionário. Esta aglomeração testemunha a força do desejo de ser enterrado perto dos santos, ad sanctos”. (ARIÈS, 2012, p. 43).

nos adros da igreja, os mais bem aventurados acreditavam que uma boa doação garantiria o seu enterramento próximo ao altar mor e com isso a salvação de sua alma estava garantida.

No entanto, nem sempre houve uma proximidade entre os vivos e os mortos¹⁷. Embora a morte tenha sido considerada algo natural por longos séculos e mesmo celebrada publicamente, com a participação de parentes, vizinhos, médicos e até crianças no “evento do moribundo”, para as sociedades antigas, os mortos não ocupavam espaço no mundo dos vivos, especialmente nas cidades (ARIÈS, 2012, p. 39). ARIÈS (2012, p.41) conclui que apesar de lidarem de maneira familiar com a morte, as sociedades antigas temiam a presença próxima dos mortos e procuravam mantê-los afastados. Elas prestavam homenagens às sepulturas - nosso entendimento das civilizações antigas pré-cristãs é amplamente baseado na arqueologia funerária e nos artefatos encontrados nas tumbas. No entanto, um dos objetivos dos ritos funerários era evitar que os falecidos retornassem para perturbar os vivos.

Posteriormente, os mortos começaram a ser enterrados dentro das cidades, após um longo período de afastamento, o que levou à ideia de “ não haver mais diferença entre cemitério e igreja” (ARIÈS, 2012, p.43). Assim, o termo “igreja” na língua medieval não se referia apenas à estrutura física, mas também às áreas ao redor, onde os mortos passaram a ser sepultados, além dos enterramentos no interior. Quanto à palavra “cemitério”, Ariès (2012, p. 44) explica que se referia originalmente à área externa da igreja, conhecida como atrium ou aître (átrio). “Aître” era umas das palavras comuns usadas para designar o cemitério, enquanto o termo “cemitério” pertencia mais especificamente ao latim clerical até o século XV. Entretanto, mudanças significativas ocorreram por volta da segunda metade do século XVIII, quando o acúmulo de corpos dentro de templos e pátios não era mais tolerado. Além de representar um risco à saúde pública, essa situação “violava permanentemente a dignidade dos mortos” (ARIÈS, 2012, p. 76). Por esse motivo, foi determinado que os sepultamentos deveriam ocorrer em regiões distantes do perímetro urbano e cercadas por muros, visando à saúde pública, e essas medidas de remoção foram fundamentais para o desenvolvimento das cidades (JESUS; COMERLATO, 2021).

Além das questões de saúde pública promovidas pelas teorias higienistas da época, outros argumentos foram utilizados para justificar o deslocamento dos sepultamentos. A urbanização, os processos acelerados de industrialização e a crescente ascensão da burguesia, resultaram em

¹⁷ Segundo Ariès (2012, p. 75) houve uma grande ruptura entre as atitudes mentais diante dos mortos da Antiguidade e as da Idade Média.

mudanças nos comportamento e costumes, incluindo a forma como se lidava com o destino dos mortos (ALMEIDA, 2013, p. 1978).

Assim como na Europa, onde as práticas funerárias eram controladas pelos costumes católicos e os sepultamentos realizados em locais sagrados, como igrejas e capelas, no Brasil essas práticas também foram introduzidas, herdadas do catolicismo português e fortemente influenciadas pelas Coroas Ibéricas, conhecidos como enterramentos *ad sanctos* (DUARTE, 2016, CAINO e ROEDEL, 2017). Com o surgimento dos cemitérios públicos, estabelecidos após sucessivos períodos de surtos epidêmicos que causaram muitas doenças e mortes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, as práticas funerárias se transformaram. Os sepultamentos que antes ocorriam em igrejas e seus adros foram combatidos, e os mortos passaram a ocupar espaços isolados do mundo dos vivos, os cemitérios (LIMA, 1994).

Borges (2001) enfatiza que, antes da obrigatoriedade da construção de cemitérios a céu aberto conforme a Lei de 1º de outubro de 1828, decretado por D. Pedro I, D. Maria de Portugal já tinha recomendado, em 1789, a construção de cemitérios convencionais no Brasil, seguindo o modelo europeu. A administração desses cemitérios ficariam a cargo das autoridades eclesiásticas.

Apesar da lentidão no progresso da saúde pública no Brasil, atribuídas às formas precárias da organização urbana de natureza higienista do século XIX, conforme mencionado por Andrade (2013, p. 63), reformas urbanas começaram a ocorrer nas grandes metrópoles do império brasileiro. Um marco importante na legislação sanitária municipal foi a formulação dos códigos de posturas urbanas do Rio de Janeiro¹⁸, em 1832, que serviu de referência para outros municípios brasileiros. Este código incluía um conjunto de medidas rigorosas, entre elas a proibição de enterramentos nas igrejas (ANDRADE 2013, p. 52). Assim, os cemitérios tornaram-se produtos de questões científicas, políticas e socioeconômicas que tiveram início no século XIX e se estenderam até o início do século XX (ALMEIDA, 2013, p. 1978).

Para os higienistas, era essencial que as antigas cidades coloniais brasileiras abandonassem seus velhos costumes e se abrissem para a modernidade e os novos processos de urbanização (CASTRO, 2007, p. 21-22). Nesse contexto, “os cemitérios se tornaram prioridade no processo de modernização da malha urbana, como reflexos das políticas de salubridade que foram adotadas a partir da segunda metade do século XIX” (CAINO; ROEDEL 2017, p. 5).

¹⁸ O Primeiro Código de Posturas Municipais do Brasil promulgado no ano de 1832, considerado o grande primeiro passo em matéria de legislação sanitária no Brasil, e referência para as demais municípios do país (ANDRADE, 2013, p. 52).

O discurso de modernidade, progresso e a busca por resolver problemas sociais com base nas ideologias higienistas e científicas foram fatores que contribuíram para legitimar as reformas urbanas, incluindo a construção de cemitérios extramuros nas cidades. Conforme Castro (2007, p. 21), “viam nas reformas urbanas um meio de se livrar de epidemias e evitar problemas sociais e o estigma do atraso colonial”. Assim, mudanças se tornaram indispensáveis em relação ao espaço funerário e ao tratamento dos mortos. Os mortos não poderiam mais compartilhar o mesmo território que os vivos, tornando necessária a construção de locais adequados para sepultá-los, como os cemitérios extramuros, de forma a não interferir nos processos civilizatórios (CASTRO, 2007, p.22).

No entanto, ao implementar as novas medidas em prol da “civilização”, Castro (2007, p. 21) alerta que “assumiram posturas autoritárias e muitas vezes violentas para lidar com os problemas da cidade e com as diferenças sociais presentes”. Entre as medidas adotadas ao longo do século XIX, a autora destaca algumas como: a proibição de sepultamentos nas igrejas, redução do tempo entre velório e sepultamento, e disciplinarização desses rituais, que passariam a ocorrer em cemitérios salubres, arejados e distantes da cidade. Além disso, o barulho dos sinos e os toques nos cortejos também deveriam ser proibidos (CASTRO, 2007, p. 22).

No Brasil, as mudanças começaram a ocorrer por volta do século XIX, com o início do processo de secularização dos cemitérios após a Constituição de 1891, que consagrou a separação entre o Estado e a Igreja (DILLMANN, 2013, p. 25). O parágrafo 5º, Artigo 72 da Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891, assegura que “os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis”.

Considerando o processo de secularização dos cemitérios no Brasil após a Constituição de 1891, é importante refletir sobre como essa mudança afetou as camadas populares da sociedade. Como essas medidas impactaram os católicos, que precisaram enfrentar uma nova realidade de inumação a céu aberto e adaptação aos sepultamentos e cultos aos mortos nos novos cemitérios secularizados? Como as novas políticas sanitárias e a construção dos cemitérios extramuros influenciaram a maneira como lidavam com a morte e os mortos? Conforme observado por Castro (2007, p. 22), “o convívio íntimo era tolerado e os mortos não deveriam ser abandonados no silêncio dos cemitérios, já que o contato entre os vivos e os mortos não cessava após o corpo baixar à sepultura”. Todo esse processo de transformações em relação à morte e à higienização dos espaços públicos resultou em alterações significativas nos costumes fúnebres vigentes à época. As elites e os médicos higienistas, ao adotarem a ideologia da higiene, buscaram intensamente introduzir os padrões

da civilização no Brasil, sem considerar as consequências dessas mudanças no modelo de vida das camadas populares (CASTRO, 2007, p. 22).

No contexto brasileiro, houve resistência significativa por parte da população e das irmandades religiosas em diversas localidades. Dillmann (2013, p. 58) menciona um episódio emblemático conhecido como “a cemiterada”, ocorrido na Bahia, marcado por uma manifestação popular que visava a destruição do cemitério em Salvador. Segundo Reis (2014, p. 31), o levante ocorreu em 25 de outubro de 1836, quando uma multidão provocou a destruição do cemitério do Campo Santo. Esse evento ficou conhecido como “A Cemiterada”, revelando uma forma particular de religiosidade e cultura funerária em que o local de sepultamento desempenhava um papel central no projeto de salvação da alma.

1.1.4. OS ESTUDOS CEMITERIAIS

Segundo Roedel (2017, p. 253) os cemitérios são fontes que não se limitam apenas às discussões sobre a morte. A arqueologia das práticas mortuárias pode contribuir significativamente para uma compreensão mais abrangente do fenômeno social em suas diversas facetas, incluindo as mudanças políticas, alterações econômicas e transformação de mentalidades. Matos et. al. (2017, p. 110), observam que as pesquisas arqueológicas no Brasil relacionadas às práticas funerárias¹⁹ inicialmente evoluíram de maneira gradual, mas atualmente estão ganhando crescente interesse. Diversos estudos, desde monografias até teses de doutorado, estão sendo desenvolvidos, abrangendo áreas como História Econômica e Social, Arquitetura e Belas Artes, Saúde Pública e Epidemiologia, refletindo um aumento significativo no reconhecimento e na importância dos estudos cemiteriais dentro desses campos (CAMPOS, 2018, p. 227).

No que se refere às contribuições na área da Arqueologia Histórica, especialmente na vertente cemiterial, destaca-se o trabalho pioneiro realizado no século XVIII por James Deetz e Edwin S. Dethlefsen (1978)²⁰ no estudo de lápides coloniais na Nova Inglaterra. Segundo Matos et. al. (2017, p.103), esses estudos focaram na cultura material presente em cemitérios históricos, proporcionando insights significativos sobre os padrões culturais e suas transformações. As autoras Mello e Cerqueira

¹⁹ O termo práticas significa tornar mais claro para o estudioso que são estas o objeto de estudo imediato, sendo inacessíveis os pensamentos e vontades que não se manifestaram concretamente em atos, não, pelo menos, do ponto de vista dos vestígios da cultura material (RIBEIRO, 2007, p. 19).

²⁰ Ver em: <http://www.histarch.illinois.edu/plymouth/deathshead.html> Acesso em: 09/10/2023.

(2013, p. 166) destacam que:

A pesquisa das lápides por Edwin Dethlefsen e James Deetz junto com a arte tumular revelou grande valia para a compreensão da cultura material nos cemitérios norte-americanos do século XVIII, trazendo uma riqueza de informações sobre o padrão cultural e suas mudanças.

Deetz é um antropólogo bastante reconhecido na área arqueológica por suas contribuições significativas e suas descobertas que revolucionaram o campo. Ele foi pioneiro no uso de tecnologias digitais na arqueologia, marcando um avanço importante nesse campo. Entre suas realizações destacam-se projetos fundamentais como a pesquisa de lápides em um cemitério da Nova Inglaterra entre as décadas de 1960 e 1970, além do projeto “O Flowerdew Hundred Plantation” nas décadas de 1980 e 1990. Nessas iniciativas, Deetz aplicou métodos da arqueologia histórica, reconhecendo a importância da integração entre registros escritos e os registros arqueológicos, tornando-se um dos personagens mais importantes da Arqueologia histórica²¹, influenciando profundamente o desenvolvimento e a metodologia do campo.

Em se tratando de pesquisas realizadas no Brasil, Lima (1994, p. 88-89) destaca algumas contribuições significativas no campo funerário, como os estudos de Valladares (1972), Martins (1983) e Reis (1991), além de seminários, monografias, teses de doutorado e dissertações. Araújo (2006, p. 15) ressalta o pioneirismo de Valladares em suas investigações sobre cemitérios no Brasil, enfatizando:

O estudo mais significativo sobre cemitérios do Brasil [...], intitulado Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros, no qual o autor faz um levantamento dos principais cemitérios do Brasil e suas esculturas, se detendo mais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, indicando um viés sociológico sobre as obras artísticas contidas nas necrópoles.

Clarival do Prado Valladares foi o pioneiro nos estudos referentes à arte cemiterial ou tumular no Brasil, com sua obra “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros”, publicada no ano de 1972. Nesse trabalho, Valladares realiza uma análise extensa e minuciosa da arte e da arquitetura dos cemitérios de diversas cidades brasileiras, estabelecendo uma base fundamental para pesquisas futuras sobre a arte tumular e cemitérios, conforme destaca Ismério (2017, p. 101). Segundo Borges (2002, p.2), essa obra é a primeira análise de cunho sociológico sobre a história dos cemitérios no Brasil”. Importante ressaltar ainda que Valladares já havia mencionado a arte funerária em sua obra

²¹ Department Of Anthropology Michigan State University. Disponível em: <https://msu-anthropology.github.io/deoa-ss16/deetz/deetz.html> Acesso em: 01/06/2023.

“Riscadores de Milagres”, de 1967.

Atualmente, os trabalhos da pesquisadora Fabiana Comerlato são importantes fontes de pesquisa sobre o universo cemiterial brasileiro, sobretudo em cemitérios baianos. Na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Comerlato lidera diversos grupos de pesquisas focados nesse tema. Mais a diante, serão destacados alguns dos trabalhos realizados por ela e por outros estudiosos na região Nordeste do país.

Vale ressaltar que Tânia Andrade Lima é uma das principais pesquisadoras nos estudos sobre a morte e os cemitérios brasileiros. Seu trabalho de 1994, intitulado *De morcegos e caveiras a cruces e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)*, pode ser considerado o primeiro em arqueologia e estudos cemiteriais no Brasil. Lima analisa as transformações nas práticas funerárias e na representação da morte nos cemitérios do Rio de Janeiro ao longo do século XIX.

A autora investiga como a organização dos cemitérios e a simbologia das sepulturas refletem questões de identidade, status social e mobilidade das famílias cariocas. Com base na análise dos símbolos funerários (como caveiras, cruces e livros) e nos materiais utilizados, a autora demonstra como as mudanças no imaginário sobre a morte acompanham as transformações sociais, culturais e religiosas da época. Ela destaca a transição de uma visão mais macabra da morte, associada a caveiras e morcegos, para uma representação mais cristã e serena, simbolizada por cruces e livro, enfatizando a construção de memória e status social por meio da materialidade fúnebre. Outra importância é que ela entende os cemitérios históricos como sítios arqueológicos. Segundo Lima (1994, p. 95), metodologicamente, os cemitérios foram entendidos como:

Um sítio arqueológico, sendo os jazigos considerados como artefatos e, nessa condição, reunindo uma série de atributos. Dentre estes, foram destacadas, privilegiadas e isoladas para análise, tendo em vista os fins propostos, não apenas a forma e a função (sempre estreitamente associadas), mas sobretudo as representações iconográficas.

Outros nomes também são referências nos estudos sobre a morte e a arte funerária no Brasil, como a professora e pesquisadora Maria Elizia Borges e Harry Rodrigues Bellomo (ISMÉRIO, 2017, p. 102). Em uma entrevista²² concedida no ano de 2013 à Revista Inter-Legere (Revista de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN), Borges discute sobre sua experiência com essa temática, desde sua trajetória no mestrado até o doutorado, onde ampliou seus estudos sobre arte funerária, especialmente os conceitos de morte na modernidade. Para construir seu trabalho, Borges dialogou

22 <file:///C:/Users/alunos/Downloads/document.pdf>

com diversos estudiosos, como Philippe Ariès, Michel Vovelle, José Luiz de Souza Maranhão, Clarival do Prado Valladares e James Curl, cada um contribuindo significativamente para uma abordagem interdisciplinar e rica em suas análises e estudos.

Em sua obra *“Arte funerária no Brasil”*, Borges (2002) analisa a arquitetura e a escultura funerária, destacando a produção dos artistas marmoristas italianos e dos ateliês de Ribeirão Preto (SP). A autora observa que a grande produção da arte tumular desenvolvida entre 1890 a 1930, é resultante dos modos/vivências particulares de grupos sociais em ascensão (ISMÉRIO, 2017, p. 102).

No âmbito da pesquisa cemiterial, destaca-se também Harry Rodrigues Bellomo, uma referência nos estudos da arte funerária nos cemitérios de Porto Alegre - RS. Tanto Lima (1994) quanto Bellomo (2000) são considerados pioneiros nos estudos voltados para a arte tumular no Brasil. De acordo com Ismério (2017, p. 102),

Bellomo (2000), trabalha com as múltiplas tipologias cristãs da arte funerária nos cemitérios de Porto Alegre e no interior do estado do Rio Grande do Sul, destacando que se caracterizam como importantes fontes históricas, pois colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva. Permitindo, dessa forma, o estudo das manifestações e crenças religiosas, das ideias e posturas políticas, mostrando os gostos artísticos da sociedade; oportunizando o conhecimento da formação étnica do município e da expectativa de vida da população; além de propiciar o desenvolvimento de estudos genealógicos [...].

No Rio Grande do Sul, diversos trabalhos de relevância para os estudos cemiteriais foram desenvolvidos, incluindo teses de doutorado de pesquisadores como Thiago Nicolau de Araújo. Em seu trabalho intitulado *“O que amamos não esquecemos: um estudo teológico e cultural de cemitérios teutos no Sul do Brasil”* (2015), Araújo analisou os cemitérios como espaço de expressão e preservação da memória identitária do imigrante teuto no sul do Brasil. Ele interpretou os elementos simbólicos religiosos contidos nas lápides, bem como a estrutura espacial e organizacional dos cemitérios”.

Outros trabalhos realizados por Araújo também merecem destaque. Em *“Hermenêutica e Cemitérios: Um Olhar Sobre o Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre”* (2014), o autor estuda a arte funerária no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, identificando e compreendendo os elementos simbólicos presente no espaço cemiterial, representados pelos túmulos, que revelam o simbolismo religioso católico da cidade. No trabalho *“Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: Múltiplos Olhares sobre o Espaço Cemiterial (1889 - 1930)”* (2008), Araújo parte de uma perspectiva de cemitério como patrimônio histórico e cultural, objetivando a valorização da necrópole como fonte histórica e de identidade cultural da capital do Rio Grande do Sul. Em *“Espaço das representações da morte: Arte tumular como expressão da cultura”* (2013), ele explora como a morte pode ser

representada em diferentes sociedades através da arte tumular.

Ainda no campo das pesquisas voltadas para os cemitérios, destaca-se o trabalho intitulado *“Monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1850-1950)”*, fruto da pesquisa de mestrado de Eliane Bastianello. O estudo teve como objetivo explorar aspectos da memória social da cidade, constituídos nos túmulos e no espaço funerário da Primeira Divisão do referido cemitério.

Sérgio Roberto Rocha da Silva em *“A representação do herói na arte funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)”*, analisou a representação do herói na arte funerária através de símbolos e alegorias, nas cidades de Bagé e Rio Grande no período entre 1900 e 1950. além disso ele identificou os responsáveis pela produção dessa arte.

O geógrafo Eduardo Rezende também contribuiu significativamente para as discussões sobre o universo cemiterial. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *“O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana (2004)”*, ele abordou a evolução dos cemitérios na cidade de São Paulo, desde os primeiros sepultamentos realizados em igrejas (igrejas-cemitério) durante o século XVI até os cemitérios atuais. No livro *“Cemitérios”* (2007), Rezende apresentou um pequeno guia que explora as várias características dos cemitérios através de algumas perspectivas, incluindo aspectos sociais, culturais, questões geográficas e ambientais.

Em Pernambuco, destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Filipe Diego Cintra Machado e Viviane Maria Cavalcanti de Castro intitulados *“Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro, Recife - PE: signos da elite recifense na segunda metade do século XIX”* (2017), bem como o estudo de Vanessa de Castro, *“Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX”* (2007).

Viviane Comunale e Fabiana Comerlato são duas pesquisadoras que se destacam nos estudos cemiteriais, contribuindo significativamente para o entendimento das práticas funerárias e da cultura material dos espaços de sepultamento.

Viviane Comunale tem abordado a arqueologia da morte e a cultura material cemiterial, com foco nas representações simbólicas e sociais expressas nos jazigos. Seu trabalho é relevante para a análise de como as comunidades lidam com a morte, a memória e a identidade por meio das estruturas fúnebres. Ela investiga a materialidade dos cemitérios, analisando os significados culturais associados aos adornos, às inscrições e à arquitetura funerária.

Fabiana Comerlato também é uma figura chave nos estudos cemiteriais, com ênfase na relação entre patrimônio e memória. Sua pesquisa envolve o estudo de cemitérios como espaços de

preservação da memória coletiva e individual, observando os aspectos estéticos, históricos e culturais das sepulturas. Comerlato tem contribuído para o entendimento de como os cemitérios funcionam como lugares de resistência e transformação das memórias sociais, analisando, por exemplo, as mudanças nos rituais e nas práticas funerárias ao longo do tempo.

Ambas as pesquisadoras são importantes por trazerem à tona a relevância dos cemitérios como patrimônios culturais e por promoverem debates sobre a conservação e a significação desses espaços, ajudando a ampliar a compreensão da relação entre morte, memória e sociedade.

Para além destes trabalhos que são de suma importância no tocante aos estudos da morte e das práticas funerárias no Brasil, podemos destacar ainda, algumas produções acadêmicas sobre os estudos cemiteriais no Nordeste, como artigos, monografias, dissertações e teses em diversas áreas do conhecimento (SANTOS, 2021). No quadro a seguir apresentamos algumas contribuições com temáticas inseridas nessa perspectiva de estudo na região:

Quadro 1 - Produções acadêmicas sobre estudos cemiteriais no Nordeste

Autor (es) Autora (as)	Título	Ano de Publicação	Estado/Cidade	Revista ou endereço eletrônico
Ana Cláudia Magalhães	Emblemas da morte na cidade colonial de Marechal Deodoro, Alagoas: das igrejas aos cemitérios	2014	Alagoas	https://anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-PCI-057_MAGALHAE_S.pdf
Ana Cláudia Magalhães	Igrejas, conventos, cemitérios: o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana de Marechal Deodoro	2015	Alagoas	https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3304
Gisele Santana da Costa; Viviane Maria Cavalcanti Castro	Patrimônio Funerário do cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife: estado de conservação dos primeiros túmulos	2015	Pernambuco	Fundamentos
Jôuldes Matos Duarte	Práticas mortuárias no cemitério do	2016	Pernambuco	https://repositorio.ufpe.br/handle/1234

	Polo Pilar do bairro do Recife - PE			56789/22383
Shirlene Marques de Matos; Demétrio Mutzenberg; Daniela Cisneiros	Análise tipológica das lápides do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato - PI	2017	Piauí	Revista Noctua - Arqueologia e Patrimônio
Stela Glaucia Alves Barthel; Ana Catarina Peregrino Torres Ramos; Viviane Maria Cavalcanti Castro	Estilos arquitetônicos em espaços cemiteriais: contribuição aos estudos de arqueologia funerária	2020	Pernambuco	Revista Noctua - Arqueologia e Patrimônio
Fabiana Comerlato	Estudos cemiteriais no Recôncavo da Bahia: um balanço das atividades de ensino, pesquisa e extensão (2010-2018)	2020	Bahia	Arqueologia e Patrimônio Cultural na UFRB. . 1. ed. –Pelotas: BasiBooks, 2020. 239 p
Francisco de Paula Santana de Jesus	Geografia da Morte: a cultura fúnebre e os cemitérios de Salvador oitocentista (1860-1900)		Bahia	MONÇÕES Revista de História da UFMS/CPCX
Marcelo Hermínio de Carvalho dos Santos	Práticas funerárias no cemitério de São Sebastião - Vitória de Santo Antão - PE (1875-2020)	2021	Pernambuco	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50769
Mariana Antão de Carvalho Rosa	Flores, recordações e saudades: representações da morte infantil no cemitério São José em Teresina - PI (1859-1950)	2021	Piauí	https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628264216_A_RQUIVO_d5b7a13c5c94beb7d5cd29efdec08ba8.pdf
Dinária L. Ferreira; Jaciara Andrade	Os anjos dormem: o cemitério dos	2021	Piauí	De Ingá a Arqueologia

Silva	Anjos de São Braz do Piauí sob a ótica da arqueologia funerária			inclusiva: novas linguagens. 217 p. 3 v. : il.
Fabiana Comerlato; Laiane Nunes Lima	Os gradis como artefatos: estudos do caso dos gradis do cemitério dos Alemães, de Cachoeira, e do Cemitério dos Ingleses, de Salvador	2021	Bahia	De Ingá a Arqueologia inclusiva: novas linguagens. 217 p. 3 v. : il.
Lucas Emannuel Sampaio Sousa; Fernanda Livia Batista da Costa; Iasmin Maria Rodrigues de Sales Vieira; Yan Dias Ferreira; Ana Luzia Pinheiro de Freitas; Claudia Minervina Souza Cunha	Iconografia tumular: análise de túmulos oitocentistas do Cemitério São José, teresina, Piauí	2021	Piauí	De Ingá a Arqueologia inclusiva: novas linguagens. 217 p. 3 v. : il.
Taiane Moreira de Jesus; Henry Luydy Abraham Fernandes	As práticas de eternização dos Coronéis da Guarda Nacional nos cemitérios do Recôncavo da Bahia	2021	Bahia	De Ingá a Arqueologia inclusiva: novas linguagens. 217 p. 3 v. : il.
Glauce Rocha Santos	Cemitérios rurais e rituais de morte na região de Barro Alto no sertão da Bahia - séculos XX e XXI	2021	Bahia	http://repositorio.b.c.ufg.br/tede/handle/tede/11214

Todos esses estudos são cruciais para impulsionar novas pesquisas sobre a temática da morte e dos estudos cemiteriais. Embora haja uma variedade de trabalhos na região Nordeste, ainda há uma carência significativa de pesquisas específicas sobre os estudos cemiteriais no estado de Alagoas.

Vale mencionar ainda a ABEC, fundada em 2004 após o 1º Encontro sobre Cemitérios

Brasileiros, realizado na Universidade de São Paulo (USP). O evento foi organizado por Maria Elizia Borges, Eduardo Coelho Morgado Rezende e Harry Rodrigues Bellomo. Logo, a partir das iniciativas dos pesquisadores presentes, foi criada a pioneira Associação de Estudos Cemiteriais. Atualmente, a entidade promove encontros bianuais, reunindo pesquisadores que trabalham com a temática cemiterial e as diversas manifestações da morte e do morrer no Brail²³. Inúmeros trabalhos apresentados nesses encontros estão disponíveis na plataforma da Associação, fortalecendo assim, os estudos cemiteriais através de abordagens multidisciplinares. No presente ano, a associação completa 20 anos e realizará, na cidade de São Paulo, o XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. O evento busca reunir pesquisadores com temáticas relacionadas à morte, luto, patrimônio funerário e, especialmente, aos cemitérios.

No mais, a pesquisa cemiterial é um importante campo de investigação, principalmente pelas inúmeras possibilidades de se trabalhar a partir da cultura material dos cemitérios. São muitos os trabalhos desenvolvidos e que se frutificaram no Brasil a partir dos estudos referentes à arte cemiterial pelo sociólogo Clarival Valladares, por exemplo. O cemitério é objeto de estudo de pesquisas tanto no Brasil como em outros países e que perpassa por diversos vieses, como da História, Antropologia, Artes Visuais, Arquitetura, entre outros, ou seja, é um campo vasto e interdisciplinar.

1.1.5. CEMITÉRIO: O ESPAÇO DE REPRODUÇÃO DO IMAGINÁRIO INDIVIDUAL E COLETIVO SOBRE OS MORTOS

“Pensar no espaço destinado aos mortos em uma sociedade é refletir, sobretudo, no mundo dos vivos²⁴”, isto é, referindo-se a como as pessoas dão sentido a esse lugar, como elas representam a ausência de alguém mantendo viva a sua memória, preenchendo de alguma forma o vácuo no destino humano representado pela morte (AHLERT, 2017 p. 3) A exemplo disso, os jazigos e seus símbolos²⁵ expressam uma ideia ou conceito do mundo dos vivos sobre o mundo dos mortos, podendo ser considerados como objetos que representam a identidade cultural de uma determinada região em uma

23 [Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais | História](#) Acesso em: 26/06/2022.

24 LIMA, T. A. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). Anais do museu paulista. São Paulo. N. Ser. v. 2, p. 87-150 jan./dez. 1994.

25 É próprio da ação do símbolo a representação de algo que está ausente. Sua criação e seu uso estão, deste modo, intrinsecamente vinculados a algo que não está e deve fazer presente através de signos metafóricos, que afiançarão sua memória. A morte e os monumentos funerários, nesta perspectiva, são um grande meio de expressão simbólica (AHLERT, 2007).

época específica, sob ponto de vista particular ou público (AHLERT, 2017, ARAÚJO, 2013, LIMA, 1994). Logo, as análises e estudos voltados para o cemitério nos permitem compreender dimensões do seu potencial informativo que vai muito além de questões supersticiosas ou sobrenaturais que muitas vezes são atribuídas a esse espaço. Pelo contrário, “pensar os espaços destinados aos mortos é refletir sobre as diversas manifestações culturais da sociedade, percebendo como ela organiza e dá significado a esse lugar” (ARAÚJO, 2014, p.83). Dito isto, o estudo dos cemitérios vai além da mera observação de monumentos e epitáfios, permitindo uma investigação detalhada das interações humanas com a morte e a memória.

O cemitério, enquanto espaço de reprodução do imaginário social, como afirmam Lima (1994) e Almeida (2013), e conforme observado por Araújo (2013, p.2), é um campo fértil para diversas análises acerca das sociedades. Inclusive, essas análises podem proporcionar um entendimento mais vasto sobre os valores, crenças e práticas das sociedades. Estudos sobre temáticas cemiteriais indicam que esses espaços apresentam diferentes expressões de identidades culturais e de preservação da memória, tanto no âmbito particular quanto coletivo. Logo, pelas análises, é possível revelar aspectos importantes da cultura material e imaterial, incluindo costumes funerários, práticas religiosas e mudanças sociais ao longo do tempo. Além disso, os cemitérios são locais ricos em produções artísticas e arquitetônicas, e suas representações simbólicas presentes nos jazigos os transformam em verdadeiros museus a céu aberto.

No entanto, Borges (2013), apresenta um outro viés, argumentando que nem todo cemitério pode ser considerado um museu a céu aberto. Diversos fatores impedem que esses locais sejam reconhecidos como espaço de arte funerária, e é essencial considerar os contextos em que estão inseridos. Assim, a autora argumenta:

A diversidade estrutural implantada nos cemitérios secularizados no Brasil decorre de vários fatores, dentre os quais destacamos as diferenças econômicas e socioculturais de cada região de um país tão imenso como o nosso. Logo, nem todo cemitério pode ser observado como um museu a céu aberto” – entendido aqui como local que armazena obras funerárias de teor artístico – e, sim, como espaços detentores de uma memória coletiva, histórica e individual daqueles cidadãos que ali jazem (BORGES, 2013, p. 113).

Um ponto interessante e válido a ser mencionado sobre os espaços funerários é que estes refletem o desenvolvimento cultural dos grupos e sociedades. Cada cultura, em épocas diferentes, realiza os cultos aos mortos de maneira única. Nesse sentido, a morte, os mortos e os lugares a estes destinados possuem significativa importância para aqueles que os construíram. As práticas funerárias demonstram respeito e preocupação com o acolhimento dos indivíduos que já não estão presentes,

evidenciando cuidado com os rituais, com os locais de sepultamento e com os adornos que representam a memória do falecido (MUMFORD, 2004; ALMEIDA, 2013).

Desde os primórdios dos assentamentos humanos, é notável a preocupação com a morte e com os locais dos mortos. Em algumas culturas e períodos históricos, essa importância e cuidado são evidentes. Segundo Santos (2021, p.29), “o ser humano é a única espécie animal que demonstra um comportamento específico diante do fenômeno da morte”, e são muitas as evidências arqueológicas²⁶ que mostram os interesses e preocupações humanas em relação à morte. A esse respeito, Mumford (2004, p. 13), apresenta informações relevantes sobre os homens do período paleolítico e sua relação com a morte. O autor argumenta que, apesar de esses povos possuírem uma vida nômade, voltada para coleta e caça, tinham locais fixos e especiais para os mortos. Isso revela o quão intrigantes eram as práticas funerárias dessa época. Portanto, os locais de sepultamento eram áreas de grande importância e atividade humana.

Assim, os mortos e o destino final de seus corpos têm sido importantes desde o período pré-histórico até o mundo antigo. Nas civilizações egípcia, grega e romana, a morte ocupava lugar de destaque no imaginário coletivo e, inclusive, esse mesmo imaginário construiu a estética da morte, ou seja, as representações da morte, incluindo a imagem do morto e a ideia da boa e bela morte²⁷ (ALMEIDA, 2013; BORGES et. al., 2007).

Sendo assim, é evidente a preocupação com os mortos e os locais reservados a eles em diferentes culturas e períodos da história da humanidade, bem como as mudanças que ocorreram em relação aos espaços funerários da morte. Para Costa e Castro (2015, p. 54), “os cemitérios são parte das cidades²⁸, onde integram-se aspectos da memória e identidade destas, não apenas como locais de acolhimento aos mortos, mas também de preservação dos valores históricos, artísticos, sociais, religiosos, turísticos, como também arqueológicos”, pois representam um universo com grande potencial em cultura material.

Para a arqueologia, os estudos em torno do contexto funerário não se limitam ao tangível, abrangendo também os ritos e simbologias presentes nas práticas culturais associadas à morte

²⁶ Os túmulos mais antigos que se conhecem são datados de 90.000 a.p., presentes em sítios arqueológicos com vestígios fósseis do gênero *Homo*. Pertencem à cultura Musteriana, datada entre 250.000 aos 40.000 anos a. C. Estão localizados em Israel, próximos ao Monte Carmelo e à Nazaré (túmulos de Skul e Qafzeh). Há ainda os túmulos dos Neandertais, a partir dos anos 80.000 a. C (Ries, 2019, *Apud* Santos, 2021, p. 29-30).

²⁷ Concepção de boa morte se delineia nos primeiros séculos do cristianismo, com ideais de que as ações do ser humano em vida determinam o destino final das almas. Isso surge muito cedo entre os cristãos e permanece até os dias atuais (BORGES, et. al., 2007).

²⁸ Porém, vale notar que a cidade dos mortos precede a dos vivos, isto é, o lugar dos mortos é a precursora de todas as cidades vivas (MUMFORD, 2004, p. 13).

(COSTA; CASTRO, 2015, p. 56). Além disso, detalhes sobre a ritualização da morte e do enterramento podem ser elucidados através da análise dos jazigos, seus ornamentos, elementos gráficos e iconográficos²⁹, como títulos, profissões, dedicatórias e adornos. A estrutura dessas inscrições esculpidas ou gravadas nas lajes, sua evolução ao longo do tempo e distribuição espacial proporcionam um vasto campo de pesquisa (LIMA, 1994, p.88). É importante destacar que nos estudos cemiteriais, os túmulos, ossuários, mausoléus e o próprio cemitério são objetos de análise (MACHADO; CASTRO, 2017, p. 194). Nessa perspectiva, Costa e Castro (2015, p. 51), enfatizam que o cemitério é muito mais que um simples local de sepultamento, sendo também um espaço de significância cultural e social, onde diversos rituais e práticas relacionadas à morte são realizados.

No capítulo seguinte, apresentamos a história da cidade centenária de Delmiro Gouveia, que surgiu no início do século XX por iniciativa do negociante e empresário ceraense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia. Neste capítulo, contextualizamos o território do alto sertão alagoano, com ênfase nos cenários de Água Branca e na antiga Vila da Pedra. Embora o objetivo principal fosse explorar o processo de ocupação do terreno onde o cemitério velho foi construído, além de detalhar as etapas de sua construção e inauguração, essa abordagem foi limitada pela escassez de documentação histórica escrita. O que se sabe é que o cemitério velho foi construído pelo engenheiro italiano Luigi Borella, responsável também pelos projetos da Vila Operária, a Fábrica de Linhas, a Usina de Angiquinhos e a Capela Nossa Senhora do Rosário.

²⁹ Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. (PANOFSKY, 2007).

CAPÍTULO II

A VILA OPERÁRIA DA PEDRA: UM SÉCULO DE HISTÓRIA NO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS, NORDESTE DO BRASIL

2.1. CENÁRIO HISTÓRICO DO ALTO SERTÃO ALAGOANO: ÁGUA BRANCA E DELMIRO GOUVEIA

O povoamento das terras que compreende o território de Água Branca, AL, teve início com a chegada da família Vieira Sandes, oriundos de Itiúba, AL. Já familiarizados com a exploração das riquezas da região, os Vieira Sandes direcionaram seus esforços para as terras que faziam parte das Sesmarias de Paulo Afonso³⁰. Três irmãos, Faustino Vieira Sandes, José Vieira Sandes e João Vieira Sandes, foram encarregados dessa empreitada pelo rei de Portugal, D. Pedro II. Eles rapidamente se dedicaram ao desenvolvimento do sertão alagoano, implantando fazendas, criando bovinos e construindo vilas e vilarejos (ARAÚJO, 2014; FEITOSA, 2014; SANTOS, 2018). Sobre esse processo de formação inicial da região, Feitosa (2014, p. 21) discorre:

Os nobres portugueses, ao desenvolverem a região com a implantação de fazendas, criação de gado e construção de vilas e vilarejos, seguiram rumo ao Sertão alagoano com o mesmo objetivo. Os irmãos Faustino Vieira Sandes, José Vieira Sandes e João Vieira Sandes, ao chegarem às Sesmarias de Paulo Afonso, que à época era província de Alagoas, conhecida pela denominação de Mata Grande, uma área territorial imensa que compreendia os municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'Água do Casado, Piranhas, Inhapi, Canapi, Pariconha e Água Branca, fundaram este povoado, que foi chamado Mata Pequena, Matinha de Água Branca e, por último, Água Branca.

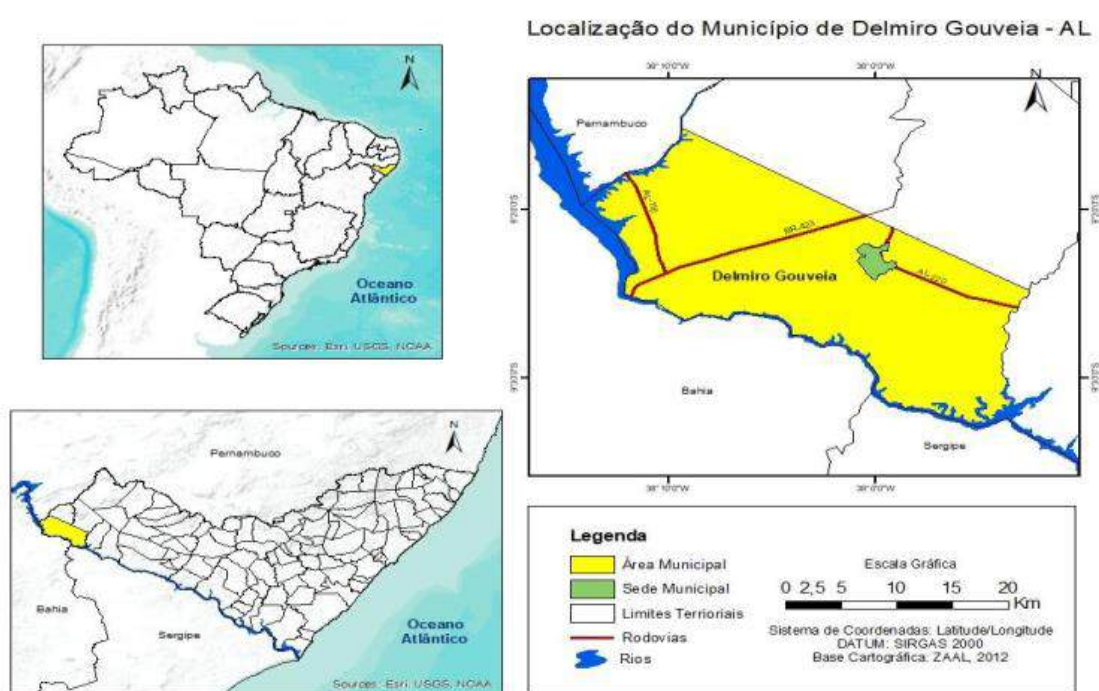
Segundo informações do IBGE (2023), o capitão Faustino Vieira Sandes Foi atraído pelas pastagens férteis da zona da caatinga e pela riqueza da região serrana com o objetivo de criar gado. Ele desbravou e desenvolveu diversas fazendas, incluindo Matinha, Boqueirão, Cobra, São Bento, Paraíso e Pedra (FEITOSA, 2014, p.21). Santos (2018, p.26) destaca que “a formação econômica da cidade de Água Branca se deu através da dinâmica rural, devido sua localização afastada da costa, proporcionando assim atividades agrícolas e pecuárias, dando continuidade a um longo processo de colonização dos sertões”.

Delmiro Gouveia, localizada na mesorregião do Sertão Alagoano e banhada pelo Rio São

30 “Até o século XVII, o território de Água Branca pertencia a Paulo Afonso, província de Alagoas, conhecido pela denominação de Mata Grande. O nome Paulo Afonso foi dado a Mata Grande pela Lei nº 516, de 30 de abril de 1870, sancionada pelo presidente da província, José Bento da Cunha Figueiredo, quando todo este território abrangia a cachoeira de Paulo Afonso”(FEITOSA, 2014, p. 23-24).

Francisco, possui uma população de aproximadamente 51.319 pessoas e uma área de 628.545 km² (IBGE, 2023), conforme figura 9. A cidade foi fundada por Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, um empreendedor do setor industrial e do comércio de couros de bovinos e peles de caprino. Antes da sua chegada de Delmiro Gouveia, o município era conhecido como Pedra e pertencia ao distrito de Água Branca, AL. O nome Pedra foi inspirado nas grandes rochas que existiam na região da estação³¹ (CORREIA, 2013; MAYNARD, 2013, 2016, 2008; NASCIMENTO, 2012).

Figura 9 - Mapa de localização do Município de Delmiro Gouveia - AL, Alto Sertão Alagoano



Fonte: SANTOS; S. V. dos. 2019.

De acordo com Magalhães (2020, p.709), a localidade foi elevada a distrito através do Decreto-Lei nº 846 de 01 de Novembro de 1938. Em 1943, recebeu a denominação de Vila de Delmiro Gouveia, pelo Decreto-Lei nº 2902, e em 16 de Junho de 1952, foi emancipada e desmembrada de Água Branca, pela Lei nº 1623. Assim, a antiga Vila da Pedra foi elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Delmiro Gouveia.

31 Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-delmiro-gouveia> Acesso em:04/05/2022.

Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, nascido em 1863 na cidade de Ipú- CE, destacou-se como um indivíduo ousado e visionário por meio de suas diversas experiências de vida. Suas contribuições são amplamente registradas na historiografia brasileira, com ênfase em seus inúmeros feitos³², principalmente sua iniciativa modernizadora no sertão alagoano durante o início do período Republicano. Entre suas realizações, destacam-se a construção da usina hidrelétrica de Angiquinhos, conforme figura 10, e a instalação da fábrica de linhas Agro Fabril Mercantil (figura 11), que utilizava a energia gerada pela usina, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da região de Pedra (NASCIMENTO, 2012; MAYNARD, 2013, 2016, 2008).

Figura 10 - Usina Hidrelétrica de Angiquinhos



Fonte: NASCIMENTO, E.F. do., 2012

³² Importante destacar que o sucesso de seus empreendimentos se deu também pelo fato de conseguir amplos favores e concessões e incentivos públicos, incluindo posses de terras, isenções de impostos para a fábrica, recursos para financiamentos para construção de estradas ligando Pedra a outros locais, entre outros fatores mencionados por Telma de Barros Correia (1996).

Figura 11 - Companhia Agro Fabril Mercantil



Fonte: NASCIMENTO, E.F. do., 2012

Como mencionado anteriormente, as realizações de Delmiro Gouveia foram amplamente abordadas em livros, dissertações, estudos biográficos e teses, entre eles o trabalho de Dilton Cândido Santos Maynard (2008), Telma de Barros Correia (1998 -1996), Edvaldo Francisco do Nascimento (2012), José Cícero Correia (2015), William Edmundson (2018), Pedro Motta Lima (2013). Esses e muitos outros estudiosos reconheceram sua importância. Nascimento (2013, p. 21-22), destaca essa relevância ao afirmar:

Em meio às inúmeras descobertas num balanço feito para avaliar em que pé se encontrava a temática aqui referida, merecem registro, por ordem cronológica de divulgação, o que foi produzido por Assis Chateaubriand (1917), Oliveira Lima (1917), Plínio Cavalcante (1917), Adolpho Santos (1947), Gilberto Freyre (1959), Mauro Mota (1962), Octávio Brandão (1962), Pedro Motta Lima (1962), Tadeu Rocha (1963), seguidos por Félix Lima Júnior (1963), Olympio de Menezes (1963), Alencar araripe (1965), Caio Mário Meira de Vasconcelos (1974), Graciliano Ramos (1977), Francisco Magalhães Martins (1979), Luiz Nunes Alves (1979), Jorge Oliveira (1984), Adalberon Cavalcanti Lins (1988), Hildebrando Menezes (1991), Moacir Medeiros de Santana (1996), Frederico Pernambuco de Mello (1998), até chegar às teses de Telma de Barros Correia (1998) e de Dilton Cândido Santos Maynard (2008), sem se deixar de ter em conta o que escreveu Geraldo Sarno (2006), autor e diretor do único longa-metragem feito até hoje sobre Delmiro e ainda Vingt-Un Rosado (2001), David Roberto Bandeira da Silva (2007), Jacques Marcovitch (2008), Mário de Andrade (2008), Alberto Cosme Gonçalves (2010) e Gilmar Teixeira (2011).

Sobre os discursos produzidos em torno da figura de Delmiro, ele é destacado em algumas narrativas como o “coronel dos coronéis”. Maynard (2008, p.18) menciona que Delmiro foi representado de diversas maneiras, incluindo “evangelizador dos sertões, coronel do populacho, visionário com alma de cangaceiro, desvirginador”, entre outras. Desde muito jovem, Delmiro exerceu diversas funções, começando como aprendiz de tipógrafo, auxiliar de mercearia, despachante de barcas, caixeiro viajante, funcionário da Brazilian Railways, até se tornar um jovem empreendedor de sucesso no estado de Pernambuco, mesmo com pouca instrução formal (MAYNARD, 2008; NASCIMENTO, 2012).

Delmiro se instalou na Vila de Água Branca no ano de 1902, vindo de Recife, onde recebeu apoio de famílias de grande poder, como os Torres e os Luna (MAYNARD, 2008, p.23). No ano seguinte, "decidido a se estabelecer no sertão de Alagoas, em março de 1903, Delmiro comprou uma fazenda que denominou Rio Branco, perto da Pedra, localizado às margens da Ferrovia Paulo Afonso, construída por ordem do Imperador Dom Pedro II" (NASCIMENTO, 2012, p. 58-59). Com essa compra, Delmiro pôs em prática suas ideias para transformar o pequeno vilarejo. Um dos primeiros passos que tomou nas terras sertanejas foi construir, “na extremidade da fazenda próximo ao povoado e à ferrovia, currais, um açude, uma residência e prédios para abrigar um curtume” (NASCIMENTO, 2012, p. 59).

De acordo com Correia (2007, p.6), quando Delmiro chegou na região em 1902, o vilarejo conhecido como Pedra era um pequeno povoado localizado às margens da ferrovia de Paulo Afonso, construída pela Great Western Railway of Brazil. Esta ferrovia foi criada com o objetivo de gerar emprego para as populações sertanejas afetadas por grandes períodos de seca, como a de 1877, além de facilitar o escoamento de mercadorias e produtos. A ferrovia facilitou os empreendimentos de Delmiro Gouveia, permitindo-lhe retomar seus negócios no ramo de couros e peles. Pedra, estrategicamente situada na divisa de quatro estados - Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe- recebia matérias-primas com facilidade em Pedra pela via férrea, que eram então exportadas pelo Rio São Francisco (NASCIMENTO, 2012, p. 58-59).

Portanto, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia construiu diversos empreendimentos nos estados de Pernambuco e Alagoas. Entre eles, destaca-se no estado de Pernambuco a construção e funcionamento do Mercado Coelho Cintra, também conhecido como Mercado do Derby. Este mercado foi considerado por muitos como a primeira versão de um shopping center no Brasil (MAYNARD, 2008, p.21), conforme figura 12:

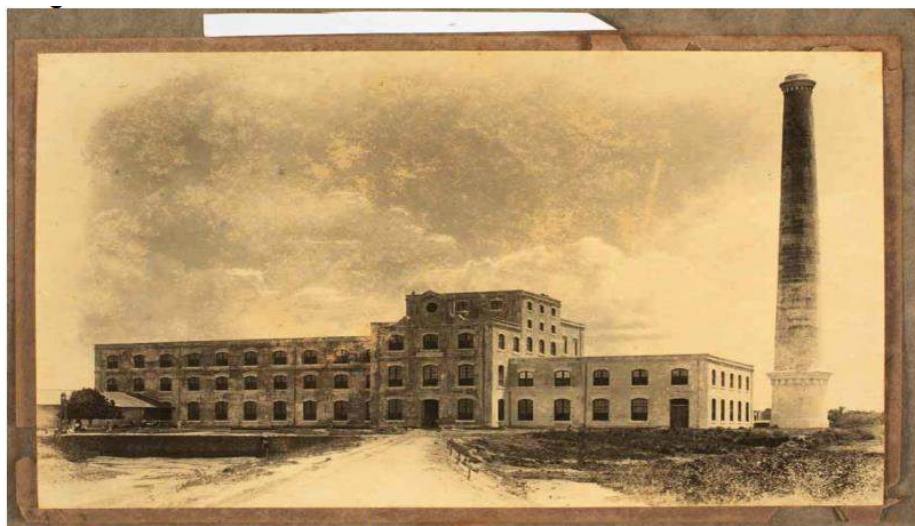
Figura 12 - Mercado Coelho Cintra, o Derby, Recife - PE



Fonte: NASCIMENTO, E.F. do., 2012, p.47

Delmiro tornou-se também proprietário da Usina de Açúcar Beltrão, situada entre Recife e Olinda (NASCIMENTO, 2012, p. 53), conforme figura 13:

Figura 13 - Usina de Açúcar Beltrão

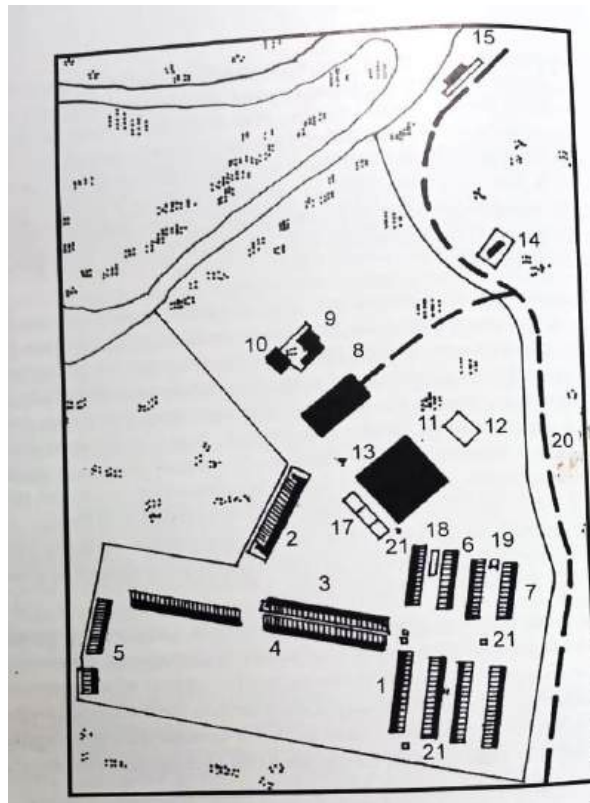


Fonte: NASCIMENTO, E.F. do., 2012, p.47

Enquanto empresário de sucesso, Delmiro Gouveia fez diversas viagens ao exterior, impulsionando seus negócios e introduzindo influências europeias em seus empreendimentos,

transformando a realidade de Pedra e Recife. No sertão de Alagoas, a paisagem rural foi profundamente modificada pelos projetos do comerciante e industrial, como a introdução da energia elétrica na Vila da Pedra, gerada pela Usina de Angiquinho - 1913, e a instalação da Fábrica de Linhas da marca Estrela. Conforme registrado por Maynard (2008, p. 24), a Vila da pedra experimentou um crescimento significativo, passando de uma dezena para 258 casas, abrigando cerca de cinco mil habitantes, com Delmiro se tornando uma figura central na região. A planta do núcleo fabril da Pedra, apresentada por Correia (1998, p. 204), conforme figura 14, revela a disposição estrutural do empreendimento, marcada pelas demarcações visíveis que delineiam o espaço.

Figura 14 - Delimitação do Núcleo Fabril da Pedra



LEGENDA DO MAPA

1.	Rua Rio Branco
2.	Rua José de Alencar
3.	Rua Floriano Peixoto
4.	Rua Ruy Barbosa
5.	Rua 15 de Novembro
6.	Rua 13 de Maio
7.	Rua 7 de Setembro
8.	Depósitos da fábrica
9.	Residência de Delmiro Gouveia
10.	Curtume
11.	Tronco
12.	Rink
13.	Fábrica
14.	Residência de Delmiro Gouveia (fora do arame)
15.	Estação ferroviária
16.	Açude
17.	Reservatórios de água
18.	Cassino
19.	Loja
20.	Via férrea
21.	Chafariz

Fonte: CORREIA, T. B. 1998.

A Companhia Agro Fabril Mercantil tornou-se “um dos mais conhecidos estabelecimentos industriais brasileiros, situada na localidade que hoje leva o nome de seu fundador, Delmiro Gouveia” (GUNN; CORREIA, 2005, p. 22). Em conjunto com a fábrica de linhas inaugurada em 1914, foi erguido um núcleo fabril destinado a abrigar os trabalhadores que integraram a nova realidade emergente em espaço geográfico - o sertão - por muito tempo estigmatizado na historiografia como área de atraso, fome e miséria. Segundo Magalhães (2020, p.703):

Há uma historiografia que tem descrito e interpretado o Sertão como não-lugar. No Sertão, natureza e vida humana consumiam-se num exercício de sobrevivência e negação de futuro. Também cronistas e memorialistas retrataram quadros drásticos de resiliência e desenlace: abnegação ou partida [...].

No entanto, o sertão tem uma história rica, marcada não apenas por avanços tecnológicos, mas também por uma realidade extremamente difícil para os trabalhadores e trabalhadoras. Muitos viviam sob normas rígidas e constante vigilância, enfrentando condições desafiadoras, típicas da vida no sertão e do trabalho industrial daquela época. Esse cenário reflete as complexidades sociais da região, onde o progresso coexistia com o controle severo sobre a força de trabalho, moldando a história e o cotidiano sertanejo.

A população local foi beneficiada com uma série de avanços, como água encanada, casa de alvenaria, luz elétrica, escola para os filhos dos operários, cinema, jornal, futebol, lavanderias, loja, automóvel, máquina de gelo, telégrafo, tipografia e até mesmo carrossel (CORREIA, 2013; MAYNARD, 2008, CORREIA, 1996). Essas melhorias simbolizam o impacto da modernização no sertão e a tentativa de levar a vida urbana para essa região anteriormente isolada.

Para melhor compreender a dinâmica imposta por Delmiro no vilarejo após a instalação da sua fábrica, Correia (1996) descreve detalhadamente as normas rígidas e as regras severas que ele impôs. Desde o ambiente fabril, onde exigia que os operários estivessem “sempre limpos e bem vestidos”, até a vida privada dos residentes de Pedra, Delmiro estabeleceu um sistema de ordem e obediência que visava a organização e “pacificidade” da comunidade. Apesar de ser considerado extremamente inflexível e por vezes desumano, esse controle não comprometeu “a ideia de ordem e harmonia que Pedra suscitava em seus visitantes ilustres”. Para eles, Pedra representava um exemplo de comunidade obreira, disciplinada e civilizada” (CORREIA, 1996, p.47). Para melhor compreender a situação do povoamento, Correia descreve:

Em Pedra se buscou introduzir uma nova disciplina e modo de vida a sertanejos recém-proletarizados, através do arranjo das casas e dos espaços coletivos, de um rígido controle das atividades, do uso do tempo e do consumo. Os regulamentos exigiam - entre outras coisas - que as casas fossem mantidas limpas, que as crianças frequentassem escolas, que as pessoas estivessem sempre limpas e com vestes julgadas decentes. Proibia-se cuspir no chão, consumir bebidas alcoólicas e o uso de chales e de cachimbo. Havia toque de recolher para crianças e um rígido controle sobre os solteiros, procurando-se conter e vigiar namoros: Este controle incluiu a exigência de que homens e mulheres se sentassem no cinema em alas separadas. Uma rígida disciplina no trabalho foi estabelecida. Aos infratores as punições variavam, indo de repreensões e multas, a espancamentos, rituais públicos de degradação e expulsão. Delmiro adotou ainda a prática de eventualmente manter amarrados por longas horas em uma baraúna localizada em frente à fábrica - que denominava "tronco"- operários que julgavam terem cometido faltas graves. A violência contra o morador de Pedra não se expressava apenas nestas formas de punição, mas sobretudo numa ingerência profunda no cotidiano, a qual atingia a relação do indivíduo com seu corpo, suas crenças (parte do carnaval, por exemplo, era realizado durante a quaresma), a vida familiar (Delmiro chegou a intervir em conflitos entre parentes) e comunitária.

O próprio Delmiro se encarregava de fiscalizar a vida em Pedra quando dispunha de tempo livre³³. A estrutura do núcleo da Pedra construído por Delmiro, conforme descrito por Maynard (2008, p.25), era organizada de maneira meticulosa: “Separada da “Pedra Velha” (também chamada de Pedra Livre) por arames farpados, a vila era composta por sete ruas nomeadas com os nomes de Rio Branco, José de Alencar, Floriano Peixoto, Ruy Barbosa, 15 de Novembro, 13 de Maio e 7 de Setembro”. Esta área delimitada abrigava uma população composta por trabalhadores rurais, flagelados das secas ou foragidos da justiça, configurando um espaço que, metaforicamente, funcionava como uma espécie de curral para “bois”, projetado para controlar seus moradores e restringir contatos externos que pudessem interferir nas atividades industriais. Apesar disso, aparentemente, havia um discurso de “proteção” e “bem-estar” para os habitantes dessa região específica, como discutido por Silva (2020, p.22):

[...] dentro do cercado as pessoas viviam sobre regras rígidas, com a rotina totalmente controlada, mas livres das mazelas das secas, enquanto que fora do cercado os moradores da Pedra Velha, embora tivessem uma vida mais livre, não possuíam a proteção oferecida no núcleo fabril [...].

As moradias construídas no núcleo fabril seguiam um padrão específico: casas enfileiradas com alpendres, todas rigorosamente limpas e organizadas. Segundo Correia (1996, p. 26) “as casas operárias padronizadas e rigorosamente caiadas e a limpeza das ruas - obtidas graças a regulamentos

³³ É importante destacar que não apenas os trabalhadores e a população mais pobre eram fiscalizados, alguns privilegiados na sociedade de Pedra, como pessoas letradas, com níveis educacionais elevados também estavam sujeitos a vigilâncias (SILVA, 2020).

rigorosos - aliadas à sucessão de colunas que percorriam os longos alpendres, sugeriam a visitantes do lugar idéias de ordem, racionalidade e grandeza de propósitos”. Para melhor visualização, as figuras 15 e 16 a seguir apresentam, respectivamente, as ruas 13 de Maio e Ruy Barbosa, localizadas no núcleo da Pedra.

Figura 15 - Rua 13 de Maio



Figura 16 - Rua Ruy Barbosa

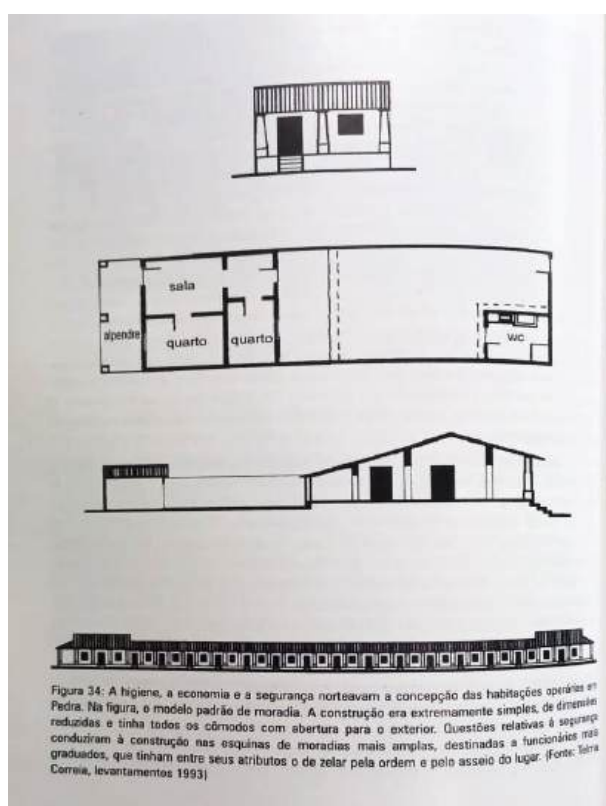
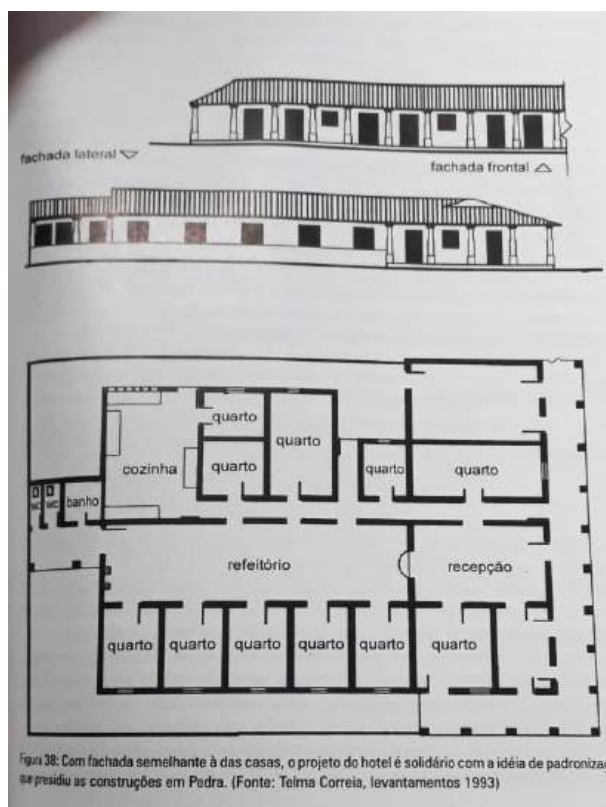


Fonte: Blog Amigos de Delmiro Gouveia, 2024

A figura 17 (abaixo) exhibe a planta baixa das casas da Vila Operária, elaborada por Telma Barros Correia (1998) em sua obra *“Pedra: plano e cotidiano operário no sertão”*. A primeira imagem retrata uma moradia destinada a pessoas mais privilegiadas, como funcionários com mais formação. Os espaços internos eram mais amplos e bem delimitados, sendo erigidos nas extremidades das casas destinadas aos operários - de ponta a ponta - auxiliando nas atividades de vigilância do

local. A segunda imagem refere-se ao padrão de moradia construído no núcleo para a classe trabalhadora mais pobre, com um formato simples, pequenas dimensões e cômodos com abertura para as ruas.

Figura 17 - Modelos de moradias no núcleo fabril da Pedra



Fonte: CORREIA, T. B. 1998

A partir das iniciativas do empresário Delmiro Augusto da Cruz Gouveia na industrialização do sertão nordestino, a região passou a ser vista sob uma nova perspectiva, indo além das imagens associadas à seca e à caatinga. A instalação da indústria e do Núcleo Fabril da Vila da Pedra, de acordo com a figura 18, entre 1914 e 1917, transformou o antigo povoado em um centro promissor, palco de ações inovadoras (SILVA; CORRÊA, 2017, p. 200).

Figura 18 - Imagem panorâmica do Núcleo Fabril do Povoado Pedra em 1920



Fonte: NASCIMENTO, E.F. do., 2012, p.119

Portanto, é evidente que essas iniciativas tiveram impactos positivos em Pedra, sobretudo nas transformações socioeconômicas no alto sertão. Elas promoveram a modernização do local e a integração econômica da região, mudando a dinâmica local e atraindo novos investimentos ao longo do tempo, embora os desafios históricos e estruturais da área ainda persistam.

2.1.2. REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS RELIGIOSOS E OS RITUAIS FUNERÁRIOS EM DELMIRO GOUVEIA - AL

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)³⁴, a estimativa populacional de 2010 indicava que a cidade tinha aproximadamente 51.319 habitantes, dos quais

³⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/delmiro-gouveia/panorama> Acesso: 29 de Abril de 2022.

cerca de de 39.146 se identificavam como católicos apostólicos romanos. Essa predominância da fé católica sugere que o fator religioso exerce uma influência significativa nas escolhas simbólicas dos materiais iconográficos e nos demais elementos presentes nos cemitérios.

Além disso, a religiosidade se manifesta nos acompanhamentos funerários, refletindo tradições e rituais que valorizam a memória dos falecidos. Os costumes católicos, como as missas de sétimo dia e as novenas, assim como a presença de símbolos religiosos, como cruzes e imagens de santos, revelam a relação entre a espiritualidade da comunidade e a forma como os indivíduos são homenageados após a morte. Nesse sentido, de acordo com Rodrigues & Silva (2018), ao transpor sua funcionalidade, o cemitério secularizado tornou-se uma riquíssima fonte para aqueles que se propõe estudar as memórias, as identidades e a cultura – incluindo a religiosidade – das sociedades.

É interessante notar que as pesquisas realizadas revelam que a religiosidade materializada em igrejas, não estava presente enquanto Delmiro Gouveia comandava o núcleo da Pedra. A primeira capela do povoamento foi construída em 1918, após o seu falecimento (SILVA, 2020, p.27), conforme figura 19 a seguir:

Figura 19 - Primeira capela do Povoado Pedra, 1918



Fonte: Museu Regional Delmiro Gouveia³⁵

Assim, os cemitérios tornam-se não apenas locais de sepultamentos, mas também espaços de expressão cultural e de vivência das crenças que permeiam a vida dos habitantes.

A pesquisadora Santos (2019) destaca uma questão relevante sobre a religiosidade na cidade

³⁵ Disponível em: <https://museudelmirogouveia.com.br/a-vila-da-pedra/> Acesso em: 13/03/2024

de Delmiro Gouveia:

A relação da Vila da Pedra³⁶ - que originou a atual cidade de Delmiro Gouveia no interior de Alagoas [...], com as manifestações da religiosidade popular ainda é pouco pesquisada. Sabe-se apenas que dois anos após a morte de Delmiro Gouveia, fundador que dá nome à cidade, é que se constrói a igreja da vila, em 1918, a pedido da esposa do engenheiro italiano Lionel Iona, ainda assim os registros documentais dão conta de expressões religiosas pautadas no catolicismo oficial.

Outro fator marcante na vida religiosa na região foi a criação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, com sede na Vila da Pedra³⁷, município de Água Branca, em 30 de Março de 1951. A partir de então, as celebrações e festividades católicas de cunho popular se expandiram no município, incluindo as romarias em homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, cuja primeira realização ocorreu no ano de 1990 (BARROS, 2014). Além das devoções ao Padre Cícero Romão, os sertanejos também demonstram grande devoção ao a frei Damião, ambos considerados representações máximas do catolicismo popular no sertão. Essa constatação é resultado do trabalho de dissertação em Antropologia Social desenvolvido pela pesquisadora Santos (2019).

A forte presença do catolicismo também se reflete nos rituais funerários na sociedade de Delmiro Gouveia. O estudo de Matos *et.al*, (2017) sobre a “*Análise tipológica do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato - PI*” revelou semelhanças significativas com os rituais funerários observados na região do Alto Sertão Alagoano. No município de Delmiro Gouveia, práticas relacionadas aos “ritos de passagem” permanecem comuns, especialmente no tratamento à transição entre a vida e a morte. Esses ritos incluem:

- **Anúncio da morte:** este ritual é realizado por meio de um carro de som que percorre as ruas da cidade, comunicando o falecimento e convidando a população para o sepultamento.
- **Nota de pesar:** Em algumas situações, a notícia é divulgada através de estações de rádio e, atualmente, também pelas redes sociais, como o instagram.
- **Velório:** Geralmente realizado em um dos cômodos da casa, como a sala, onde ocorre a missa de corpo presente, acompanhada de rezas e cânticos.
- **Cortejo Fúnebre:** O cortejo fúnebre pela cidade é uma prática valorizada, que pode

³⁶ O primeiro nome dado à cidade de Delmiro Gouveia foi Pedra e o povoado se constituiu a partir de uma estação da estrada de ferro da então Great-Western. A denominação Pedra veio de grandes rochas que existiam junto da estação. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/delmiro-gouveia/historico> Acesso: 29 de Abril de 2022.

³⁷ Mesmo com todo o incremento populacional e de recurso, porém, a Pedra somente seria elevada à categoria de município em 1954, passando a sede à condição de cidade, por meio da Lei Estadual nº. 1628 de 16 de Junho de 1952. Esta Lei, de autoria do Deputado Estadual Mário de Siqueira Torres, foi sancionada pelo então governador Arnon de Mello (NASCIMENTO, 2012, p. 17).

ser feito a pé, acompanhando o carro funerário, ou em automóveis e motocicletas.

- **Missas de sétimo dia e um mês:** Essas celebrações são comuns, e, sobre a missa de sétimo dia, Coimbra (2021, p. 56-57) observa que se trata de um ritual católico comumente realizado em todo o Brasil, não sendo muito seguido em outros países. Esta prática está fundamentada na ideia de purificação para a entrada no paraíso e na confirmação do luto por sete dias como expressão de sofrimento e dor.

Portanto, essas práticas ressaltam a continuidade das tradições religiosas na cultura local, evidenciando a importância da religiosidade na vivência do luto e na consolidação de laços sociais em momentos de perda.

Apesar da vasta literatura sobre Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, idealizador de Pedra e fundador de sua fábrica e núcleo fabril, pouco se sabe sobre a construção do cemitério velho cidade, onde está sepultado o “inolvidável evangelizador do sertão, inigualável empreendedor e pioneiro da energia hidráulica do Norte e Nordeste”, conforme descrito em sua lápide e na literatura. É interessante ressaltar que, em seu testamento, Delmiro Gouveia expressou de maneira clara seu desejo de ser sepultado de forma simples, em cova rasa: “[...] quero que meu corpo seja inumado em cova rasa, sendo meu enterro feito sem pompa alguma e dispensei também todos os sufrágios e quaisquer outras solenidades [...]” (Jornal do Povo, Aracaju- SE, 1917, *Apud* MAYNARD, 2008, p.26). Essa escolha talvez reflita sua intenção de evitar qualquer ostentação, alinhado-se à sua imagem de um indivíduo prático e voltado para resultados, sem necessidade de cerimonialismos em torno de sua morte.

Infelizmente não sabemos ao certo quando o cemitério velho Delmiro Gouveia foi construído e inaugurado. No entanto, a datação mais antiga encontrada em uma lápide no cemitério remonta a 1908, o que indica que o local já estava em uso no início do século XX. As lápides e os jazigos, portanto, fornecem importantes indícios sobre o desenvolvimento e a evolução deste espaço funerário ao longo dos tempos. Essas evidências arqueológicas não apenas revelam a cronologia dos jazigos, mas também oferecem perspectivas sobre as práticas funerárias e as mudanças sociais e culturais na comunidade local. Portanto, mesmo sem uma data exata de sua fundação, o estudo dos jazigos, lápides e adornos permite reconstruir, ao menos parcialmente, a história do cemitério e sua importância para a memória coletiva de Delmiro Gouveia.

No próximo capítulo, intitulado “*Entre a vida e a memória: o espaço funerário na cidade dos vivos*”, exploramos a área de pesquisa, contextualizando suas características regionais e

ambientais. Em seguida, detalhamos o processo de campo realizado no cemitério velho, descrevendo as atividades realizadas e apresentando a materialidade do cemitério, que são os jazigos, lápides, adornos e a iconografia.

CAPÍTULO III

ENTRE A VIDA E A MEMÓRIA: O ESPAÇO FUNERÁRIO NA CIDADE DOS VIVOS

3.1. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA: O CEMITÉRIO VELHO DELMIRO GOUVEIA

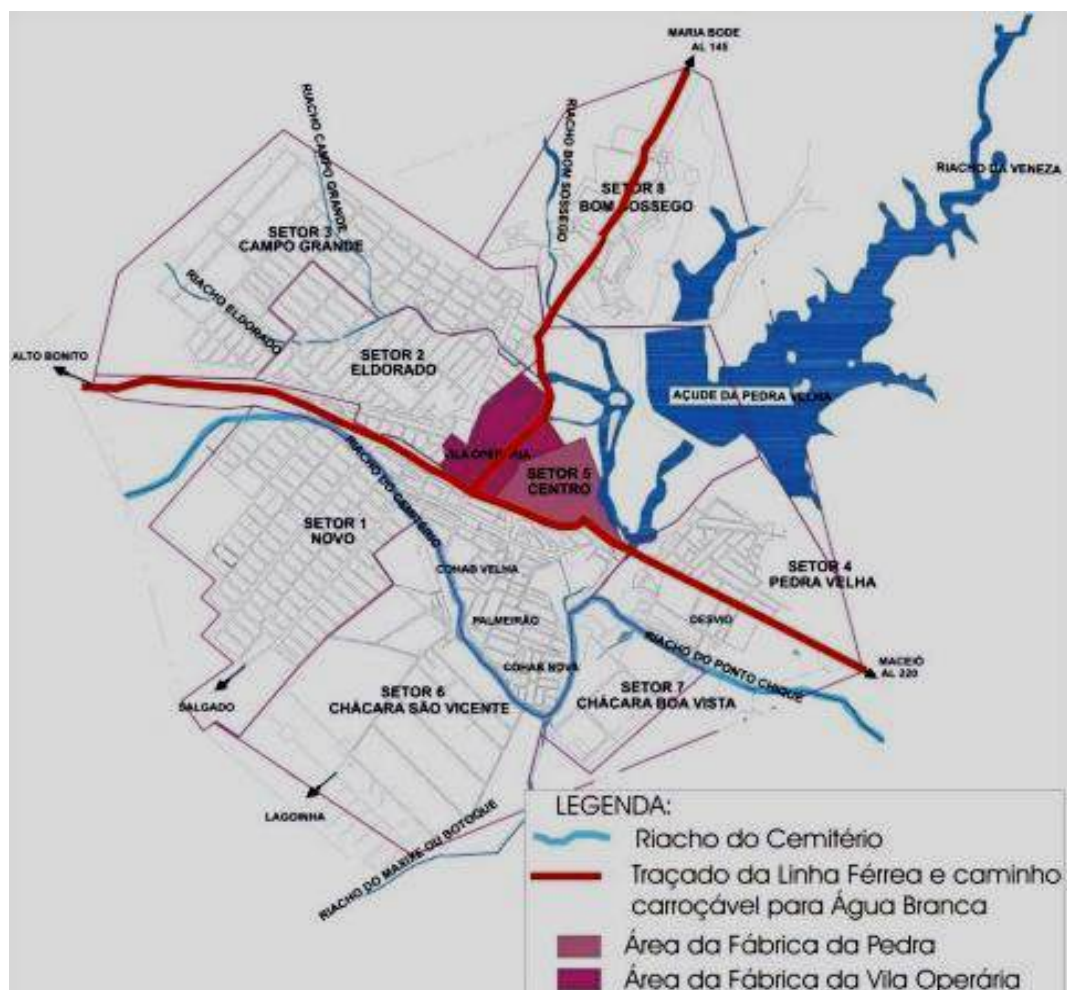
O Cemitério Municipal Delmiro Gouveia, popularmente conhecido como cemitério velho, está localizado na rua Angélica Oliveira de Souza, bairro Chácara Boa Vista, em Delmiro Gouveia - AL. De acordo com o Plano Diretor Participativo de 2006, “o território delmirenses foi dividido em 8 setores, que correspondem a diferentes fases do processo de formação da cidade” (PDPDG, 2006, p.79). Esses setores são:

- **Setor 1:** Bairro Novo;
- **Setor 2:** Bairro Eldorado,
- **Setor 3:** Bairro Campo Grande;
- **Setor 4:** Bairro Pedra Velha e Desvio;
- **Setor 5:** Centro da cidade, mas que corresponde aos bairros Cohab I e Cohab II (conhecidas como Cohab Nova e Cohab Velha), Palmeirão e Vila Operária;
- **Setor 6:** Bairro Chácara São Vicente;
- **Setor 7:** Bairro Chácara Boa Vista;
- **Setor 8:** Bairro Bom Sossego.

No entanto, esses dados não correspondem mais à dimensão territorial atual do município, pois a cidade conta hoje com um número maior de bairros, refletindo o desenvolvimento ocorrido ao longo dos anos, especialmente a partir da década de 1970 (PDPDG, 2006, p.80).

Com a consolidação do Povoado Pedra, impulsionada pela instalação da fábrica de linhas inaugurada em 1914 e pelo núcleo fabril que foi incorporado às primeiras edificações da pequena Vila (NASCIMENTO, 2012, p.62), o perímetro urbano se expandiu. Os principais eixos dessa expansão foram a rota da linha férrea, que atravessava a rua principal da Vila da Pedra, centro da vida econômica, política e social do povoado, e o caminho que dava acesso ao município de Água Branca (PDPDG, 2006, p.80), conforme figura 20.

Figura 20 - Áreas de expansão do povoado pedra, com indicação dos setores do território

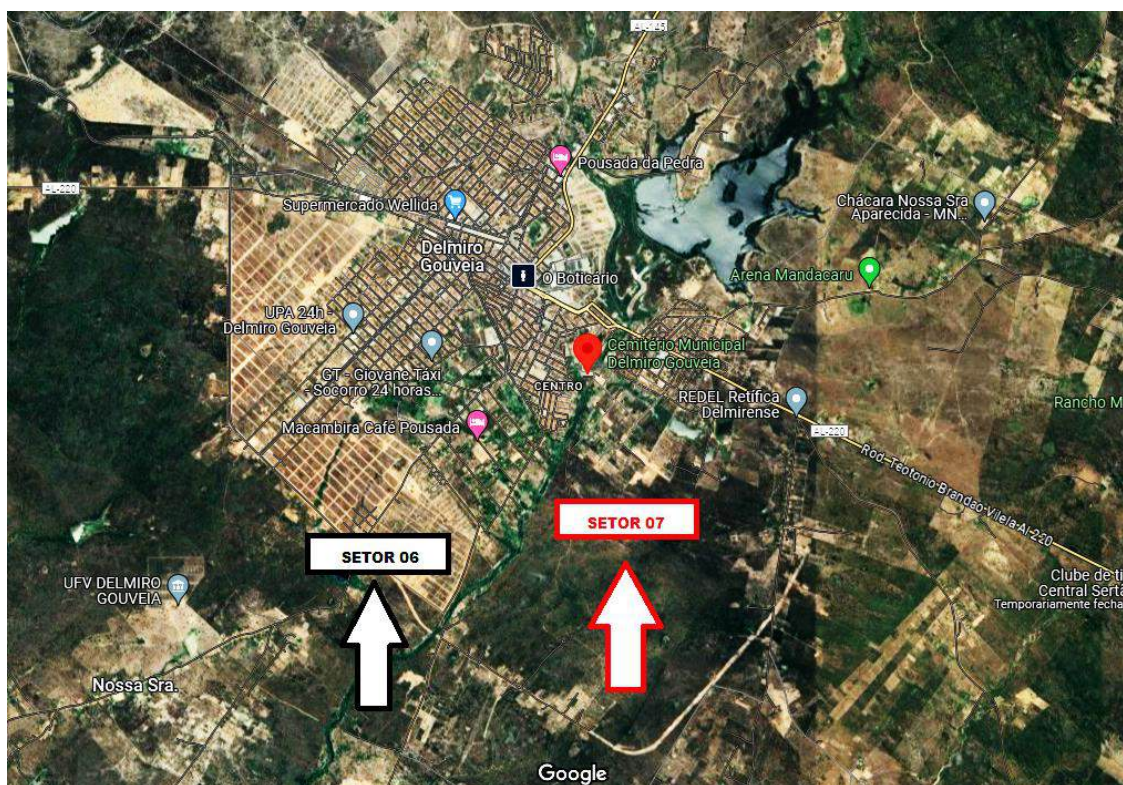


Fonte: PDPDG, 2006 (Plano Diretor Participativo de Delmiro Gouveia, 2006)

O **setor 7** corresponde ao bairro onde foi construído o cemitério Velho. Está situado entre os bairros Pedra Velha, na entrada da cidade pela rodovia AL 220, e Desvio³⁸, locais que se formaram nas adjacências da linha férrea, tornando-se parte do antigo povoamento da Pedra (PDPDG, 2006, p.95), conforme figura 21:

³⁸ O bairro Desvio é assim chamado, por lá haver existido um desvio da ferrovia utilizado para as manobras do trem”. PDPDG, 2006, p. 95.

Figura 21 - Localização dos bairros Chácara São Vicente e Chácara Boa Vista em Delmiro Gouveia - AL



Fonte: Google Maps, 2023

Além disso, o Setor 7 é vizinho ao bairro Chácara São Vicente (setor 6), que, embora um pouco mais distante, assemelha-se ao bairro Boa Vista em algumas características, como a ocupação por residências do tipo chácaras e sítios. Ambos possuem vazios urbanos e a infraestrutura precária, com ruas não pavimentadas (PDPDG, 2006), o que dificulta o acesso em períodos de chuva, que, inclusive, atrasou os trabalhos de campo no cemitério no início deste ano.

As discussões sobre os vazios urbanos geram diversas perspectivas entre os pesquisadores, como demonstram os conceitos apresentados por Dittmar (2006) e Garcia (2020). Nesse contexto, é relevante considerar a definição de Souza (2019, p. 11), especialmente em relação à localização do cemitério velho, que foi implantado em uma área que ainda hoje apresenta lotes sem uso:

Os vazios urbanos podem ser apresentados como espaços não construídos, áreas ociosas ou ainda remanescentes urbanos. Devido a sua falta de funcionalidade acabam por causar transtornos no cotidiano urbano, associados ao abandono, como a presença de mato alto, proliferação de pragas, a insegurança, insalubridade, aspectos negativos de forma geral. Se a função social da propriedade fosse colocada em prática, esses lotes vazios poderiam não ser um problema, complementando o desenho urbanístico das cidades, principalmente nos bairros mais centralizados, que já contam com infraestrutura e equipamentos urbanos, diminuindo os custos e os

transtornos advindos da expansão exacerbada do tecido urbano.

Essa realidade ressalta não apenas a importância histórica do cemitério, mas também a persistência de espaços não ocupados na cidade, refletindo as dinâmicas urbanas e sociais em constante transformação.

O acesso ao cemitério, como ilustrado na figura 22, é feito por estradas de terra. Nas proximidades, há propriedades cercadas por arame farpado, além de algumas construções, chácaras e sítios. As ruas que conduzem ao local carecem de pavimentação, tanto na rua Antônio Lopes (à esquerda), que leva ao bairro Ponto Chique, na periferia da cidade, quanto na rua Luiz Xavier Carvalho, Centro (à direita). Essa condição das vias reflete a falta de infraestrutura urbana adequada na área, impactando a acessibilidade e a visita ao cemitério.

Figura 22 - Vista aérea das vias de acesso ao cemitério velho Delmiro Gouveia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

A rua principal do cemitério é atravessada por um riacho que recebe águas poluídas do Açude da Pedra Velha, resultando em inundações frequentes durante períodos de chuvas intensas. Antes da construção da pequena ponte que agora facilita o acesso à área frontal do cemitério e ao seu portão de entrada, a região era frequentemente inundada. Ver figuras 23 e 24 a seguir:

Figura 23 - Acesso à área frontal do cemitério através da ponte sobre o riacho



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Figura 24 - Riacho do cemitério



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

3.1.2. METODOLOGIA DA PESQUISA: ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa focaliza o século XX, marcado pela introdução da indústria na Vila da Pedra, hoje Delmiro Gouveia, no interior do Sertão. Este período testemunhou marcos como a Usina de Angiquinhos, a Fábrica de Linhas Estrela e o Núcleo Fabril da Pedra. As datas nos jazigos do cemitério velho Delmiro Gouveia são cruciais para datar sua instalação e compreender os processos de ocupação e construção. Para esta pesquisa, adotamos um método que inclui levantamento bibliográfico, pesquisa documental, trabalho de campo e levantamento fotográfico. Os jazigos foram categorizados como Túmulos e Covas rasas.

Segundo Lima (1994), os jazigos ou sepulturas são locais onde um ou mais indivíduos foram inumados, independentemente das condições da inumação e do tipo de estrutura construída sobre elas. A autora classifica esses jazigos em três categorias principais: túmulos, ossários e mausoléus. Os túmulos são destinados a sepultamentos primários, geralmente de corpos articulados colocados em caixões alongados, permitindo que o corpo permaneça em posição estendida. Em contraste, ossários são destinados a sepultamentos secundários, onde os ossos, após a decomposição, são dispostos em urnas, em geral em jazigos estreitos e altos que não acomodam um corpo estendido. Os mausoléus, uma terceira categoria híbrida, permitem tanto sepultamentos primários quanto secundários, com caixões ou urnas contendo vários indivíduos, frequentemente de mesma família, grupo, organização ou entidade civil ou religiosa. Essas estruturas são geralmente de grande porte e caráter monumental, podendo ser subdividido em capelas, que frequentemente seguem arquitetura religiosa cristã semelhante a pequenas igrejas, e monumentos, que não possuem essa associação específica.

Apesar da importância dos estudos já realizados sobre classificações tumulares, abordados por autores como Borges (2002), Cymbalista (2002), Grassi (2016), e especialmente Lima (1994), que serve como base teórico-metodológica, é crucial destacar que nem todos esses conceitos se aplicam diretamente aos cemitérios brasileiros. O contexto examinado por Tânia Lima nos cemitérios do Rio de Janeiro difere consideravelmente da realidade do sertão alagoano, especificamente no cemitério velho Delmiro Gouveia. No entanto, os termos descritos por ela foram fundamentais para análise dos diferentes tipos de jazigos existentes. A partir dessa classificação, foi possível realizar um levantamento gráfico e iconográfico desses elementos.

3.1.3. METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

Antes de iniciar o trabalho no cemitério, foi realizado um mapeamento da área utilizando um Veículo Aéreo Não-Tripulado (VANT, popularmente chamados de Drone). As ferramentas geotecnológicas³⁹ nos auxiliaram na localização e identificação do cemitério e suas imediações, possibilitando interpretações sobre os processos de ocupação e construção do referido equipamento urbano. Isso permitiu a caracterização física da área em estudo, incluindo construções, contexto urbano e aspectos naturais e ambientais através da captura de imagens. De acordo com Tobias (2021, p.7), “a utilização do drone na arqueologia, pode contribuir não apenas para a geração de imagens, como também para o acesso prévio à uma localidade, deslocamento em áreas de grandes riscos e o desenvolvimento de ações preventivas em sítios arqueológicos”.

O uso do Drone possibilitou a identificação e localização precisa dos jazigos. Ao combinar as imagens aéreas com o banco de dados fotográfico criado, conseguimos realizar comparações, interpretações e caracterizações detalhadas dos jazigos, especialmente em relação à tipologia tumular. Essa abordagem também permitiu analisar aspectos relacionados aos padrões de construção, bem como aos elementos decorativos, gráficos e iconográficos que os caracterizam, enriquecendo nossa compreensão sobre as práticas funerárias da região.

O trabalho de campo foi realizado em parceria com a equipe do NUPEAH - Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos da Ufal, Campus Sertão - Delmiro Gouveia. Na nossa primeira ida ao cemitério velho para a coleta de dados, fomos acompanhados por uma funcionária da prefeitura, uma das responsáveis pelo setor administrativo dos três cemitérios municipais do perímetro urbano: o Cemitério São José, o Adonias Queiroz Mafra, ambos localizados na Travessa Tiradentes, nº 335, no centro, e o cemitério municipal Delmiro Gouveia (cemitério velho).

Ao chegarmos ao local de coleta, constatamos um estado de descaso evidente. Embora o cemitério ainda estivesse em condições de uso pela população local, ele se encontrava parcialmente tomado pelo mato, o que dificultava a locomoção em várias áreas, especialmente na Quadra 1, onde está sepultado Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, o idealizador de Pedra, conforme ilustrado na figura 25 a seguir:

³⁹ A utilização de geotecnologias veio ampliar as possibilidades e agilizar a pesquisa arqueológica, tanto a rotineira como a de salvamento. (NAZARENO, 2005, p.3).

Figura 25 - Visão parcial da Quadra 1 do cemitério velho



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Além desse problema, observamos lixo e entulhos acumulados próximo às estruturas tumulares e algumas destas estavam em ruínas, com remanescentes ósseos expostos, conforme ilustrado na figura 26:

Figura 26 - Lixo acumulado próximo a um jazigo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Com isso, o ambiente do cemitério fica sujeito a proliferação de mosquitos transmissores de doenças, como a dengue. Além da vegetação densa cobrindo parte dos túmulos, a desorganização do espaço funerário - ou seja, a disposição desordenada das construções ao longo do tempo - fez com que os corredores entre os jazigos desaparecessem, dificultando tanto o trânsito no local quanto os próprios sepultamentos, conforme figura 27.

Figura 27 - Vista aérea parcial da Quadra 1



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

As covas rasas são as mais afetadas, quase completamente desaparecidas, com apenas algumas cruzes lápides visíveis, como as figuras 28 e 29 a seguir:

Figura 28 - Sepultamento afetado por vegetação, ficando visível apenas a Cruz Lápide



Figura 29 - Sepultamentos afetados por vegetação



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

As interferências antrópicas também ficaram evidentes nas marcas de algumas jazigos, como na estrutura n° 30 da Quadra 01- (T.30 - Q.01), conforme figura 30, e na unidade tumular n° 01 da Quadra 02 - (Q.2 - T.01), conforme figura 31. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de cuidados e vigilância para proteger este patrimônio da cidade.

Figura 30 - Interferências antrópicas no jazigo nº 30 da Quadra 01



Figura 31 - Interferências antrópicas no jazigo nº 01 da Quadra 02



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Apesar dos desafios iniciais, o trabalho de coleta de dados cemiteriais seguiu critérios pré-estabelecidos em laboratório através de fichas de registro geral (conforme figura 32) e fichas específicas das unidades tumulares (conforme figura 33), que continham as variáveis de análise. Essas fichas foram analisadas em gabinete, juntamente com as fotografias dos jazigos de todas as quadras do cemitério. Durante a pesquisa, foram utilizados diversos instrumentos, como fita métrica, lápis grafite, borracha, quadro branco, pincel, câmera fotográfica e drone, para garantir a precisão e a qualidade dos dados coletados.

Quadro 2 - Ficha cemiterial geral

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA	
FICHA CEMITERIAL	
Responsável pelo registro: Carla Janine Vieira de Souza	
Data do registro: 08/02/2023	
Denominação: Cemitério Municipal Delmiro Gouveia (Cemitério Velho)	
Endereço: Rua: Angélica Oliveira de Souza, bairro Chácara Boa Vista Município: Delmiro Gouveia, AL, Brasil - CEP: 57480-000	
Ano de fundação: N.I Ano de inauguração: N.I	Tipo: 1 : (X) Municipal 2 : () Particular Área em m²: 2.646, 34 m²
Condição Atual: 1 : (X) Em uso 2 : () Abandonado 3 : () Sem uso	
Estado de conservação: 1 () Bom: (<75%) 2 (X) Regular: (50% - 75%) 3 () Ruim: (>50%)	
Possui delimitação: 1 : (X) Sim : Muro 2 : () Não	
Possui edificações: 1 : (X) Sim: Cruzeiro 2 : () Não	
Sepultamento mais recente: 2023 Sepultamentos mais antigos: 1908 e 1913	



Responsável pelo registro:
Henrique Correia, 08/02/2023

Número aproximado de jazigos: 227 unidades	
--	--

Fonte: Arquivo Pessoal, 2023. Ficha elaborada pela autora

Quadro 3 - Ficha tumular individual

FICHA TUMULAR INDIVIDUAL				
CEMITÉRIO MUNICIPAL DELMIRO GOUVEIA - AL - CEMITÉRIO VELHO				
Quadra: 03	Número do jazigo: 04	Data do registro: 21/04/2023	Quantidade de indivíduos: 01	
Ano de nascimento: 1925	Ano de falecimento: 1988	Idade à morte: 63 anos	Tipo de Jazigo: Túmulo Simples	
Sexo biológico: Feminino	Década do jazigo: 1980	Material construtivo: Alvenaria de tijolo	Tipo de revestimento: Cerâmica decorada	
Ornamentos: Vasos com flores artificiais, Cruz de metal, Coroa de flor artificial e puxador de gaveta.	Elementos iconográficos: N. I	Elementos gráficos: Sim	Lápide: Mármore	
Dimensões: (A) = Altura: 2,26 m (L) = Largura: 1,04 m (C) = Comprimento: 2,40 m		Tipo de sepultamento: (X) Primário () Secundário		
				Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

Fonte: Arquivo Pessoal, 2023. Ficha elaborada pela autora

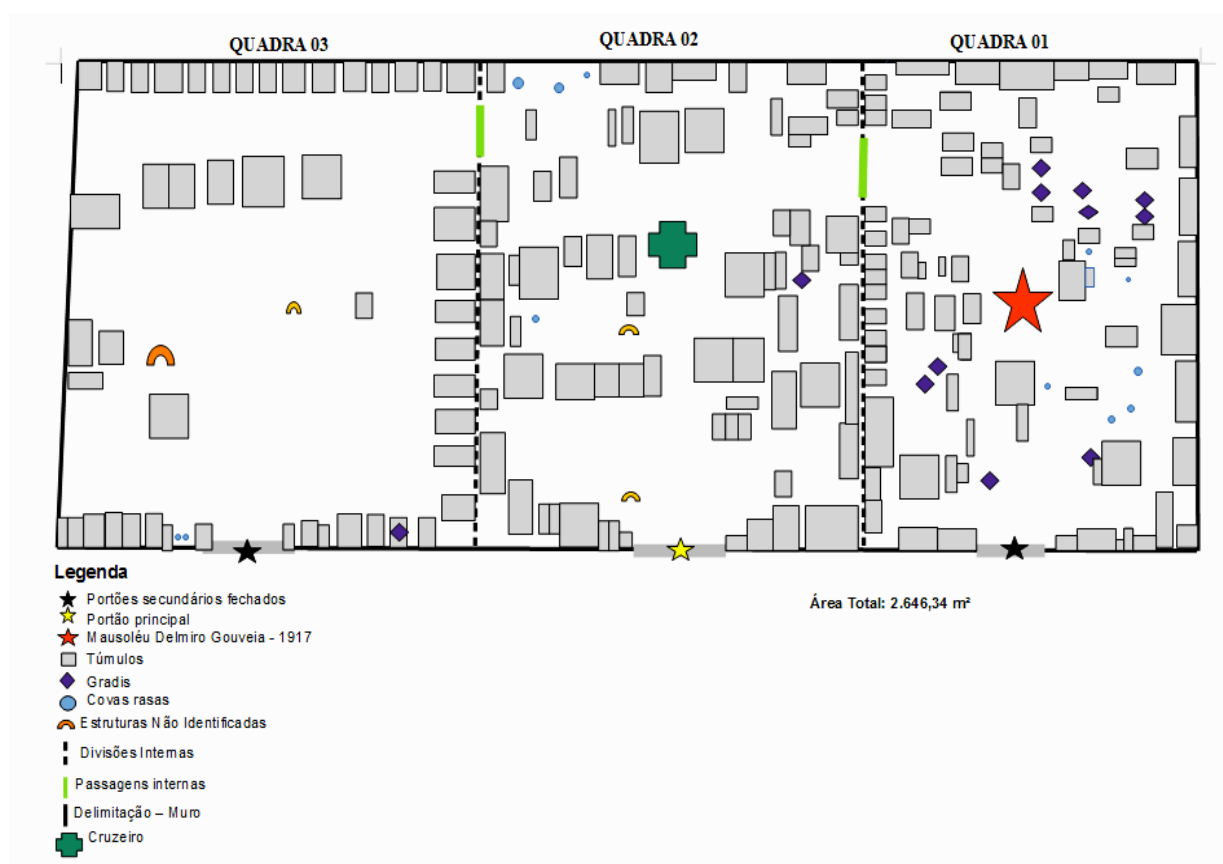
3.1.4. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO CEMITÉRIO VELHO

O trabalho de coleta das informações foi dividido em três etapas distintas para garantir maior eficiência e precisão. Na primeira etapa, concentramos nossos esforços na coleta de dados gerais e na documentação detalhada da Quadra 01. Em uma segunda visita, o foco foi a coleta de dados tumulares da Quadra 02. Durante essa fase, observamos mudanças significativas no espaço funerário, incluindo a remoção de uma quantidade considerável de entulho e vegetação que anteriormente cobria parte dos jazigos, melhorando o acesso e a visibilidade da área.

O terceiro e último momento da coleta foi realizado posteriormente, finalizando, por ora, os trabalhos de campo. A divisão em quadras foi essencial para facilitar o processo de coleta, organizar os dados de forma sistemática e permitir uma análise posterior mais detalhada e coerente. Essa estratégia evitou a dispersão das informações e garantiu que nenhum detalhe fosse perdido ao longo do processo de pesquisa, assegurando a precisão e a integridade dos dados coletados.

O cemitério velho de Delmiro Gouveia apresenta um formato retangular e está internamente dividido em três quadras, conforme mostrado na figura 32:

Figura 32 - Planta baixa do cemitério velho Delmiro Gouveia



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Em todas as quadras, o antigo e o moderno coexistem, compartilhando o mesmo espaço e tempo. Essa sobreposição de estilos, práticas e materiais reflete as transformações sociais e culturais ao longo dos anos, evidenciando uma continuidade nas tradições funerárias, mas também a incorporação de novos elementos. A coexistência dessas camadas temporais no cemitério proporciona uma rica fonte de estudo sobre as dinâmicas históricas e religiosas da região.

Os espaços internos do cemitério são desordenados, sem uma organização clara de ruas ou passagens definidas. Grande parte dos jazigos está disposta de maneira aparentemente aleatória, resultando em áreas com uma alta concentração de sepulturas, o que dificulta tanto novas inumações quanto a locomoção dos visitantes, conforme figura 33 abaixo. Essa disposição caótica reflete uma falta de planejamento ao longo dos anos, contribuindo para a sensação de desorganização e limitando o acesso a algumas áreas do cemitério.

Figura 33 - Vista aérea parcial da Quadra 1 com jazigos desordenados



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Observam-se, portanto, as irregularidades espaciais entre as estrutura funerárias. Em muitas áreas, há uma grande concentração de jazigos muito próximos entre si, e estes, por sua vez, não seguem um alinhamento definido. Essa desorganização espacial prejudica a circulação e dificulta a locomoção dentro do cemitério, tornando algumas áreas de acesso complicado para os visitantes. Para realização do trabalho de campo, seguimos a numeração das quadras estabelecidas no cemitério, conforme mostrado na figura 34, o que facilitou a coleta de dados e a navegação pelo local.

Figura 34 - Visão aérea panorâmica das quadras do cemitério



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

É importante destacar que, assim como as cidades são planejadas e passam por processos de evolução, as necrópoles também estão sujeitas a transformações ao longo do tempo. O espaço coletivo destinado à morte acompanha essas mudanças, influenciado tanto por fatores sociais quanto pelo imaginário coletivo. Tal como o tecido urbano se adapta e reconfigura, os cemitérios refletem essas dinâmicas, moldando-se de acordo com as necessidades e percepções das comunidades. Conforme destacado por Caino e Roedel (2017, p. 02), as cidades podem ser vistas como verdadeiros sítios arqueológicos, composto por “superartefatos” como ruas, prédios, igrejas e cemitérios. Essa perspectiva nos permite abordar os cemitérios de forma contextual, identificando as conexões entre as transformações urbanas e as mudanças no espaço funerário, que são também parte do processo de evolução da cidade.

Ainda de acordo com as autoras, as práticas ligadas à morte e aos cemitérios são dinâmicas, evoluindo conforme as mudanças sociais ao longo do tempo. Argumentam que os cemitérios não se limitam apenas ao papel de locais de sepultamento, mas também refletem aspectos culturais, sociais e urbanos de uma cidade. Assim, tanto a cidade quanto o espaço dedicado aos mortos são moldados por ideias compartilhadas sobre urbanidade, saúde, doença, morte e religiosidade. Isso implica que as mudanças na estrutura e no uso dos cemitérios são reflexos das demonstrações mais amplas na

sociedade e na cultura ao longo da história.

O trabalho iniciou-se na Quadra 1 (Q.1) e foi finalizado na Quadra 3 (Q.3), com cada jazigo numerado de acordo com a sua quadra correspondente, começando pelo túmulo 01 da quadra 01 (Q.01 - T.01). Durante esse processo, foram realizadas fotografias de cada unidade, enquanto os dados eram cuidadosamente registrados em fichas previamente elaboradas, seguindo critérios básicos estabelecidos com base no trabalho de Elisiana Trilha Castro (2017). Essa metodologia garantiu a sistematização e organização dos dados, facilitando a análise posterior.

As fotografias gerais abrangeram diversas categorias, como a localização do cemitério, as estradas ou vias de acesso, o entorno, o portão de entrada, vistas panorâmicas, o cruzeiro e elementos iconográficos. Após o mapeamento da área de pesquisa, que inclui registros aéreos para uma análise abrangente do espaço, com foco nas três quadras do cemitério e sua área circundante, iniciamos o processo de fotografar e medir cada jazigo, quadra por quadra. Os dados coletados foram registrados em fichas individuais.

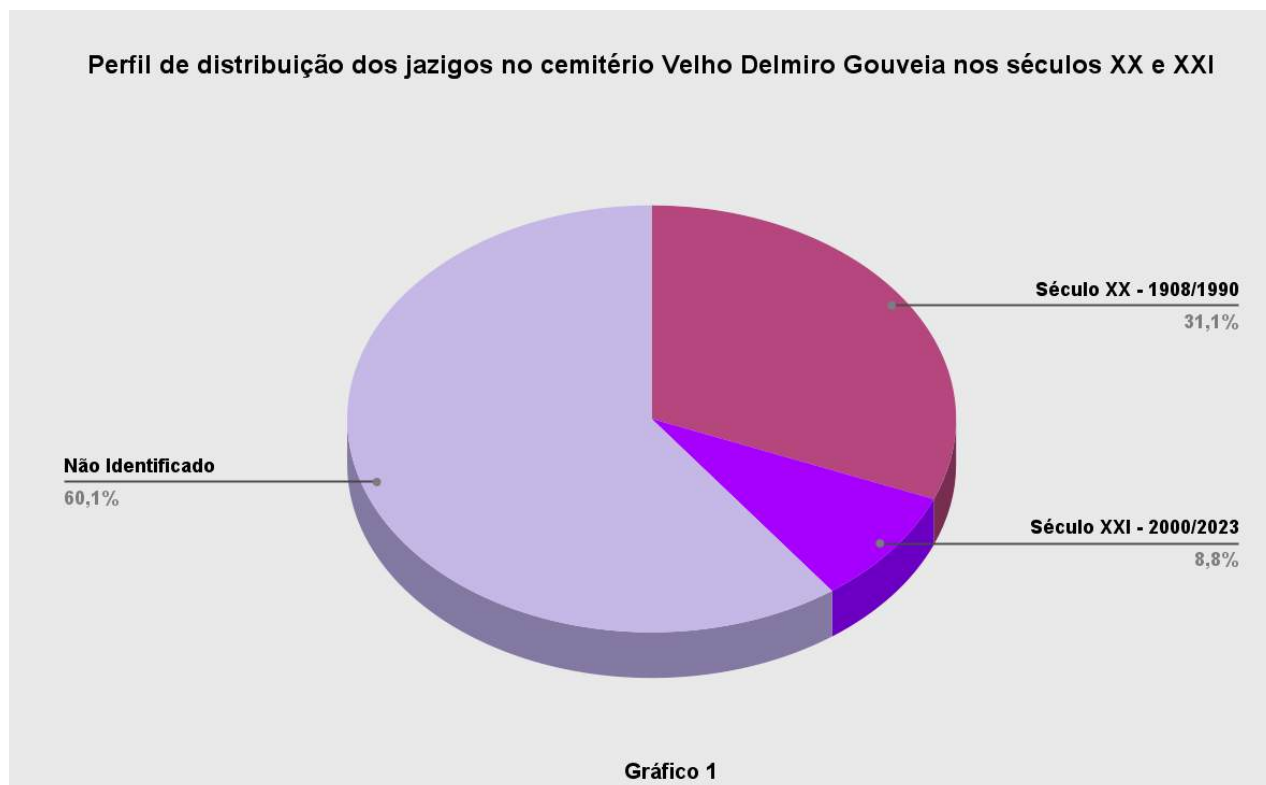
Seguindo os critérios estabelecidos para levantamento fotográfico, cada unidade tumular foi documentada detalhadamente da seguinte maneira: uma imagem frontal, uma lateral (direita ou esquerda), uma da lápide, destacando os elementos gráficos e iconográficos (quando presentes), e uma imagem dos adornos (quando existentes). Contudo, o trabalho exigiu adaptações à realidade do cemitério, levando em consideração sua organização e disposição espacial, o que nos obrigou a realizar algumas modificações e ajustes, incluindo a classificação das tipologias tumulares.

Na análise dos jazigos, foram consideradas as seguintes variáveis para capturar o máximo de detalhes em cada estrutura. Essas variáveis incluíram: tipologia de construção, dimensões (altura total, largura total e comprimento total), estado de conservação, elementos gráficos e iconográficos, tipos de sepultamento (primário e secundário – adulto e não adulto), sexo biológico, ano de nascimento e falecimento, material construtivo e adornos (elementos decorativos ou simbólicos).

3.1.5. A MATERIALIDADE DO CEMITÉRIO VELHO: ANÁLISE DOS JAZIGOS

Foi realizado um levantamento e análise de um total de 227 jazigos, datados dos séculos XX e XXI. O gráfico a seguir, apresenta a distribuição desses jazigos no cemitério velho entre os anos de 1908 e 2023.

Gráfico 1 - Gráfico de distribuição dos jazigos no Cemitério Velho entre os séculos XX e XXI.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Observa-se uma alta incidência de jazigos sem informações cronológicas no cemitério, totalizando 136 estruturas tumulares. Muitas dessas estruturas perderam seus dados devido ao desgaste ou à degradação natural do revestimento, especialmente as construídas com cimento e cal. Dos 136 jazigos sem referência cronológica, 69 estão localizados na Quadra 01, 46 na Quadra 02 e apenas 21 na Quadra 03. É relevante notar que, ao se considerar o tipo de revestimento, a estrutura arquitetônica e a ausência de acompanhamentos funerários, esses jazigos provavelmente pertencem ao conjunto de estruturas tumulares dos primeiros anos do século XX.

No quadro a seguir, apresentamos uma lista de pessoas falecidas entre os anos de 1922 a 1930, conforme registros encontrados no jornal Correio da Pedra. Essas informações foram fundamentais

para identificar jazigos que careciam de dados como o sexo do indivíduo, data de nascimento e falecimento, além de possíveis causa de morte à época. Esses registros não apenas enriquecem a análise histórica, mas também deram visibilidade a pessoas que tiveram um papel crucial na consolidação de uma cidade que cresceu graças aos esforços de seus trabalhadores e trabalhadoras, envolvidos na indústria sertaneja.

Esses homens e mulheres, muitas vezes esquecidos pela memória oficial, contribuíram para o desenvolvimento econômico e social a região, seja no setor fabril ou em outras atividades que moldaram a sociedade delmirense nos primeiros anos do século XX. Além disso, os registros também destacam figuras que tiveram papel significativo na vida pública local, reforçando a importância de se preservar e estudar a memória coletiva, expressa nos jazigos e nos rituais funerários que perpetuam o legado dessas pessoas.

Quadro 4 - Lista de pessoas falecidas na Vila da Pedra nos anos 1922 a 1930

LISTA DE PESSOAS FALECIDAS ENTRE OS ANOS 1922 A 1930 NA VILA DA PEDRA - AL		
De 1922 a 1924 - Correio da Pedra	De 1925 a 1926 - Correio da Pedra	De 1927 a 1928 - Correio da Pedra
Francisco Barros de Figueiredo (Jovem) Filho do sr. capitão Aristides de Figueiredo e cunhado de Elyseu Gomes (negociante da Vila)	Annalia Maria (jovem) Auxiliar da Fábrica de Linhas	Joaquina Magdalena da Conceição (Povoado Salgado) Era cunhada de Manoel Pereira, funcionário da seção de eletricidade da Fábrica de Linhas
Alcino de Souza Pereira Vítima de enfermidades, era casado com Luiza Pereira T.09 - Q.01	Maria (criança) Filha de João Osório e Honorina Lima	Serafim (criança/03 anos) Vítima de afogamento. Era filho de José Serafim de Souza e Eulina Souza
Adelaide Alcoforado Mãe de Totônia Lima	Mário (criança) Filho de Antonio Bello	Everaldo (criança) Filho de Theodoro Coelho e Anna Coelho
Manoel Freire de Menezes Pai de Hildebrando Gomes de Menezes	Manoel Marcolino Vítima de assassinato na Vila - reservista e operário da Fábrica	Maria Idalina Sandes (60 anos) Vítima de pertinaz moléstia por longos meses. Era esposa de Clarindo Vieira Sandes, funcionário aposentado da Great Western, seção de Paulo Afonso.
Maria Cavalcante de Albuquerque (18 anos) Auxiliar na Fábrica de Linhas -	Luiza Gomes (26 anos)	Hélio (criança) filho de José Cardeal, fiscal da seção do encarretelamento da

vítima de enfermidades		Fábrica de Linhas, e Eva Cardeal
Cecília Vítima de enfermidades/moléstias - esposa de Manoel Vieira Ramos Filho	Pedro Lessa Esposo de Anna Joaquina Lessa	Eurico Serpa (30 anos) Vítima de moléstia. Foi chefe da seção de expedição da Fábrica de Linhas por 13 anos. Filho de Juvenal Serpa (já falecido) e Maria José Serpa. Irmãos: Aparício Serpa, Antenor Serpa , Natércia Serpa e Olga Serpa. T.04 - Q.02
Angélica Crossi Missano (1920) T.03 - Q.1	Julia Marques (17 anos) Vítima de enfermidades - era auxiliar da Fábrica de Linhas	América (criança) Filha de Américo Pereira, empregado da portaria da Fábrica de Linhas, e Santa Vianna Pereira.
	Alventino Alves (26 anos) Morte súbita - esposo de Joaquina Alves	Antonia Lopes (75 anos) Esposa de José Lopes (já falecido) e era empregado da via férrea de Paulo Afonso)
Maria José Messias T.04 - Q.1	Cyriaco Correia Serpa Assassinado - filho de Maria José Serpa T.04 - Q.02	Anna Joaquina da Conceição (92 anos) Sogra de Daniel Silva
	Evaldo e Everaldo (gêmeos - crianças) Filhos de Julia Bandeira	Antonio Bezerra Leal Morte repentina. Esposo de Maria Bezerra
	Antonio Dias Esposo de Odette Machado Dias	Valderez (criança) Vítima de penosos sofrimentos. Era filha de José Menezes e Maria B. de Menezes.
	Adelia Malta de Alencar (70 anos) Mãe de Ulysses Souza, conceituado comerciante em Paulo Afonso e sogra de Sadote Oliveira, da rua do Progresso	Helena Vieira (16 anos) Vítima de congestão pulmonar. Era filha da viúva Maria da Glória e irmã de Sebastião Motta, auxiliar da firma J. Corrêa da Vila.
	Vicente Ferreira de Oliveira - fazenda Bom Jesus	Maria José Telles (28 anos) Vítima de enfermidades. Era operária da Fábrica de Linhas. Filha de José Telles e Lucia Telles.
	Abelardo Filho de Hermínio Duarte e Maria José Duarte	Cecília Oliveira (20 anos) Vítima de insidiosa moléstia. Era operária da Fábrica de Linhas.

		Filha de Antonio José dos Santos e Anna Santos
	José de Souza Freitas (28 anos) Vítima de impaludismo ou malária - guarda da recebedora estadual - natural de Penedo	Jesuíno Bezerra Vítima de enfermidades. Era pai de José Bezerra, que foi typographo na Litho-Typographia da Fábrica de Linhas
	José (18 meses/ 1 ano e 6 meses) Vítima de perniciosa gastroenterite. Era filho de Arthur Lisbôa e Amélia Olimpia de Moraes Lisbôa	Maria Francisca Lima (58 anos) Moradora da Fazenda Campinhos, no município (Água Branca) . Era sogra de Manoel Camillo, empregado da Fábrica de Linhas
	Josepha Figueiredo (idosa) Vítima de antigos padecimentos - mãe de Maria José, dona de uma pensão na Vila.	Alexandrina Oliveira (22 anos) Filha de Antonio José dos Santos e Anna Rita dos Santos
	Maria Joaquina Gomes (18 anos) Morte no parto. Era esposa de Arthur Gomes, operário da Fábrica de Linhas	José (criança - 22 meses) Vítima de gastroenterite. Filho de Manoel Simplicio do Nascimento e Anna Maria de Souza
	Marília (criança) Filha de José André de Souza, encarregado do almoxarifado nº 2 da Fábrica de Linhas, e Rosa Cavalcante de Souza	Izabél Gonzaga da Silva (12 anos) Filha do professor Luiz Gonzaga da Silva e Cícera Silva.
	Nilda Filha de Né Britto e Maria Missano Britto	Genésio Pereira Lima (15 anos) Operário da Fábrica de Linhas e candidato a atirador do “Tiro 636”. Era filho de Firmino Pereira de Lima e Severina Pereira Lima.
		Zilta (criança - 07 meses) Filha de Cícero Galdino e Rosa Lima
		Therezinha (criança - 02 meses) Filha de Antonio Trajano Bandeira e Julia Rodrigues
		Washington (criança) Filho de José Hermenegildo e Amélia Figueiredo

		Isaura Vieira (21 anos) Vítima de pertinaz moléstia rebelde a todo tratamento. Era filha de Maria da Glória Vieira e irmã de Sebastião Motta, auxiliar da firma J. Corrêa da Vila.
		Engracia Vieira Sandes (40 anos) Esposa de Bellarmino Vieira Sandes
		Vivaldo (criança) Filho de Lydio Tavares, empregado da Fábrica de Linhas e de Joaquina Bruno
		Manoel Rodrigues Cavalcante (Bezinho)
		Maria José (25 anos) Era operária da Fábrica de Linhas. Filha de Manoel Páo Ferro e Praxedes Vieira Batalha
		Vivaldo (criança) Filho de Joaquim Alves da Silva e Julia Gamelleira da Silva
		Dorothea Figueirêdo (52 anos) Era esposa de Aristides Figueirêdo e mãe de Julia Figueirêdo Gomes (esposa de Elyseu Gomes - conceituado comerciante na Vila), e mãe de Aristóteles Figueirêdo, empregado no escritório da Fábrica de Linhas.
		Rachel Grossi (70 anos), de Garanhuns Era sogra de José Missano, encarregado da farmácia da Cia. Agro Fabril Mercantil da Vila
		Manoel Francisco da Silva Vítima de uma terrível moléstia. Trabalhou durante anos no armazém da Cia. Agro Fabril Mercantil da Vila
		João Humbellino (42 anos) Vítima de pertinaz moléstia.

		Antonio (criança) Filho de Manoel Coelho de Araújo, mecânico da seção de encarretelamento da Fábrica de Linhas e Luiza Miranda de Araújo
De 1929 a 1930		
José Marques - Pai de Ceciliano e abdon Marques		
Amélia Nunes (38 anos) - Irmã de Balbino, João, Manoel e Antonia Nunes		
Manoel Messias (06 meses) - Filho de Manoel Gomes Bezerra e Josepha Maria Gomes		
Ernestina de Souza Bandeira (31 anos) - Casada com Ulysses de Souza Bandeira, empregado na seção de eletricidade da fábrica de Linhas. Três filhos: Alzira (9 anos), Luiz (4 anos) e Ulysses (1 ano). T.41 - Q.01		
Manoel Inhamé (60 anos) - Vítima de uma síncope cardíaca. Era trabalhador da Agro Fabril Mercantil desde a fundação. Casado com Edwiges Maria da Conceição		
Eginardo Coelho (19 anos) - Vítima de febre intestinal. Trabalhava desde criança na Cia. Agro Fabril Mercantil, começando na seção de Litho-Typographia e depois no escritório da Fábrica e era reservista no Tiro de Guerra 636 - T.50 Q.02		
Maria S. Pedro Cavalcante de Albuquerque (85 anos) - Mãe de Manoel Pedro de Albuquerque e de Francisco Cavalcante de Albuquerque.		
José Motta (criança) - Vítima de acidente de carro (atropelamento acidental por um motorista da Fábrica)		
Julia Lima (18 anos) - Vítima de febre intestinal. Aparentemente trabalhava na Fábrica. Era filha de Manoel Camillo do Nascimento, empregado na seção de encarretelamento da Fábrica de Linhas, e de Permina do Nascimento.		
Odilon Nascimento (23 anos) - Vítima de incômodos intestinais e cansaço (falta de ar) foi empregado por muito tempo empregado da Fábrica de Linhas. Era filho de Manoel Camillo do Nascimento, Permina do Nascimento e irmão de Julia Lima. Casado com Maria Cavalcante de Souza (filha de José André de Souza, empregado do almoxarifado da Fábrica). Era o falecido, reservista do Tiro de Guerra 636		
Luiza Alencar (23 anos) - Era esposa de Raymundo Alencar		
Maria Queiroz (29 anos) - Vítima de uma terrível e violenta moléstia, no Sítio Boa Vista. Era esposa de Antonio Tiburtino		
Aristides Figueiredo - Vítima de moléstias. Morador da Fazenda Morros, município de Água Branca. Era fazendeiro e agricultor muito conhecido. Era pai de Júlia Figueiredo Gomes, esposa de Elyseu Gomes, comerciante em Pedra.		

Francisco Sergio (60 anos) - Era casado com Clarinda Sergio
Ritta Vieira Sandes (65 anos) - Era esposa de Antonio Vieira Sandes. Moradora do Sítio Cobra, no município
José (criança/05 anos) - Filho de Antonio Alvino, empregado da Great Western em Piranhas.
Iracema Braga (12 anos) - Vítima de febre intestinal. Filha de Joaquim Gomes da Cruz e Amélia Braga Gomes
Nelson (criança/08 anos) - Vítima de febre intestinal. Filho de Elyseu Gomes, comerciante na Vila - Q.02 - T.07
Jacyra - Filha de Cicero Vieira Figueiredo, artista na Vila, e de Rosa Maria Lima
Walter (criança/04 anos) - Filho de Luiz Teixeira de Guimarães, guarda da recebedoria da localidade, e de Carolina Pedrocina Guimarães
Luiza Angélica - Vítima de um raio. Era operária da Fábrica de Linhas.
Nelson (criança) - Vítima de gastroenterite. Filho de Elyseu Gomes e Julia Gomes - Q.02 - T.07
Marcionilia de Souza Lima (30 anos) - Vítima de antigos padecimentos. Era esposa de Gumercindo Lima, guarda-fio da linha férrea de Paulo Afonso

Fonte: Jornal Correio da Pedra, volumes I (1922 - 1924), II (1925 – 1926), III (1927 – 1928) e IV (1929 – 1930)

Alguns jazigos não possuem inscrições utilizáveis para análises, mas foram considerados devido a outras informações relevantes, como o material construtivo, tipologia e elementos iconográficos e decorativos, conforme figura 35, 36, 37 e 38.

Figura 35 – Imagem frontal do jazigo nº 27 da Quadra 01



Figura 36 – Inscrições apagadas na estrutura tumular



Figura 37 - Imagem frontal do jazigo nº 8 da Quadra 01



Figura 38 - Inscrições ilegíveis na estrutura tumular



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Com menor frequência, destacam-se os jazigos a partir dos anos 2000, totalizando 20 estruturas identificadas por todo o cemitério, com maior frequência na Quadra 03. Por outro lado, os jazigos que remontam à década de 1900 estão distribuídos pelas três quadras do cemitério. A mais antiga referência cronológica identificada remonta a 1908⁴⁰, pertencendo a um jazigo familiar onde diversos membros foram sepultados em diferentes períodos. Este jazigo provavelmente passou por reformas ao longo do tempo, evidenciadas pelo tipo de material de revestimento utilizado, em contraste com outros da mesma época que não possuem o mesmo tratamento. As diferenças entre essas estruturas são observáveis mesmo com pequenas variações cronológicas entre elas. Um exemplo é o jazigo nº 41 da Quadra 01 (Q.01 - T. 41) (figura 39), datado de 1908 e revestido com azulejos lisos azuis e branco nas laterais, conforme figura 38, destacando-se dos demais nesta características.

⁴⁰ Trata-se de um jazigo familiar que passou por possíveis reformas. A cronologia mais antiga encontrada no cemitério equivale ao ano de 1908, de um indivíduo do sexo masculino, porém, há uma pequena inscrição no canto inferior da lápide, com o nome Penêdo, podendo se tratar de um traslado de restos mortais vindo de Vila próxima a Pedra, isto é, a Vila de Penedo, situada entre os estados de Alagoas e Sergipe.

Figura 39 - Jazigo nº 41 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

O jazigo nº 56 da Quadra 01 (Q.01 - T. 56), conforme figura 40, contrasta com o jazigo nº 41 da Quadra 01 (Q.01 - T.41) ao apresentar um revestimento de cimento, cal e tinta, com a data de 1913 inscrita na lápide, cronologicamente próxima ao T.41, mas com padrões construtivos distintos. É interessante observar as informações esculpidas na lápide, que mencionam "*Lembranças de seus chefes e amigos*". Essa inscrição sugere que o ocupante do jazigo foi um funcionário da Usina de Angiquinhos ou da Fábrica de Linhas do povoado Pedra, conforme a figura 40.

Figura 40 - Jazigo nº 56 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Outro exemplo é o jazigo nº 80 da Quadra 01 (Q.01 - T.80) datado no ano de 1915 e pertencente a um indivíduo não adulto. Sua estrutura é revestida com cimento e cal, conforme figura 41 a seguir:

Figura 41 – Jazigo infantil nº 80 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Além dos exemplos mencionados, o jazigo nº 67 da Quadra 02 (Q.02 - T. 67), também apresenta uma estrutura simples, revestida em cimento e cal, com a datação na lápide correspondente ao ano de 1918, conforme figura 42:

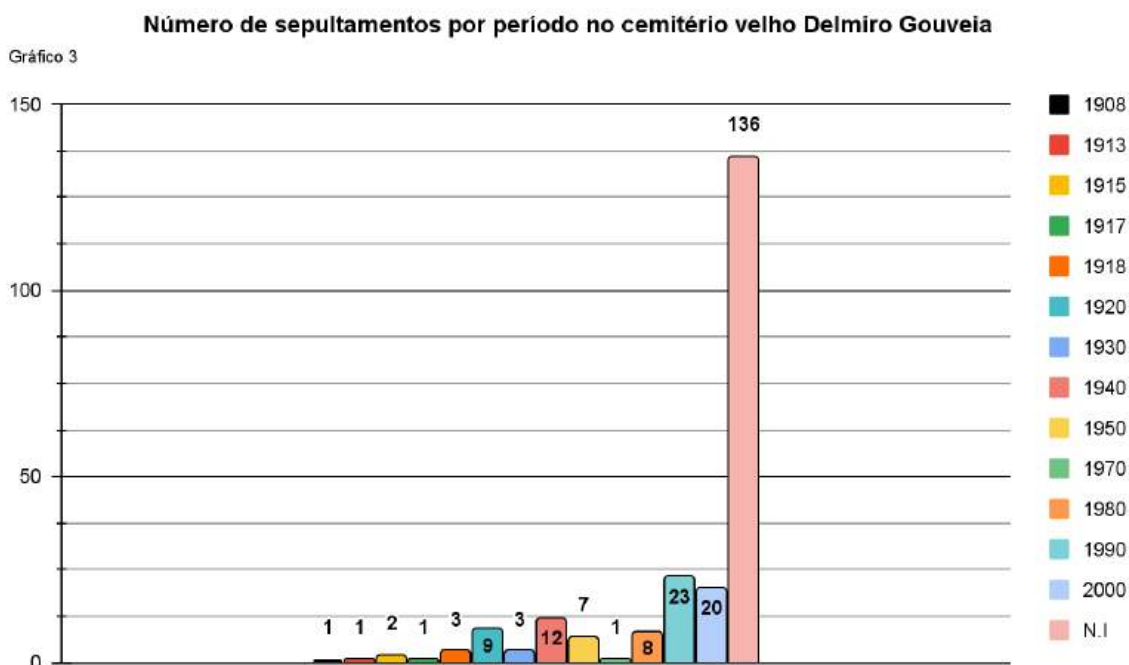
Figura 42 - Jazigo nº 67 da Quadra 02



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Com base nas informações apresentadas, observa-se que os sepultamentos não seguem um padrão regular, evidenciando lacunas entre os anos de inumação. Desde o primeiro sepultamento documentado, provável em 1908, até o mais recente em 2023, observa-se uma variação significativa na quantidade de enterros por ano. O ano de 1990 destaca-se como o período com o maior número de inumações, totalizando 23 sepultamentos, conforme ilustrado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Número de sepultamentos por período no cemitério velho Delmiro Gouveia



Essa variação pode refletir não apenas mudanças demográficas, mas também fatores sociais e econômicos que impactaram a comunidade ao longo do tempo.

Em relação aos materiais construtivos, observou-se uma predominância de construções em alvenaria de tijolo, acompanhada de uma notável diversidade de revestimentos nas estruturas. Ao todo, foram identificados aproximadamente 21 tipos de revestimento distribuídos pelas três quadras, conforme detalhado a seguir:

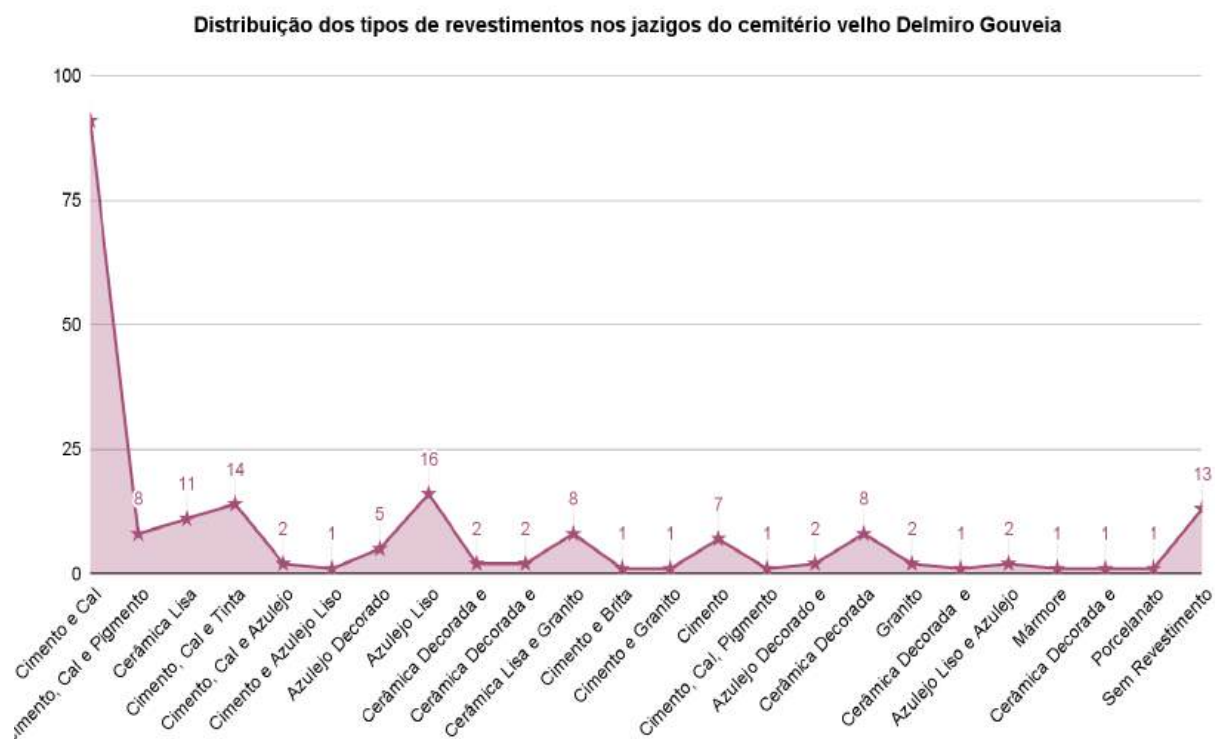
- Cimento e cal (91 unidades);
- Cimento (7 unidades);
- Cimento, Cal e Tinta (22) ⁴¹;
- Cimento e granito (1 unidade);
- Cimento e brita (1 unidade);
- Cimento, cal e azulejo Liso (2 unidades);
- Cimento e azulejo liso (1 unidade);

⁴¹ Alguns jazigos possuíam pigmentações de várias cores, ou seja, um tipo de sobreposição de pintura que provavelmente indica algum tipo de reforma.

- Azulejo decorado (5 unidades);
- Azulejo liso (16 unidades);
- Azulejo liso e azulejo decorado (2 unidades);
- Azulejo decorado e cerâmica lisa (2 unidades);
- Cerâmica lisa (11);
- Cerâmica decorada e granito (2 unidades);
- Cerâmica decorada e mármore (2 unidades);
- Cerâmica lisa e granito (8 unidades);
- Cerâmica decorada e azulejo liso (1 unidade);
- Cerâmica decorada (8 unidades);
- Cerâmica decorada e azulejo decorado (1 unidade);
- Cimento, cal e tinta (com sobreposição de tinta) e azulejo liso (1 unidade);
- Granito (2 unidades);
- Mármore (1 unidade);
- Porcelanato (1 unidade).

Os jazigos sem revestimento totalizam 8 estruturas, sendo que duas delas não puderam ser identificadas e, portanto, não foram classificadas como sepulturas ou jazigos. Entre os revestimentos observados, os mais frequentes foram, em primeiro lugar, cimento e cal; em segundo lugar, uma combinação de cimento com cal e tinta; e em terceiro lugar, o azulejo liso, conforme ilustrado no gráfico 3:

Gráfico 3 - Distribuição dos tipos de revestimentos nos jazigos do cemitério velho Delmiro Gouveia



No que se refere à classificação das tipologias tumulares, que abrangeu a identificação de tipos já estabelecidos na pesquisa cemiterial, foram reconhecidas as seguintes categorias de jazigos: túmulos (simples, múltiplos/familiares e infantis) e cova rasas. A seguir, cada uma dessas categorias será caracterizada em detalhes.

Na categoria de túmulos, podemos classificá-los como simples, com variações que incluem: horizontal interno e externo, vertical, com ou sem gavetas, e com ou sem gradis de ferro, cabeceira ou oratório. Por exemplo, o jazigo nº 15 da Quadra 01 (Q.01 - T.15) é um túmulo simples, horizontal interno, com cabeceira, medindo 1 metro de altura, 1,13 metros de largura e 1,83 de comprimento. Em contrapartida, o jazigo nº 51 da Quadra 02 (Q.02 - T.51) é classificado como túmulo simples, vertical e também com cabeceira, apresentando dimensões de 2,89 metros de altura, 2,65 metros de largura e 1,06 de comprimento, conforme ilustrado nas figuras 43 e 44:

Figura 43 – Jazigo nº 15 da Quadra 01 (Q.01 - T.15)



Figura 44 - Jazigo nº 51 da Quadra 02 (Q.02 - T.51).



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Outro exemplo é a estrutura tumular nº 03 da Quadra 03 (Q.03 - T. 03) (figura 45), que apresenta duas gavetas e um sepultamento identificado, com dimensões de 1,70 metros de altura, 2,28 metros de largura e 2,43 metros de comprimento. Em contraste, o jazigo nº 65 da Quadra 02 (Q.02 - T. 65) (figura 46) também possui duas gavetas, mas não apresenta sepultamentos identificados; contém apenas acompanhamentos funerários, como vasos e flores artificiais. Este jazigo mede 1,42 metros de altura, 1,85 metros de largura e 2,30 metros de comprimento. A seguir, as imagens ilustram esses exemplos:

Figura 45 - jazigo nº 03 da Quadra 03



Figura 46 - Jazigo nº 65 da Quadra 02



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Os jazigos também podem ser classificados como múltiplos, caracterizados pela capacidade de acomodar várias inumações, geralmente de membros da mesma família, e costuma ter entre 2 a 6 gavetas. O jazigo nº 23 da Quadra 02 (Q.02 - T.23) (figura 47) é um exemplo de túmulo múltiplo, possuindo duas gavetas e dois sepultamentos identificados, com dimensões de 2,52 metros de altura, 2,12 metros de largura e 2,45 metros de comprimento. Em contraste, a estrutura tumular nº 27 da Quadra 03 (Q.03 - T.27) (figura 48) possui seis gavetas e sete sepultamentos identificados, medindo 3,50 metros de altura, 2,46 metros de largura e 2,59 metros de comprimento. As imagens a seguir ilustram esses exemplos:

Figura 47 - Jazigo múltiplo/familiar nº 23 da Quadra 02



Figura 48 - Jazigo múltiplo/ familiar nº 27 da Quadra 3



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No cemitério, também são encontrados jazigos infantis (figuras 49 e 50), que, em sua maioria, se destacam por serem de pequeno porte e destinados a inumações individuais de crianças com idades entre um e cinco anos, aproximadamente. Essas estruturas medem entre 1,72 metros de altura, 1,54 metros de largura e 1,61 metros de comprimento, podendo ou não apresentar identificação da criança sepultada. Exemplos disso são os jazigos nº 75 e nº 81 da Quadra 01 (Q.01- T. 75 e T. 81). O jazigo nº 75 possui uma fachada decorada com um símbolo iconográfico representando um laço, além de uma lápide com os dados da criança. Por outro lado, o jazigo nº 81 não apresenta identificação, mas segue o mesmo padrão das demais estruturas. Das dezessete estruturas tumulares infantis identificadas na Quadra 01 do cemitério velho, doze estão dispostas lado a lado, com a parte traseira voltada para o muro interno que divide as duas primeiras quadras. As imagens a seguir ilustram esses exemplos:

Figura 49 - Jazigo Infantil nº 75 da Quadra 01



Figura 50 - Jazigo infantil nº 81 da Quadra 01



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

É importante destacar o jazigo nº 07 da quadra 02 (Q.02 - T.07) (figura 51), que apresenta uma morfologia distinta em relação aos demais jazigos infantis. Este jazigo possui dimensões consideravelmente maiores, medindo 3,83 m de altura, 2,34 de largura e 1,79 de comprimento. A estrutura é composta por três compartimentos pequenos, e em suas extremidades, assim como no centro, foram construídos quatro pilares pontiagudos. O pilar central é coroado por uma cruz de concreto, conferindo uma aparência imponente à estrutura. As imagens a seguir ilustram esses detalhes:

Figura 51 - Jazigo infantil nº 07 da Quadra 02



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

As informações presentes na lápide indicam que se trata de uma estrutura destinada a múltiplos sepultamentos de uma mesma família. Embora não tenha sido possível estimar a idade à morte devido à ausência das datas de nascimento e óbito, o epitáfio revela que eram crianças, contendo a inscrição: “*Eram de Deus ~vôaram com os anjos ~ saudades dos seus paes*. Além disso, os anúncios no jornal Correio da Pedra notificaram os falecimentos de duas crianças, um em 1929 e o outro em 1930, conforme ilustrado nas figuras 52 e 53, respetivamente:

Figura 52 - Nota de falecimento no Correio da Pedra, 1929

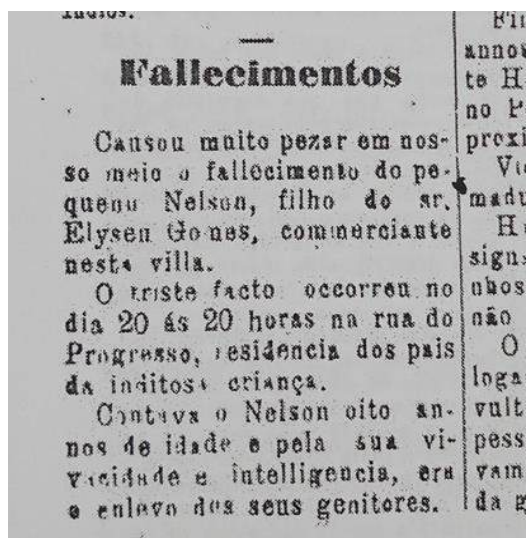
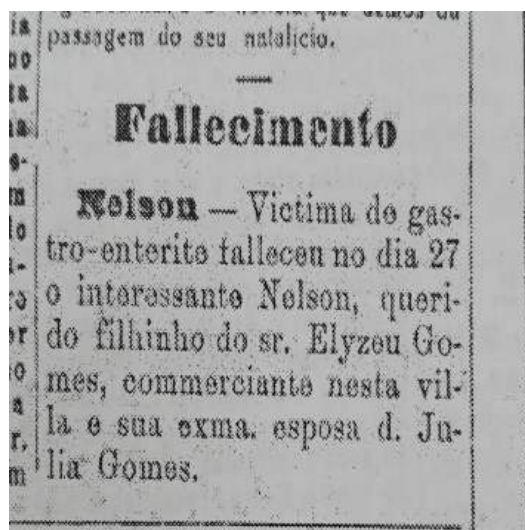


Figura 53 - Nota de falecimento no Correio da Pedra, 1930



Fonte: Correio da Pedra, volumes III e IV (1929/1930)

Outros jazigos se destacam por suas dimensões médias a grandes, apresentando fachadas geralmente decoradas de forma simples, conforme figuras 54 e 55 abaixo. Alguns desses jazigos alcançam cerca de 4 metros de altura, embora a altura média varie entre 2 e 4,65 metros de altura. Esses túmulos são adornados com símbolos iconográficos que os diferenciam dos demais. Por exemplo, o jazigo nº 09 da Quadra 01 (Q.01 - T.09) tem 4 metros de altura, 2,92 metros de largura e 1,20 metros de comprimento. Entre os símbolos iconográficos, destaca-se uma cruz de grandes dimensões, acompanhada por uma lápide na base contendo os dados do falecido. As colunas da estrutura apresentam representações de vasos com folhas e ramos, além de setas em zigue-zague apontadas para cima. Similarmente, o jazigo nº 83 da Quadra 01 (Q.01 - T. 83) é de grandes proporções, medindo 4,65 metros, largura de 3,77 metros e comprimento de 1,21 metros. Esta estrutura possui um elemento iconográfico não identificado na parte superior, além de uma fachada decorada. A seguir, as imagens ilustram esses exemplos:

Figura 54 - Jazigo nº 09 da Quadra 01



Figura 55 - Jazigo nº 83 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Além disso, temos um jazigo do tipo “Monumento Cívico” (figura 56), configurada como uma “alegoria que representa atividade do sepultado ao longo da sua vida⁴²”. Apenas uma estrutura tumular foi classificada como Monumento Cívico: o túmulo nº 34 da Quadra 02 (Q.02 - T.34), com 2,08 metros de altura, 1,74 metros de largura e 2,73 metros de comprimento. Este jazigo possui quatro gavetas, indicando que várias inumações foram realizadas. O que destaca essa estrutura são suas simbologias. Possui uma lápide em mármore com dados biográficos de um ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, que teria participado do conflito de 1942 a 1945, ingressando com aproximadamente 23 anos de idade. Além das quatro gavetas, o jazigo possui argolas e outros elementos decorativos, como coroas de flores artificiais. A lápide está localizada na lateral do jazigo, acima de um elemento simbólico iconográfico: a Bandeira do Brasil, construída em alto relevo e pintada. Imagens aéreas mostram uma cruz com as mesmas dimensões da estrutura tumular na parte superior. Apesar da existência de apenas uma lápide com informações sobre o falecido, é provável que outros membros da mesma família estejam enterrados ali.

⁴² COMUNALE; V. Tipologias e o patrimônio artístico no cemitério consolação em São Paulo. XXIX Simpósio de História Nacional. 2017.

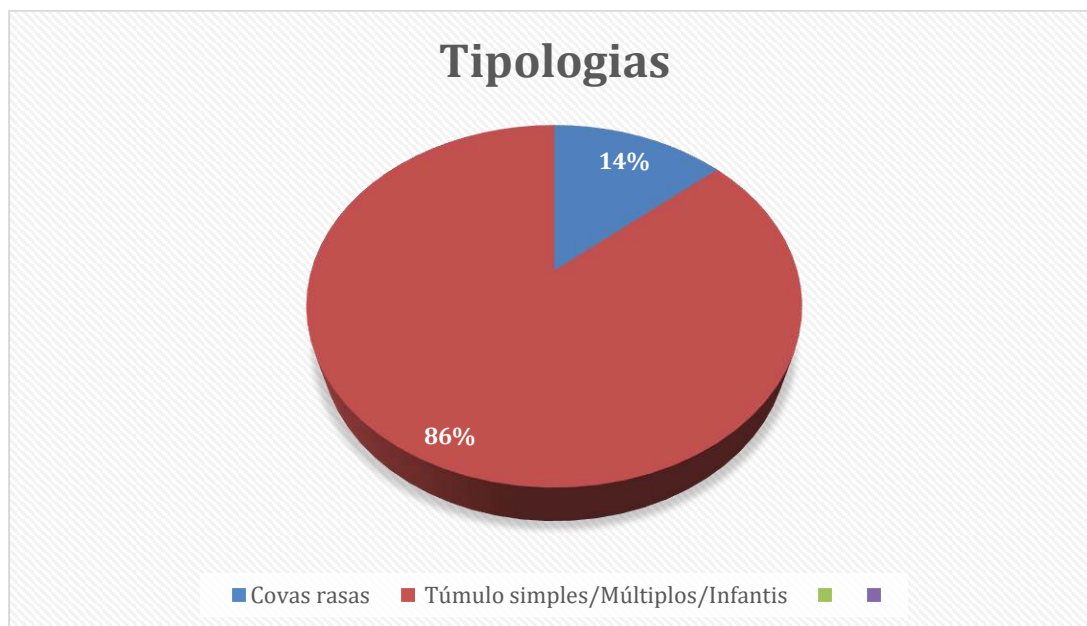
Figura 56 - Monumento Cívico nº 34 da Quadra 02



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A seguir, o gráfico apresenta a classificação dos jazigos do cemitério velho Delmiro Gouveia. Nota-se que a maior quantidade de jazigos é composta por túmulos simples, representando 86 % do total. Em seguida, temos as covas rasas com 14 % de ocupação cemiterial.

Gráfico 4 - Classificação dos jazigos no cemitério velho Delmiro Gouveia



3.1.6. ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS NOS JAZIGOS DO CEMITÉRIO VELHO

Como mencionado anteriormente, os elementos iconográficos são uma característica marcante nos jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia. Dos 227 jazigos identificados, 60 apresentam algum tipo de elemento iconográfico. Os símbolos encontrados foram classificados em categorias tipológicas: gravuras, fotografias, pinturas e representações associadas à religiosidade católica e afro-brasileira. Na Quadra 01, destacam-se as representações em forma de gravura, especialmente em jazigos mais antigos, datados do início do século XX. Esses incluem cruzes, troncos cortados, ramos ou galhos, ramos com flores, vasos com ramos ou folhas, setas em zigue-zague, representações de tochas acesas, cruz com âncora, fitas entrelaçadas, lua, flores, coração, e laço. Por exemplo, o jazigo nº 05 da Quadra 01 (Q.01 - T.05), conforme figura 57, apresenta uma iconografia que inclui uma cruz com um “X” transpassado, além de galhos que se entrelaçam com as placas das lápides.

Figura 57 – Jazigo nº 5 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Além desses, alguns jazigos simples também incorporam elementos iconográficos em sua estrutura. Um exemplo é o jazigo nº 29 da Quadra 01, que exibe uma cruz âncora, acompanhada por vasos adornados com folhas e galhos, conforme ilustrado na figura 58:

Figura 58 - jazigo nº 29 da Quadra 01



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

O jazigo nº 36 da Quadra 01, dedicado a Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, idealizador e fundador do antigo Povoado de Pedra, destaca-se como a estrutura mais proeminente do cemitério, recebendo atenção especial do poder público. Além de suas grandes proporções, o jazigo é adornado com diversos elementos iconográficos, incluindo representações de tochas acesas, ramos, triquetra (três arcos entrelaçados), cruzes e troncos cortados que se entrelaçam ao redor da estrutura, conforme figura 59:

Figura 59 - Jazigo nº 36 da Quadra 02 de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1917)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Nas Quadras 02 e 03, destacam-se as fotografias, especialmente as estampadas em porcelana. Um exemplo é o jazigo múltiplo nº 13 da Quadra 03 (Q.03 - T.13), datado de 1995 (figura 60), onde se encontram três fotografias de indivíduos da mesma família. Da mesma forma, o jazigo nº 75 da Quadra 02 (Q.02 - T.75) também apresenta fotografias em porcelanas de membros de uma mesma unidade familiar, conforme figura 61.

Figura 60 - Jazigo nº 13 da Quadra 03



Figura 61 - Jazigo nº 75 da Quadra 02



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

O uso desse tipo de iconografia começou a se popularizar nos jazigos a partir da década de 1940. Além das fotografias em porcelana, outras técnicas como a sublimação em placas também são utilizadas nos jazigos do cemitério. Um exemplo é o jazigo nº 24 da Quadra 02 (Q.02 - T.24) (figura 62), datado da década de 1940, pertencente a Anália Ferreira da Silva, irmã de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que apresenta uma fotografia sublimada em placa decorada, possivelmente adicionada recentemente à estrutura, conforme figura 68. Similarmente, o jazigo nº 21 da Quadra 03 (Q.03 - T.21) utiliza ambas as técnicas, com fotografia sublimada em placa e fotografias em porcelana (figura 63). Esses exemplos podem ser visualizados a seguir:

Figura 62 - Jazigo nº 24 da Quadra 02



Figura 63 - Jazigo nº 21 da Quadra 03



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

O material cerâmico também foi utilizado como um meio para perpetuar a memória dos indivíduos sepultados, embora em quantidade limitada. Algumas fotografias foram sublimadas em peças cerâmicas, como observado no jazigo nº 35 da Quadra 03 (Q.03 - T.35) (figura 64) e no jazigo nº 35 da Quadra 02 (Q.02 - T. 35) (figura 65), a seguir:

Figura 64 - Jazigo nº 35 da Quadra 03



Figura 65 - Jazigo nº 35 da Quadra 02



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

CAPÍTULO IV

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NOS JAZIGOS DO CEMITÉRIO VELHO: UM SÉCULO DE HISTÓRIAS

Os estudos dos jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia oferece uma rica oportunidade para compreender as transformações sociais, culturais e religiosas da região ao longo de um século. Esses monumentos funerários, que servem como marcos da memória e da identidade das famílias locais, revelam não apenas o impacto das mudanças nas práticas funerárias, mas também as permanências que resistem ao longo do tempo. A materialidade dos jazigos, expressa em elementos arquitetônicos e simbólicos, como colunas, cruzes e adornos decorativos, permite traçar um panorama histórico e cultural único, conectando o passado ao presente.

Ao longo deste capítulo, são analisadas as características materiais e simbólicas dos jazigos, considerando as transformações ocorridas nas práticas de sepultamento e no imaginário funerário ao longo do tempo. Serão observados os padrões arquitetônicos, a escolha dos adornos e a ausência de certas ornamentações, com o objetivo de identificar tanto as mudanças quanto as tradições que persistiram. Essa análise permitirá compreender como o cemitério velho reflete as dinâmicas sociais, religiosas e econômicas da região, evidenciando de que forma as memórias são perpetuadas e reinterpretadas por meio do patrimônio cemiterial.

Com base nessa análise, serão apresentadas cinco fases de evolução dos jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia, evidenciando as transformações corridas ao longo do tempo.

4.1. PRIMEIRA FASE: JAZIGOS DE 1908 ATÉ A DÉCADA DE 1920

Antes de prosseguir com as caracterizações que destacam as similaridades e diferenças entre os jazigos do cemitério velho Delmiro Gouveia, abrangendo desde o início do século XX até os dias atuais, é crucial observar que existem lacunas significativas entre os sepultamentos nesse espaço cemiterial. Nas análises da distribuição dos jazigos, notou-se períodos específicos sem sepultamentos, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, com destaque para os anos 1960. Existem duas hipóteses plausíveis para explicar a ausência de sepultamentos e construções nessa década: a possível inauguração do cemitério novo em um bairro que provavelmente iniciava sua expansão na época, ou o desaparecimento dos locais de sepultamentos, especialmente as covas rasas, devido a problemas

causados por intempéries ou à falta de manutenção. No entanto, isso apenas explica a ausência de covas rasas. O que terá ocorrido com as construções tumulares neste período ainda permanece uma incógnita a ser investigada.

As unidades tumulares da primeira fase, que vai de 1908 a década de 1920, consistem em dezesseis jazigos construídos em alvenaria de tijolo. A maioria desses jazigos está revestida com cimento e cal (nove unidades), embora alguns apresentem coloração, como a tinta verde claro ou amarela (seis unidades). Uma exceção notável é o jazigo nº 41 da Quadra 01, datado de 1908, que aparentemente passou por reformas. Este jazigo foi recoberto com azulejo liso nas cores azul e branco nas laterais. Há também evidências de sepultamentos recentes, com lápides em mármore gravadas com informações de outros indivíduos membros da mesma família. No entanto, a arquitetura original deste jazigo parece não ter sido modificada, preservando assim sua originalidade neste aspecto.

Na primeira fase identificada, dos dezesseis jazigos presentes, duas unidades são de natureza múltipla ou familiar, abrigando tanto sepultamentos antigos quanto mais recentes. As outras quatorze unidades são jazigos individuais. Quanto às dimensões, variam significativamente: desde a maior estrutura registrada, com 4,65 metros de altura por 3,77 metros de largura e 1,21 metros de comprimento, até os menores jazigos, medindo 70 centímetros de altura por 72 centímetros de largura e 1,52 metros de comprimento, destinados a sepultamentos infantis.

Os adornos cemiteriais que enfeitam os jazigos incluem vasos com flores artificiais, coroas de flores e correntes de ferro, evidenciando práticas rituais funerárias. No entanto, a maioria das estruturas (quatorze unidades) não apresenta nenhum tipo de ornamento. O que as diferencia das demais é apenas a própria estrutura arquitetônica e o fato de terem apenas um sepultamento identificado. Destaca-se, nesse contexto, o jazigo de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, conhecido como idealizador de Pedra. Das dezesseis unidades datadas entre 1908 e 1920, seis jazigos apresentam cabeceiras proeminentes em sua estrutura, evidenciando características distintas dentro do contexto funerário do cemitério.

Em relação aos elementos iconográficos e simbólicos presentes nos jazigos, a cruz cristã é frequentemente encontrada, aparecendo em dez unidades tumulares. Estas variam entre cruzes de metal e cruzes esculpidas diretamente no revestimento dos jazigos, compreendendo mais da metade dos datados do período analisado. Além da cruz, outros elementos foram identificados, como gravuras representando laço, tochas acesas, setas em zigue-zague, ramos com flores e ramos simples, todos esculpidos na própria estrutura arquitetônica dos jazigos. Também foi observada uma triquetra, quatro

representações de tronco cortado, e um símbolo presente no jazigo nº 83 da Quadra 01 que não pôde ser identificado.

Os elementos gráficos são uma parte essencial da composição dos jazigos, com inscrições em lápides de mármore predominantes, e apenas uma em metal (Jazigo nº 41 de 1908), que apresentam informações detalhadas sobre os falecidos, como datas de nascimento e falecimento, além de alguns incluírem epitáfios dedicados à memória dos entes falecidos. É interessante observar a ortografia utilizada no início do século XX, que marca uma época na história da escrita e linguagem.

Em uma análise geral, os jazigos apresentam algumas manifestações patológicas, como manchas escuras, pequenas rachaduras e deteriorações nas extremidades das estruturas, que se desenvolveram ao longo do tempo.

4.1.2. SEGUNDA FASE: JAZIGOS DAS DÉCADA DE 1930 A 1940

As unidades tumulares deste período, totalizando quinze jazigos, são construídas de alvenaria de tijolo, com sua grande maioria revestida de cimento, cal e tinta (10 unidades). Os demais jazigos variam entre revestimentos de azulejo liso e decorado, cerâmica decorada e mármore nas gavetas. É importante destacar que é provável que alguns desses jazigos tenham passado por reformas ou tentativas de conservação ao longo dos anos, visto que alguns materiais construtivos são de origem contemporânea. Além disso, há evidências de sepultamentos recentes nesses mesmos espaços, como mencionado na fase anterior.

Dos quinze jazigos existentes do período, cinco unidades são do tipo múltiplo/familiar, enquanto as restantes (dez unidades) são individuais. Nesta segunda fase, surgem os primeiros jazigos com duas gavetas, comportando até dois sepultamentos identificados: um antigo e outro mais recente. As dimensões variam consideravelmente, desde a maior estrutura registrada com 3,90 metros de altura por 2,85 metros de largura e 1,07 metros de comprimento, até os jazigos menores medindo a partir de 1,53 metros de altura por 1,97 metros de largura e 2,39 metros de comprimento.

Estruturalmente, os jazigos deste período mantêm semelhanças com os da fase anterior, havendo apenas algumas alterações no material de revestimento. No entanto, sua arquitetura original parece ter sido preservada, mantendo sua autenticidade ao longo do tempo. É nesta época que surgem os primeiros jazigos com gavetas, alguns equipados com puxadores, e pequenos oratórios adornados com grades, que enriquecem a construção. Destaca-se uma unidade tumular neste período, caracterizada por estruturas piramidais.

Os jazigos não apresentam adornos cemiteriais como flores artificiais ou coroas, mas algumas unidades se destacam por ter elementos decorativos esculpidos diretamente na própria estrutura, seguindo a tradição das unidades da fase anterior. Alguns jazigos exibem cabeceiras proeminentes, enquanto outros têm cabeceiras mais simples e menores.

Os elementos iconográficos e decorativos/simbólicos nos jazigos incluem frequentemente a simbologia da cruz cristã de metal, embora algumas unidades apresentem outras representações, como cruzeiros esculpidas no próprio revestimento, ou uma grande cruz de pedra fixada acima de uma unidade tumular. Além disso, observam-se algumas gravuras ornamentais como ramos de folhas simples, um cruzeiro e tronco com galhos. É relevante também mencionar a presença de uma pintura cristã católica, fotografias em porcelana e fotografias sublimadas em placas, evidenciando práticas contemporâneas.

Os elementos gráficos são integrados à composição fúnebre, destacando-se em inscrições nas lápides de mármore que incluem informações detalhadas sobre os falecidos, como datas de nascimento e falecimento e alguns epitáfios. Apenas um jazigo desta fase apresenta uma placa sublimada colorida, um material contemporâneo utilizado para preservar a memória do indivíduo falecido, seguindo uma prática moderna, assim como as demais a fizeram. É importante também notar a ortografia característica do início do século XX presente nessas inscrições.

Os jazigos exibem manchas escuras, especialmente nas estruturas em cimento e cal, além de algumas rachaduras e deslocamentos de revestimentos, possivelmente devido à falta de manutenção ao longo do tempo. Algumas estruturas também apresentam deteriorações mais graves na sua base.

4.1.3. TERCEIRA FASE: JAZIGOS DAS DÉCADAS DE 1950 A 1970

Agora exploraremos as particularidades da terceira fase, que abrange os jazigos da década de 1950 a 1970. As unidades tumulares correspondentes a esse período totalizam oito jazigos, construídos em alvenaria de tijolo e revestidos com materiais diversos. Esses revestimentos incluem cimento, cal, tinta, azulejo liso e decorado, granito nas gavetas, cerâmica lisa e decorada. É provável que algumas unidades tumulares tenham passado por reformas ou tentativas de conservação ao longo dos anos, pois os materiais construtivos também incluem elementos contemporâneos, e há evidências de sepultamentos recentes.

Dos oito jazigos existentes desse período, três são do tipo múltiplo/familiar e o restante, enquanto os outros cinco são do tipo individual. As dimensões dos jazigos variam significativamente,

com a maior estrutura medindo 4,10 metros altura por 3,25 metros de largura e 1,17 metros de comprimento. Em contraste, os jazigos menores medem a partir de 1,63 metros de altura por 1,18 metros de largura e 2,23 metros de comprimento.

Estruturalmente, há mudanças significativas em alguns dos jazigos dessa fase. Algumas construções tumulares comportam até quatro gavetas grandes, capazes de abrigar até sete indivíduos falecidos. Esses jazigos apresentam designs variados, incluindo formatos mais amplos e quadrados sem cabeceira, construídos com materiais contemporâneos. No entanto, ainda permanecem estruturas antigas com cabeceiras e arquitetura vintage, revestidas em cimento, cal e tinta, e destacadas por elementos decorativos esculpidos na própria estrutura. Assim, é possível perceber que o velho e novo coexistem, dividindo o mesmo espaço e tempo.

Em relação aos adornos cemiteriais que compõem e decoram os jazigos, foi possível identificar vasos de plástico com flores artificiais, puxadores de gavetas, velas, oratórios de vidro (sem grade de proteção), coroa de flores e os primeiros vestígios de flores naturais, evidenciando os ritos funerários praticados no cemitério. Duas unidades tumulares se destacam por seus elementos decorativos esculpidos na própria estrutura, refletindo características mais antigas que não são mais observadas nas construções atuais.

Das oito unidades presentes no intervalo de tempo entre a década de 1950 a 1970, quatro jazigos apresentam elementos iconográficos e decorativos/simbólicos, como gravuras de flores e iniciais de nomes próprios. Esses elementos são mais comuns em estruturas com apenas um sepultamento e aparentemente não sofreram modificações ou reformas. Além disso, identificamos fotografias em porcelana, fotografias sublimadas em placa, imagem de representação católica organizada em porta-retrato, mini-escultura de anjo em gesso e a simbologia da cruz cristã, que mais uma vez se sobressai nos jazigos do cemitério. Vale notar que alguns desses elementos representam a contemporaneidade pelos materiais utilizados, mesmo em unidades tumulares com datação mais antiga, pois nelas também foram identificados sepultamentos recentes.

Os elementos gráficos também fazem parte da composição fúnebre, com inscrições em lápides de mármore, placas de metal, e pela primeira vez, placas de vidro, evidenciando sepultamentos recentes. Algumas unidades possuem epitáfios e informações sobre os mortos, como datas de nascimento e falecimento. Destacam-se as estruturas tumulares mais antigas, que ainda exibem a ortografia do início do século XX.

Dentre os jazigos analisados nesse período, dois deles, feitos de cimento e cal, estão bastante danificados, com estruturas comprometidas, rachaduras, extremidades quebradas e manchas escuras. Os demais estão bem conservados.

4.1.4. QUARTA FASE: JAZIGOS DAS DÉCADAS DE 1980 A 1990

As unidades tumulares correspondentes a essa fase, totalizando trinta e três jazigos, são construídas em alvenaria de tijolo e, em sua quase totalidade, revestidas em cerâmica e azulejo, sejam eles lisos, decorados ou mistos. Os demais revestimentos incluem granito, geralmente usado nas gavetas, com a ressalva de uma construção totalmente recoberta com esse material, e mármore, que também reveste um jazigo por completo. Nesse período, também são evidentes as reformas, pois muitas unidades tumulares possuem materiais construtivos atuais, provavelmente, devido a sepultamentos mais recentes ocorridos nesses mesmos espaços. As dimensões dos jazigos variam significativamente, desde a maior estrutura registrada, com 2,80 metros altura por 1,20 metros de largura e 2,41 metros de comprimento, até os menores, que medem a partir de 60 centímetros de altura por 80 centímetros de largura e 2,20 metros de comprimento, sendo essa uma estrutura de pequena estatura.

Diferentemente das fases anteriores, onde a maioria dos jazigos era do tipo individual, com apenas um sepultamento por unidade, entre a década de 1980 e a década de 1990 houve um aumento gradativo nos jazigos do tipo múltiplo/familiar. Nesse período, foram identificadas quinze estruturas tumulares desse tipo, além de um acréscimo nos jazigos com duas gavetas, que totalizam 20 unidades e podem abrigar até seis indivíduos sepultados.

Diante desses dados, quais poderiam ser as razões para o aumento de sepultamentos, e consequentemente, para a construção de jazigos que comportam mais de um indivíduo? Poderia estar relacionado à crescente onda de desenvolvimento que se iniciou por volta de 1960 e se expandiu por volta da década de 1970, com a cidade se expandindo a partir do seu centro industrial? Existem indícios de crescimento populacional nessa época e em períodos anteriores que possam explicar essa mudança?

Em um momento posterior, observamos que o primeiro jazigo com quatro gavetas surgiu entre a década de 1950 e 1970. Mais de uma década depois, surgiu outro jazigo com quatro gavetas, datado de 1982, e, em 1987, foi registrado o aparecimento de uma unidade tumular com cinco gavetas,

totalizando oito indivíduos sepultados. Apesar da presença de elementos contemporâneos em alguns jazigos, especialmente em relação aos materiais construtivos e à estrutura, os modelos mais antigos com cabeceiras ainda estão presentes, embora em menor quantidade. Atualmente, apenas três dessas estruturas antigas dividem o espaço com as demais unidades dessa mesma época.

Em relação aos adornos cemiteriais, destacam-se os vasos com flores artificiais, coroa de flores artificiais, puxadores, flores naturais, vasos de plástico e velas. Esses elementos evidenciam, mais uma vez, as práticas ritualísticas em memória dos mortos.

Já os elementos iconográficos e decorativos/simbólicos que fazem parte da composição tumular são diversos, com alguns itens que não foram identificados anteriormente. Nesse período, observamos jazigos com cruzes de metal, concreto e madeira, imagens da religiosidade cristã católica em gesso e impressas em papel fotográfico, além de fotografias impressas, em porcelana e sublimadas em cerâmica. Também foram identificados pequenos adornos como plaquinha de madeira, rosários de plástico e capelinhas oratórias de madeira. Notavelmente, as gravuras não são mais encontradas nas estruturas tumulares, mesmo nas que não apresentam evidências de intervenções em sua estrutura.

Os elementos gráficos são uma presença marcante na materialidade fúnebre do período entre 1980 e a década de 1990. Observamos lápides de mármore e placa sublimada colorida, que indicam a contemporaneidade dos materiais utilizados nos jazigos. Essas placas fornecem informações sobre os indivíduos falecidos, incluindo as datas de nascimento e falecimento, e, alguns casos, epitáfios que prestam homenagens aos entes queridos.

Assim como em jazigos de anos anteriores, algumas estruturas datadas entre as décadas de 1980 e 1990 também apresentam deslocamentos de revestimentos, provavelmente devido à falta de manutenção. Além disso, foram observadas rachaduras tanto nas bases da estrutura quanto nas unidades tumulares. Outros problemas incluem portas de gavetas fora do lugar, desgaste no material construtivo, manchas escuras - particularmente nos jazigos de cimento e cal - e marcas de sepultamentos ou interferências humanas.

4.1.5. QUINTA FASE: JAZIGOS DOS ANOS 2000 ATÉ OS DIAS ATUAIS

As unidades tumulares da quinta fase, totalizando dezoito jazigos, são contruídas em alvenaria de tijolo, com destaque para a cerâmica, tanto lisa quanto decorada, que é o principal material de revestimento. Outros materiais utilizados, embora em menor quantidade, incluem granito, azulejo

liso, cimento, cal e tinta. Durante esse período, também foram evidenciadas reformas, com muitas unidades apresentando revestimentos contemporâneos, provavelmente devido a sepultamentos mais recentes nesses espaços. É notável a presença de um número considerável de covas rasas que ainda resistem ao tempo e às novas práticas de sepultamento. As dimensões dos jazigos variam entre 3,50 metros de altura por 2,46 metros de largura e 2,59 metros de comprimento, até jazigos que medem a partir de 62 centímetros de altura por 1 metro de largura e 2,69 metros de comprimento, sendo o menor registrado no período.

Estruturalmente, há mudanças relevantes em alguns jazigos desse período, com construções tumulares podem que acomodar até seis gavetas grandes, suportando até sete indivíduos falecidos. Esses jazigos apresentam design distinto, com formatos amplos e quadrados sem cabeceira, e são revestidos com materiais contemporâneos. Além desses, existem jazigos individuais, alguns com cabeceira, que incluem oratórios com e sem grades de proteção e cadeados.

Em relação aos adornos cemiteriais, destacam-se os vasos de plástico com flores artificiais, puxadores de gavetas, rosários, crucifixos, e as coroas de flores artificiais, que são evidências dos ritos funerários praticados em memória dos falecidos. Os elementos iconográficos e decorativos/simbólicos presentes nos jazigos incluem cruz de concreto, metal e madeira, fotografias impressas em porta-retrato, fotos em porcelana, e imagens da religiosidade católica e de matriz africana, confeccionadas em gesso. Também estão presentes imagens católicas impressas e uma gravura da bandeira do Brasil pintada, localizada na lateral de uma construção.

Os elementos gráficos também estão presentes na composição fúnebre, com inscrições em cruzes lápide, incluindo algumas de mármore. No entanto, observou-se um decréscimo no uso desses elementos em relação ao passado, refletido na redução das inscrições e epitáfios nas lápides.

Em relação ao estado de conservação dos jazigos datados de 2000 até os dias atuais, notamos pequenas rachaduras, manchas escuras, deslocamento e descamação de revestimentos, especialmente em estruturas de cimento e cal. Essas deteriorações parecem ser decorrentes da falta de manutenção, além de algumas marcas de sepultamentos recentes.

4.1.6. JAZIGOS SEM IDENTIFICAÇÃO

Embora muitas construções tumulares permaneçam sem identificação, elas foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa. A grande quantidade de informações coletadas através de seus materiais construtivos, arquitetura, o material construtivo adornos e iconografia contribuiu

significativamente para o estudo. A maioria dos jazigos é revestida com cimento e cal, mas algumas unidades ainda apresentam tipo variados de coloração. Em menor quantidade, observamos o uso da cerâmica lisa, granito, porcelanato, além de azulejos lisos e decorados.

Na Quadra 01, há trinta e oito jazigos distribuídos pelo espaço cemiterial, além de alguns sepultamentos identificados por cruzes lápidas e gradis. Muitos dos jazigos dessa área apresentam elementos arquitetônicos distintos, como colunas falsas com cornijas, estruturas piramidais, decoração em alto relevo, cabeceiras com e sem degraus, e pequenos oratórios. Em termos de iconografia, são comuns as gravuras de coração, lua, cruz e âncora. Esses jazigos possuem ornamentações adicionais, como coroa de flores artificiais ou outros adornos, e não têm gavetas, indicando que a unidade parece ser destinada a apenas um indivíduo. Aparentemente, esses jazigos são antigos e que não sofreram modificações ao longo dos tempos, nem mesmo manutenções.

É importante destacar que as dimensões das construções tumulares variam significativamente, com estruturas que vão desde grandes jazigos com 3,25 metros de altura, por 3,05 metros de largura e 1,14 metros de comprimento, até jazigos menores, com apenas 19 centímetros de altura, 78 centímetros de largura e 1,57 metros de comprimento. Há uma quantidade notável de unidades tumulares de baixa estatura ou de pequeno porte, incluindo, aparentemente, jazigos infantis que possuem um padrão construtivo e morfológico semelhante.

Na Quadra 02, foram identificadas quarenta e quatro construções tumulares, além de dois sepultamentos identificados por gradis e cruzes lápidas (covas rasas). Semelhante à Quadra 01, muitos dos jazigos nesta área apresentam elementos arquitetônicos como colunas falsas com cornijas, estruturas piramidais, decoração em alto relevo, cabeceiras com e sem degraus, e cabeceiras proeminentes, além de oratórios com e sem grade de proteção. Em termos de iconografia, são comuns elementos como cruzes e flores e fotografias em porta-retrato. Ao contrário dos jazigos da Quadra 01, os jazigos da Quadra 02 incluem adornos decorativos e simbólicos, como coroas de flores artificiais, vasos de plástico com flores artificiais e velas, que evidenciam ritos funerários praticados no cemitério. Vale ressaltar que apenas cinco das construções possuem gavetas com puxadores.

Em relação às dimensões, o maior jazigo possui 3,83 metros de altura por 2,34 metros de largura e 1,79 metros de comprimento. O menor jazigo identificado tem 9 centímetros de altura por 60 centímetros de largura e 1,28 metros de comprimento. Destaca-se também a quantidade significativa de unidades tumulares de baixa estatura ou pequeno porte, incluindo alguns jazigos infantis.

Por fim, na Quadra 03, foram identificados vinte e uma construções tumulares, mas não há evidências de outros tipos de sepultamentos, como covas rasas marcadas por gradis ou cruzes lápide. Isso pode ser explicado pela vulnerabilidade dos jazigos às intempéries, especialmente em uma área sujeita a alagações durante períodos chuvosos, já que o cemitério não é pavimentado. Além disso a falta de manutenção tanto por parte dos familiares quanto pelo poder público municipal contribui para a deterioração e desaparecimento dessas sepulturas.

Os jazigos da Quadra 03 seguem o mesmo padrão de organização das demais, mas com um nível de organização um pouco superior. As construções tumulares estão quase todas alinhadas ao longo das paredes/muros do cemitério, mantendo um espaçamento uniforme entre elas. Algumas unidades tumulares estão mais dispersas pelo espaço cemiterial, mas essa disposição não interfere em outros sepultamentos nem na locomoção de visitantes.

Em relação à estrutura arquitetônica dos jazigos, alguns possuem cabaceiras simples, enquanto outros têm oratórios com ou sem grade de proteção e cadeado. A maioria das estruturas são quadradas ou retangulares e possuem de uma a quatro gavetas com puxadores, dispostas na horizontal ou vertical.

Os jazigos possuem algumas ornamentações, como coroa de flores artificiais, incluindo uma em formato de coração, vasos de plástico com flores artificiais e velas. Além disso, identificamos elementos iconográficos e decorativos/simbólicos, como a cruz cristã de metal, de concreto revestida com cerâmica, fotografias em porcelana e fotografia em porta-retrato.

Quanto às dimensões, os jazigos variam entre 2,62 metros de altura por 2,14 metros de largura e 2,46 metros de comprimento, e construções tumulares menores que medem 54 centímetros de altura por 1,20 metros de largura e 2,59 metros de comprimento. Em geral, esses jazigos são menores em comparação aos das quadras 01 e 02.

Diante de todas as fases que aqui foram apresentadas, podemos inferir que a análise dos jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia, ao longo de um século, revela um diálogo constante entre mudanças e permanências nas práticas funerárias. As transformações nos estilos arquitetônicos, na iconografia e nos materiais utilizados refletem as adaptações sociais, econômicas e culturais da cidade, enquanto elementos tradicionais, como as cabeceiras e os símbolos religiosos, mantêm viva a memória e a identidade das famílias locais. Essa coexistência de passado e presente nos jazigos não apenas conta a história dos que ali foram sepultados, mas também oferece uma janela para a evolução da própria cidade de Delmiro Gouveia, evidenciando sua resiliência e seu profundo vínculo com a memória e o patrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos jazigos do cemitério velho de Delmiro Gouveia revela uma rica diversidade de formas, tamanhos e estilos arquitetônicos, que refletem mudanças e permanências nas práticas funerárias ao longo de um século. A materialidade desses monumentos é um testemunho vivo da história da comunidade, mostrando como as práticas culturais e religiosas se entrelaçam com as transformações sociais e econômicas da região.

Os jazigos no cemitério apresentam uma ampla gama de dimensões e estilos arquitetônicos, refletindo diferentes épocas e práticas funerárias, além de evidenciar a heterogeneidade social e a capacidade de adaptação das famílias ao longo do tempo. A coexistência de elementos antigos e modernos, como as colunas falsas, cabeceiras tradicionais e oratórios, lado a lado com adornos contemporâneos, demonstra a continuidade e evolução das tradições funerárias. Essa sobreposição de épocas indica uma dinâmica cultural em que o passado é reinterpretado e integrado a novas formas de expressão, garantindo a relevância simbólica dos jazigos para as famílias.

As estruturas variam desde grandes jazigos com 4,10 metros de altura por 3,25 metros de largura e 1,17 de comprimento até pequenos jazigos de 54 centímetros de altura, 1,20 metros de largura e 2,59 metros de comprimento. Essa diversidade reflete as mudanças nas práticas funerárias ao longo do tempo, bem como as diferentes necessidades e possibilidades das famílias.

Os jazigos são caracterizados por uma variedade de elementos arquitetônicos que incluem colunas falsas com cornijas, estruturas piramidais, decoração em alto relevo, cabeceiras com e sem degraus e pequenos oratórios. A presença de cabeceiras, por exemplo, varia entre as quadras entre os períodos, com alguns jazigos mantendo este elemento tradicional enquanto outros adotam designs mais contemporâneos e funcionais.

Os adornos cimiteriais e elementos iconográficos também variam significativamente entre os jazigos. Na Quadra 01, por exemplo, há uma ausência de adornos como coroa de flores artificiais, enquanto nas Quadras 02 e 03 esses elementos são mais comuns, incluindo vasos de plástico com flores artificiais, velas, rosários e crucifixos. A iconografia também apresenta variações, com cruzes de metal, concreto e madeira, fotografias impressas, em porcelana e em porta-retratos, além de imagens religiosas, tanto católica quanto de matriz africana, feitas em gesso, e até uma gravura da bandeira do Brasil pintada. Esses elementos revelam as dinâmicas e a diversidade cultural presente no cemitério ao longo dos diferentes períodos.

A iconografia presente nos túmulos reforça essa multiplicidade de significados, refletindo a

diversidade religiosa e cultural dos sepultados. Crucifixos de madeira, fotografias impressas, elementos da religiosidade católica e de matriz africana, além de símbolos patrióticos, como a bandeira do Brasil, coexistem, mostrando o sincretismo e a riqueza de crenças e tradições funerárias. Esses elementos oferecem uma leitura mais profunda das crenças e valores associados à morte e à memória, que se manifestam tanto nas tradições familiares quanto nas escolhas de adornos e símbolos.

A coexistência de elementos antigos e modernos nos jazigos é uma característica marcante do cemitério. Estruturas antigas com cabeceiras e arquitetura vintage ainda estão presentes e dividem o espaço com jazigos mais recentes e contemporâneos. Esta convivência de estilos diferentes oferece uma visão sobre como as práticas funerárias e as preferências arquitetônicas evoluíram ao longo do tempo. Mesmo jazigos datados de períodos mais antigos podem apresentar elementos modernos devido a reformas e sepultamentos recentes, indicando uma adaptação contínua e uma manutenção da relevância cultural desses espaços.

O estado de conservação dos jazigos varia, com algumas estruturas apresentando sinais de degradação, como deslocamento de revestimentos, rachaduras, manchas escuras e desgaste do material construtivo, frequentemente devido à falta de manutenção. Os jazigos mais recentes tendem a mostrar menos sinais de deterioração, o que pode ser atribuído à melhor qualidade dos materiais utilizados e ao cuidado mais frequente por parte dos familiares.

As construções tumulares sem identificação também desempenham um papel importante na pesquisa. Apesar de não terem inscrições que revelem detalhes sobre os sepultados, essas estruturas oferecem uma riqueza de informações através de seus materiais construtivos, elementos arquitetônicos, adornos e iconografia. A análise dessas características permite inferir práticas e tradições funerárias, bem como a evolução dos métodos de construção e materiais ao longo do tempo.

A conservação dos jazigos é influenciada por fatores ambientais e pela manutenção realizada, ou pela falta dela. Todas as quadras sofrem com alagações durante períodos chuvosos devido à falta de pavimentação, o que pode explicar a ausência de sepulturas como as covas rasas que não resistem às intempéries. Além disso, a falta de manutenção por parte dos familiares e do poder público municipal contribui para a deterioração de muitas estruturas.

Por fim, a coexistência de jazigos anônimos e identificados traz uma importante reflexão sobre a memória coletiva e individual. Mesmo sem inscrições, esses jazigos anônimos fornecem dados valiosos sobre as práticas e os materiais funerários ao longo do tempo, permitindo inferências sobre como as famílias e a comunidade lidam com a morte e a preservação da memória.

As observações finais destacam a complexidade e a riqueza dos dados obtidos a partir do

estudo dos jazigos no cemitério. A variedade de dimensões, estilos arquitetônicos, adornos e iconografia, juntamente com a coexistência de elementos antigos e modernos, refletem a evolução das práticas funerárias ao longo do tempo. As condições de conservação e a influência de fatores ambientais também são cruciais para a compreensão do estado atual dos jazigos. Essas observações sublinham a importância do cemitério como um espaço de memória cultural e histórica, oferecendo uma janela para as práticas e tradições funerárias de diferentes épocas.

Não podemos deixar de mencionar a importância de valorizar e preservar o patrimônio funerário, pois isso mantém viva a memória de gerações passadas e proporciona um sentido de continuidade e identidade cultural. Além disso, a conservação dos cemitérios oferece inúmeras oportunidades de estudo e pesquisa em diversas áreas. No entanto, ainda é comum o distanciamento entre as pessoas e o espaço cemiterial. Por isso, é crucial desenvolver atividades que promovam a conscientização e integração das sociedades nesses locais. Algumas ações incluem as palestras, visitas guiadas, projetos educacionais em escolas, parcerias com instituições culturais ou turísticas, entre outros. Através dessas iniciativas, é possível aproximar a sociedade desses espaços, contribuindo para a desmistificação e promovendo a integração consciente e positiva na cultura local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, A. P. A; GUTIERREZ, E. J. B. **Arquitetura tumular na necrópole oitocentista**: Variações tipológicas na cidade cemiterial de Pelotas – RS. *Arqui Sur Revista*, Ano 7, Nº 12, 2017.
- ANDRADE, F. G. de. **A saúde em Alagoas no Brasil império**: caminhos e descaminhos. 2. ed. - Maceió: EDUFAL, 2013. 192 p.
- ALMEIDA, M. G. **Cemitério e cidade**: imagens e representações da morte. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem; I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, Londrina - PR, 2013.
- AHLERT, J. **Cultura material funerária**: as alegorias do cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). I Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia, vol. 1, 2017.
- ARAÚJO, T. N. de. **Hermenêutica e Cemitérios**: Um Olhar Sobre o Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. *Ciencias Sociales y Religión (Impresso)* , v. 16, p. 82-95, 2014.
- _____. **O que amamos não esquecemos**: cemitérios, finitude, teologia. 1. ed. , 2016. v. 1000. 134 p.
- _____. **Túmulos Celebrativos de Porto Alegre**: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História das sociedades ibéricas e americanas da Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2006, 127 f.
- _____. **Túmulos Celebrativos de Porto Alegre**: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930). 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. v. 1. 96 p.
- _____. **Espaço das representações da morte**: arte tumular como expressão da cultura. In: IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das religiosidades - ANPUH - Memória e Narrativas nas religiões e nas religiosidades, 2013, v. 5, São Leopoldo. Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões.
- ARIÈS, P. **O homem perante a morte II**. Publicações Europa-América, LDA. Edição nº 106048/4647, 1977.
- _____. **História da morte no ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Éditions du Seuil, 1975.
- BARROS, T. S. **Devoções populares e práticas religiosas: a romaria de Padre Cícero Romão Batista em Delmiro Gouveia (Alagoas), 1990-2013**. 2017. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.
- BASTIANELLO, E. M. T; CERQUEIRA, F. V. **O cemitério como um lugar para a memória**. Disponível em: [O cemiterio como um lugar para a memoria.pdf](#)
- BARTHEL, S. G. A; RAMOS, A. C. P. T; CASTRO, V. M. C. **Estilos arquitetônicos em espaços**

cemiteriais: contribuição aos estudos de arqueologia funerária. Revista Noctua – Arqueologia e Patrimônio, v. 2, p. 107-141.

BORGES, M. E. **Arte funerária no Brasil:** uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. Locus (UFJF), v. 37, p. 103-123, 2013.

_____. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930).** 2. ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2017. v. 300. 432p.

_____. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art In Brazil (1890-1930): Italian Marble Carver Craft In Ribeirão Preto. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. v. 1000. 312p .

_____. **Os cemitérios secularizados no Brasil:** um patrimônio Cultural a ser preservado. In: Jorge Alberto Kulemeyer; Yussef Daibert Salomão de Campos. (Org.). El lado perverso del patrimonio cultural. 1ed. Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy, 2017, v. 1, p. 313-330.

_____. **Arte Funerária no Brasil:** contribuições para a Historiografia da Arte Brasileira. In: XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2002, Porto Alegre. XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte. Porto Alegre: PUCRS, 2002. v. 1. p. 2-19.

_____. **Entrecruzamentos:** história institucional da abec e dos saberes da arte funerária no Brasil. Revista de Teoria da História, Volume 19, Número 1, Junho/2018 - Universidade Federal de Goiás.

BORGES, D. R; BORGES, M. E. **Considerações sobre as representações da morte individualizada:** imagens do morto, da morte à bela morte.

BARTHEL, S. G. A; RAMOS, A. C. P. T. CASTRO, V. M. C. **Estilos arquitetônicos em espaços cemiteriais:** contribuição aos estudos de arqueologia funerária. Revista Noctua – Arqueologia e Patrimônio, 2020.

BRASIL, Senado Federal. **Constituições Brasileiras (1891)**, vol. II, 3º ed. - Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. 103 p.

CAINO, T. C. A; ROEDEL, L. A. **Cidade, cemitérios e memória:** os casos de Cruz Alta, RS e Belo Horizonte, MG. VIII Encontro Nacional. Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Religiões e religiosidades: práticas, visões e crenças diante da morte e do morrer. Florianópolis, 2017. ISBN 978-85-92902-01-8.

CARVALHO, L. F. N. de. **História e arte funerária dos cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888 – 2014).** Tese (outorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2015. 548 f.

CASTRO. E. T. **Aqui também jaz um patrimônio:** identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-

2008). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, PGAU-CIDADE, 2008.

____. **Dos inventários ao tombamento:** caminhos da preservação do patrimônio funerário em Santa Catarina (o caso de São Martinho Alto), 2017. Disponível em : [Microsoft Word - artigo abec 2011 Elis e julia final.docx \(wordpress.com\)](#).

CASTRO, E. T.; TOMASI, J. M. **Os cemitérios como bens:** os inventários cemiteriais de Vila Toupava (Blumenau/SC) e Santa Maria (Antônio Carlos/ SC). 2011.

CASTRO, D. de. **A iconografia da morte no final da Idade Média:** um estudo sobre a dança macabra. Ícone – Revista Brasileira de História da Arte, v. 5, nº 6, 2020.

CAMPOS, F. P. **A simbologia tumular do século XIX.** Contributos para sua interpretação. Revista CEPIHS (Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social), 8, 2018, 227-242.

COMERLATO, F. **In Memory:** estruturas tumulares de mestres e capitães britânicos no cemitério dos ingleses, Salvador - BA. Anais do 3o Encontro Internacional História e Parcerias, 2022.

____. **Estudos cemiteriais no Recôncavo da Bahia:** um balanço das atividades de ensino, pesquisa e extensão (2010 – 2018). In: Arqueologia e Patrimônio Cultural: 10 anos de pesquisas (2008-2018). 1. Ed. – BasiBooks, 2020. 239 p.

COMERLATO, F.; SANTOS, R. R. dos.; GOMES, A. S. **Preservação dos cemitérios de Cachoeira e São Félix, Bahia:** apontamentos para a sua conservação. Revistainter-legere. Janeiro a junho de 2013.

COMUNALE, V. **A utilização das imagens sagradas e profanas dentro dos cemitérios.** XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Nacional. Natal - RN. 2013.

____. **Tipologias e o patrimônio artístico no cemitério Consolação em São Paulo.** XXIX Simpósio Nacional de História, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502829879_ARQUIVO_anpuh_TipologiaePatrimonioArtisticoCemiterioConsolacao_completo.pdf Acesso: 10/06/2022.

COIMBRA, G. R. S. **Cemitérios rurais e rituais de morte na região de Barro Alto no Sertão da Bahia - séculos XX e XXI.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Goiânia, 2021. 251 f. : il.

CORREIA, J. C. **Fábrica da Pedra:** uma indústria “exemplar” no semiárido alagoano entre 1941/1917. XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH). Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN, julho de 2013.

CORREIA, T. B. **Delmiro Gouveia:** a trajetória de um industrial no início do século XX. 2007.

(Apresentação de trabalho/Conferência ou palestra).

COSTA, G. S. da; CASTRO, V. M. C. de. **Patrimônio Funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife**: Estado de Conservação dos Primeiros Túmulos. Fumdhamentos (2015), vol. XII, pp. 50-73.

CASTRO, V.. **Das igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XVIII. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife. 2007.

CASTRO, E. T. **Inventariando a morte**: a experiência dos inventários cemiteriais em Santa catarina (Brasil).

COSTA, D. M. **Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira**. Arqueologia/artigos, 2012, p. 30-32. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v65n2/12.pdf>, Acesso: 26/04/21.

DILLMANN, M. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República**: a Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre primeira metade do século XX. (Tese - Doutorado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2013, 300 f.

DUARTE, J. M. **Práticas mortuárias no cemitério do Polo Pilar do Bairro do Recife - PE**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco - CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2016.

FELICISSIMO, R. G. **Simbolismos, rituais fúnebres e arqueologia da morte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Arqueologia DARQ) - Universidade Federal de Sergipe, UFS, 2018, 64f. il.

GUNN, P; CORREIA, T. B. **A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais**. R. B. Estudos Urbanos e Regionais, v. 7, n. 1 / Maio 2005.

HILBERT, K. **Estudos de cultura material**: sobre coisas e substâncias na Arqueologia. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-jun. 2020 / e-36502.

ISMÉRIO, C. **Um outro olhar sobre os cemitérios**: refletindo à arte cemiterial sob a perspectiva das pesquisas, ações, passeios e eventos culturais. Revista de Teoria da História, vol. 18, nº 2, Dezembro/2017.

____. **Preservando o patrimônio cultural dos cemitérios**: estudos sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.3, n.8, Jan./Jun.2013.

JESUS, J. A. de; COMERLATO, F. **Conservação de bens tumulares do cemitério municipal de Muritiba - BA**. Arqueologia e patrimônio: arqueologias históricas e patrimônio. São Raimundo Nonato: Univasf, 2021, p.99 – 112.

JESUS, T. M. De.; COMERLATO, F.; FERNANDES, H. L. A.; SILVA, S. D. **Patrimônio funerário dos imigrantes italianos: no cemitério de São Francisco de Mobaça – Conceição do Almeida – BA.** Arqueologia e patrimônio: arqueologias históricas e patrimônio. São Raimundo Nonato: Univasf, 2021, p. 129 – 143.

JESUS, F. P. S. Geografia da morte: a cultura fúnebre e os cemitérios de Salvador oitocentista (1860-1990). MONÇÕES Revista de História da UFMS/CPCX, v. 1, nº 1, setembro de 2014.

LIMA, T. A. **De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais).** Anais do museu paulista. São Paulo. N. Ser. v. 2, p. 87-150 jan./dez. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5297/6827> Acesso: 26/04/21.

____. **Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, V. XXVIII, n. 2, p. 7-23, dezembro de 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23799/14283> Acesso: 26/04/21.

LIMA, P. M. **Fábrica da Pedra. Brasília:** Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. 300p.

LIMA, F. L. de. **Documentação do cemitério dos Alemães na cidade de Cachoeira – Bahia.** In.: Arqueologia e Patrimônio Cultural: 10 anos de pesquisas (2008-2018). 1. Ed. – Pelotas: BasiBooks, 2020. 239 p.

MACHADO, F. D. C. **Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro : jazigos e signos da elite recifense na segunda metade do século XIX.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2017, 166 f.

MADEIRA, E. M. A. **A Lei das XII Tábuas.** Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, 2007.

MATOS, S.M. de; MUTZENBERG, D; CISNEIROS, D. **Análise tipológica das lápides do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato – PI.** Revista Noctua, 2, 2: 102-139, 2017. Disponível em: http://fundacaoparanabuc.org.br/arquivo/2cff9_6.%20Shirlene%20Formatado%20Final.pdf Acesso: 26/04/21.

MAGALHÃES, J. **Educação e modernização do Sertão - município, escola, cidade.** Antíteses, Londrina, v.13, n. 25, p. 700-721, jan-jun. 2020.

MAGALHÃES, A. C. **Igrejas, conventos, cemitérios: o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica de Marechal Deodoro, Alagoas.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)

- Universidade Federal de Alagoas, Centro de Tecnologia, Maceió, 2018. 358 f. : il.
- MAYNARD, D. C. S. **O senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, 314p. : il.
- ____. **O senhor da Pedra: produções e usos das memórias sobre Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2016.
- ____. **O Recife e o centenário de Delmiro Gouveia em Pernambuco (1963)**. Outros Tempos, vol. 10, n. 16, 2013, p. 23-43.
- MELLO, J. C; CERQUEIRA, R. S. R. **Cultura e poder no post-mortem: um estudo de Arqueologia Histórica dos cemitérios Santa Isabel (SE) e Recoleta (AR)**. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.26, n.1, jan./jun. 2013.
- MEIRA, S. A. B. **A lei das XII tábuas: fontes do direito público e privado**. Revista e Aumentada. 3ª edição.
- MORAIS, J. G. **Lápides do século XIX: trajetórias de vida e expressões de sentimentos no cemitério (da Irmandade) Santo Antônio em Campo Maior - Piauí**. Vozes, Pretérito & Devir. Ano IV, Vol. VII, Nº I (2007), ISSN: 2317-1979.
- MUNFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. In: ____Santuário, aldeia e fortaleza. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 9-37.
- NASCIMENTO, E. F. do. **Delmiro Gouveia e o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da Pedra, no sertão de Alagoas (1902-1926)**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- ____. **Delmiro Gouveia e a educação na Pedra**. 2. ed. - Maceió: Viva Editora, 2014.
- OLIVEIRA, M.A.S. **Práticas Funerárias na Arqueologia: pluralidades e patrimônio**. Clio Arqueológica, 2018, V 33 N 2, p. 1-43. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/246333-172173-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/246333-172173-1-SM%20(1).pdf) Acesso: 26/04/21.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Almeida, 2007.
- REIS, J. J. **O lugar da morte na Revolta da Cemiterada : Bahia, 1836. Resgate da memória**. n.º 03. Nov. 2014. Disponível em: http://200.187.16.144:8080/jspui/bitstream/bv2julho/859/1/RM_n03%20-%20O%20lugar%20da%20morte%20na%20Revolta%20da%20Cemiterada.pdf Acesso: 11/08/2021.
- ROCHA, F. I. F. **Lei das XII Tábuas - DUODECIM TABULARUM**. In: O Rabujo, 2017. Disponível

em: <https://orabujo.files.wordpress.com/2017/11/lei-das-xii-tc3a1buas.pdf> Acesso em: 25/09/2023.

ROEDEL, L. A. **Perspectivas teóricas para a arqueologia cemiterial**: um breve panorama. Revista Habitus, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 241-255, jul./dez, 2017.

RODRIGUES, R. P. A; SILVA, M. A. V. **Símbolos religiosos na arte tumular do cemitério Santana**: uma abordagem iconológica. Vol. 5 (2018). Anais do V Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG.

ROSA, M. A. C. **Flores, recordações e saudades**: Representações da morte infantil no cemitério São José em Teresina – PI (1859-1950). ANPUH – Brasil – 3º Simpósio Nacional de História - Rio de Janeiro/RJ, 2021.

SANTOS, M. H. dos. **Práticas funerárias religiosas no Cemitério de São Sebastião - Vitória de Santo Antão-PE (1875-2020)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2021.

SANTOS, S. V. dos. **O sertão, a vida e as figuras de uma certa religiosidade popular em Delmiro Gouveia - AL**. Ponta de Lança, São Cristóvão, v. 13, n. 24, jan. - jun. 2019.

SANTOS, A. R. dos. Entrevista com a professora Maria Elizia Borges. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 1, n. 12, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4192/3422> . Acesso em: 03/05/2022.

SANTOS, A. B. **Escultura e iconografia tumular infantil no Rio Grande do Sul**: - uma metodologia em construção. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, V. 06, ed.especial, mar., 2020, artigo nº 1769.

SILVA, B. B. G; CORRÊA, D. S. **Delmiro Gouveia**: um empresário schumpeteriano e seu legado na organização espacial do sertão alagoano. Geosul, Florianópolis, v. 32, n. 65, p. 199-212, set./dez. 2017.

SILVA, A. M. **O patrimônio cemiterial da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa**. Cadernos culturais - Telheiras/Lumiar/Oliviais. ISBN 987-989-8180-12-4. 2ª Série Nº 9 (novembro 2016). p. 206-222.

SILVA, M. A. V; RODRIGUES, R. P. A. **Arte tumular e patrimônio**: o Cemitério Santana como expressão de cultura material na cidade de Goiânia. Revista Mosaico, v. 12, p. 91-109, 2019.

TAVARES, K. C. **Sobre a morte e o morrer no século XIX**: um diálogo historiográfico com a modernidade. Complexitas - Rev. Fil. Tem., Belém, v. 4, n. 2, p. 129-136, jul./dec. 2019.

WILLIAM, E. **Delmiro Gouveia**: biografia de um pioneiro. João Pessoa: Ideia, 2018. 306p.

SITES

[Delmiro Gouveia, a antiga Vila da Pedra – História de Alagoas \(historiadealagoas.com.br\)](http://historiadealagoas.com.br) Acesso: 31 de maio de 2023

[AMIGOS DE DELMIRO GOUVEIA: 2008](#) Acesso em: 31 de maio de 2023

[Grupo de estudos cemiteriais | História UPF \(historiaupf.blogspot.com\)](http://historiaupf.blogspot.com) Acesso: 31 de maio de 2023.

[NAU Estudos Cemiteriais | NAU \(usp.br\)](http://nau.usp.br) Acesso: 31 de maio de 2023.

[Modelo \(msu-anthropology.github.io\)](https://msu-anthropology.github.io) Acesso: 01 de junho de 2023

<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/index> Acesso em: 03 de maio de 2022.

[Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais | História](#) Acesso: 29 de junho 2022.

[IBGE | Cidades@ | Alagoas | Delmiro Gouveia | História & Fotos](#) Acesso em: 04 de maio de 2022.

[IBGE | Cidades@ | Alagoas | Delmiro Gouveia | Panorama](#) Acesso: 29 de abril de 2022.

<https://transparencia.delmirogouveia.al.gov.br/legislacao/leis.php> Acesso: 29 de abril de 2022

[https://ufal.br/servidor/noticias/2018/11/colecao-do-jornal-correio-da-pedra-e-livro-sao-lanca dos-durante-encontro-nacional-de-historia-do-sertao](https://ufal.br/servidor/noticias/2018/11/colecao-do-jornal-correio-da-pedra-e-livro-sao-lanca_dos-durante-encontro-nacional-de-historia-do-sertao) Acesso em: 18 de abril 2023.

<https://www.folhape.com.br/cultura/colecao-sobre-delmiro-gouveia-enriquece-acervo-da-fundaj/130348/> Acesso em: 18 de abril de 2023.

PERIÓDICOS ONLINE

Diário do Povo: Órgão do Partido Republicano Conservador (AL). Ano 1916-1917. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

Evolucionista: Jornal da Tarde (AL). Ano 1905-1906. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

Gutenberg: Órgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos (AL). Ano 1881-1911. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

Jornal do Penedo: Orgam do Partido Republicano Conservador (AL). Ano 1912-1950. Disponível: [Jornal do Penedo : Orgam do Partido Republicano Conservador \(AL\) - 1912 a 1950 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](http://jornal-do-penedo.orgam-do-partido-republicano-conservador-al-1912-a-1950-docreader-web.bn.gov.br)

Mensagens do Governador de Alagoas para Assembléia (AL). Ano 1890-1930. Disponível em: [Mensagens do Governador de Alagoas para Assembléia \(AL\) - 1890 a 1930 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](http://mensagens-do-governador-de-alagoas-para-assembleia-al-1890-a-1930-docreader-web.bn.gov.br)

Mocidade: Revista para a Mocidade Estudiosa (AL). Ano 1946-1949. Disponível em: [Mensagens do Governador de Alagoas para Assembléia \(AL\) - 1890 a 1930 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](http://mensagens-do-governador-de-alagoas-para-assembleia-al-1890-a-1930-docreader-web.bn.gov.br)

O Cruzeiro (AL). Ano 1909. Disponível em: [O Cruzeiro \(AL\) - 1909 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](http://o-cruzeiro-al-1909-docreader-web.bn.gov.br)

O Orbe (AL). Ano 1879-1900. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

O Norte. Ano 1910. Disponível em: [O Orbe \(AL\) - 1879 a 1900 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](http://o-orbe-al-1879-a-1900-docreader-web.bn.gov.br)

O Semeador (AL). Ano 1916. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

Revista Commercial e Agrícola das Alagoas (AL). Ano 1912-1914. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (AL). Ano 1890-1930. Disponível em: [Hemeroteca \(bn.gov.br\)](http://hemeroteca.bn.gov.br)

ANEXOS

INVENTÁRIO DO CEMITÉRIO PÚBLICO MUNICIPAL DELMIRO GOUVEIA			
ANO	LOCALIZAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E MATERIAL CONSTRUTIVO	CARACTERIZAÇÃO DO JAZIGO	FOTO
1908	QUADRA 01 T.41 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo Liso = Azul e Branco)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 3,13m; L: 3 m; C: 1,30 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo, com datação mais antiga equivalente a 1908, de um indivíduo do sexo masculino (idade à morte 40 anos). Os demais sepultados possuem datas equivalentes a: 1929 (sexo feminino, idade à morte 40 anos), 1970 (sexo masculino, idade à morte 38 anos), 1997 (sexo masculino, idade à morte 24 anos), 2000 (sexo masculino, idade à morte 25 anos) e 2007 (sexo masculino, idade à morte 71 anos). No total, seis sepultados foram identificados. Possui 4 lápides, sendo três de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio, e uma placa de metal contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. A estrutura possui cabeceira e a simbologia da cruz cristã de metal no topo do jazigo. Presença de elementos decorativos, como coroa de flores, e vasos de flores artificiais. Estrutura tumular bem conservada. Aparentemente, passou por reformas devido ao material de revestimento.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

1913	QUADRA 01 T.56 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + Cal + Tinta)	Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 3,05m; L: 3,13m; C: 1,24m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, falecido em 1913. Possui lápide de mármore na cabeceira, contendo apenas nome, ano de falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. Possui a simbologia da cruz cristã de metal no topo do jazigo e presença de elemento arquitetônico, como colunas falsas com cornijas. Presença de manchas escuras em toda a estrutura, e algumas deteriorações, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023 Obs.: Aparentemente, pode tratar-se de um sepultamento de um ex-funcionário da Usina de Angiquinhos ou da Fábrica de Linhas da Pedra, já que há um indício em sua lápide, pois está inscrito “lembranças de seus chefes e amigos”.
------	--	--	---

1915	QUADRA 01 T.79 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + Cal)	Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 70cm; L: 72cm; C: 1,52m). Trata-se de um sepultamento infantil do sexo masculino, nascido em 1914 e falecido em 1915 (idade à morte 1 ano). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada e não possui nenhum tipo de ornamento. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
------	--	--	---

	QUADRA 01 T.80 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + Cal)	Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 93 cm; L: 81 cm; C: 1,51 m). Trata-se de um sepultamento infantil do sexo masculino, nascido em 1913 e falecido em 1915 (idade à morte 2 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada e não possui nenhum tipo de ornamento. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
1917	QUADRA 01 T.36 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + Cal + Tinta)	Jazigo de grande porte, com dimensões (A: 3,86 m; L: 2,67 m; C: 3,45 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1863 e falecido em 1917 (idade à morte 57 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura também possui elementos iconográficos, como: Cruzes, representação de tochas acesas, triquetra, troncos cortados e ramos. Estrutura bem conservada, com detalhes arquitetônicos, como: Colunas falsas com cornijas, decoração em relevo; Simetria. Curiosidade: Vale notar que essa construção do jazigo se deu tempos depois, já que o desejo do sepultado foi de ser enterrado em cova rasa. Sem	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

		elementos decorativos.	
1918	QUADRA 01 T.32 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo de grande porte com características peculiares, com dimensões (A: 3,23m; L: 3,18m; C: 1,31m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1890 e falecido em 1918 (idade à morte 28 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura decorada com presença de alguns elementos arquitetônicos: Colunas falsas com cornijas, e decorações na estrutura em em alto relevo. No topo, há simbologia da cruz cristã de concreto que faz parte da decoração do jazigo. A estrutura está bem conservada, apenas com algumas manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.83 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo de grande porte com características peculiares, com dimensões (A: 4,65 m; L: 3,77 m; C: 1,21m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1879 e falecido em 1918 (idade à morte 39 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento e falecimento. A estrutura contém um elemento iconográfico não identificado (N.I) e simbologia da cruz cristã no topo, além de alguns elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas e decoração em alto relevo. O jazigo está localizado ao lado da ala infantil. A estrutura está conservada, apenas com algumas manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	--	---	---

	QUADRA 02 T.67 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,84 m; L: 1m; C: 2,36 m), com estrutura decorativa sobreposta à base do jazigo, construído do mesmo material. Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1895 e falecido em 1918 (idade à morte 23 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. A estrutura está conservada, apesar de conter algumas manchas escuras, rachaduras e deterioração do material construtivo na parte superior.		Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
Década de 1920	QUADRA 01 T.03 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de porte médio com características peculiares, com dimensões (A: 2,40 m; L: 2,58 m; C: 1,67 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascido em 1886 e falecido em 1920 (idade à morte 34 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento e falecimento. Destaque para a ortografia do início do século XX. O jazigo possui ainda simbologia da cruz cristã no de concreto (extremidades quebradas) na parte superior com quatro pináculos ao seu redor. A estrutura está conservada, apesar de conter algumas manchas escuras e amareladas, além de pequenas rachaduras e alguns desgastes no revestimento, provavelmente ocasionadas pelas ações do		Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

		tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	
	QUADRA 01 T.04 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo de porte médio com características peculiares, com dimensões (A: 1,87 m; L: 2,23 m; C: 1,14 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo, com dois indivíduos sepultados: um do sexo feminino nascida em 1899 e falecida em 1921 (idade à morte 22 anos) e o outro do sexo masculino com apenas data de falecimento no ano de 1953. Possui duas lápides em mármore, uma com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio e a outra com apenas nome e ano de falecimento. Destaque para a ortografia do início do século XX. Há vestígios de uma cruz de metal e concreto no topo da estrutura. No total, dois sepultados foram identificados. A estrutura está conservada, apesar de conter algumas manchas escuras, além de pequenas rachaduras e alguns desgastes no revestimento, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.06 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de porte médio com características peculiares, com dimensões (A: 2,46 m; L: 2,92 m; C: 1,20 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascido em 1866 e falecido em 1922 (idade à morte 56 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. Estrutura com cabeceira decorada e uma placa de metal com informações apagadas, mas aparentemente se trata de informações da mesma pessoa sepultada. Há ainda alguns elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas e decoração em alto relevo. Na parte superior, ao lado da cabeceira, mais dois elementos arquitetônicos com pequenas colunas. Na base da estrutura tumular está uma cruz de concreto que aparentemente caiu do topo da cabeceira. O jazigo está parcialmente deteriorado, com manchas escuras e rachaduras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	--	--	--

	QUADRA 01 T.07 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo de grande porte, com características peculiares, com dimensões (A: 3,60 m; L: 3,16 m; C: 1,08 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1903 e falecido em 1922 (idade à morte 19 anos). Possui lápide de mármore decorada, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos arquitetônicos, com colunas falsas com cornijas e decoração em alto relevo. Destaque para a cabeceira decorada e com elementos iconográficos, como ramos, flores e uma cruz sobre dois degraus feitos em alto relevo. A estrutura está conservada, apesar de conter algumas manchas escuras, pequenas rachaduras e algumas deteriorações no revestimento, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	--	--	---

	QUADRA 01 T.09 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de grande porte com características peculiares, com dimensões (A: 4 m; L: 2,92 m; C: 1,20 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1892 e falecido em 1922 (idade à morte 30 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos iconográficos, como uma grande cruz centralizada e sustentada por dois pilares nas laterais, bem como por uma estrutura na parte inferior (base), e atrás (nessa parte, há detalhes decorativos em baixo relevo feitos no próprio revestimento). Nos pilares, existem outras iconografias, a saber: um vaso ou representação de tocha acesa. Acima, uma seta em zig zag direcionada para o alto (céu). A estrutura está conservada, apesar de conter algumas manchas escuras e amareladas, além de pequenas rachaduras e alguns desgastes no revestimento, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.75 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + Cal)	Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 1,18 m; L: 75 cm; C: 1,58 m). Trata-se de um sepultamento infantil do sexo masculino, nascido em 1921 e falecido em 1922 (idade à morte 01 ano). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura decorada e com presença de elemento iconográfico, a saber, um laço. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil, e não possui nenhum tipo de ornamento. A estrutura está conservada, possuindo apenas algumas manchas escuras e amarelas, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
	QUADRA 01 T.76 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, medindo (A: 1,02 m; L: 95 cm; C: 1,55 m). Trata-se de um sepultamento infantil do sexo feminino, nascida em 1920 e falecida em 1921 (idade à morte 01 ano). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento e falecimento. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. A estrutura está parcialmente conservada, com algumas manchas escuras e deteriorações em algumas extremidades, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 02 T.50 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A: 2,23 m; L: 2,25 m; C: 96 cm). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1910 e falecido em 1929 (idade à morte 19 anos). Possui lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. A decoração da estrutura é simples e possui cabeceira. A estrutura está conservada, possuindo apenas algumas manchas escuras e amarelas, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo e evidências de prováveis vasos de cerâmicas quebrados.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	--	--

	QUADRA 02 T.04 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo com características peculiares, com dimensões (A: 4,19 m; L: 2,97 m; C: 1,41 m). Revestido em cimento, cal e tinta verde. Possui lápide com identificação e epitáfio, com datação do ano de 1926 (Correio da Pedra, vol. 2, 1926). Trata-se de dois indivíduo do sexo masculino Presença de elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas, três estruturas piramidais, uma maior no meio e duas nas extremidades. No topo, a simbologia da cruz cristã de metal. A estrutura tumular está conservada, com apenas alguns desgastes do revestimento provavelmente causados pela ação do tempo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

Década de 1930	QUADRA 02 T.26 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de médio porte com características peculiares, com dimensões (A: 2,70 m; L: 2,59 m; C: 1,30 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1859 e falecida em 1931 (idade à morte 72 anos). Possui lápide de mármore decorada (como cruz e ramos), nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A decoração da estrutura é simples, mas possui cabeceira com alguns elementos decorativos. A estrutura está parcialmente deteriorada, principalmente na fachada, como descamação do revestimento e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
-----------------------	--	---	---

	QUADRA 02 T.41 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A: 3,45; L:3,30 m; C: 1,43 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1865 e falecido em 1937 (idade à morte 72 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos (ramos e cruz), nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A fachada possui decoração simples em formato de degraus. No topo da estrutura, há simbologia da cruz cristã de metal no topo do jazigo e resquícios de elemento decorativo: arco de uma coroa de flores. A estrutura está parcialmente deteriorada, com algumas descamações na fachada e uma rachadura na lateral e traseira, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	--	---

	QUADRA 02 T.51 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta + azulejo liso)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A:2,89 m; L: 2,65 m; C: 1,06 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, falecido em 1938. Possui lápide de mármore contendo nome, ano de falecimento e epitáfio. A estrutura possui cabeceira com simbologia da cruz cristã no topo do jazigo, e logo abaixo, um pequeno oratório com grade. Nas laterais do jazigo, há colunas com estrutura piramidal, uma em cada extremidade. A estrutura está conservada, possuindo apenas algumas manchas escuras e amarelas, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Há ainda, indícios de possíveis reformas (marcas de sobreposição de tinta).		Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
Década de 1940	QUADRA 01 T.02 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A: 2,66 m; L: 1,21 m; C: 2,60 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1896 e falecida em 1941 (idade à morte 45 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos (ramos e cruz), nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. com informações de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elemento iconográfico na lateral direita: ramos de folhas entrelaçados. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela e há sinais de possíveis reformas (marcas de sobreposição de tinta). Estrutura deteriorada na fachada e traseira. Presença de vegetação ao redor do jazigo.		Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.05 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 2,05 m; L: 3,30 m; C: 2,13 m). trata-se de im indivíduo do sexo masculino, nascido em 1882 e falecido em 1944 (idade à morte 62 anos). Possui duas lápides inclinadas na fachada do jazigo de mármore, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura com decoração simples e presença de elemento iconográfico: uma cruz no próprio revestimento e em alto relevo (assemelhando-se a cruz do calvário). Por cima desta, um detalhe em forma de “X” na cor azul. Na base da cruz, há dois ramos de folhas que vão de encontro com as duas lápides. Jazigo com quatro aberturas na parte frontal, especificamente, nas partes superior e inferior. Há sinais de deterioração, aparentemente com alterações antrópicas na estrutura. Na abertura do lado esquerdo superior, apresenta tijolos soltos, aparentemente com o intuito de fechá-la temporariamente. As aberturas inferiores, aparentemente são destinadas para sepultamentos, mas há apenas um sepultamento identificado. A abertura do lado direito está lacrada e a esquerda está parcialmente fechada com tijolos soltos, na qual é possível observar restos da estrutura óssea, como crânio e ossos longos. Jazigo deteriorado e com presença de vegetação ao redor. Há sinais de possíveis reformas (marcas de sobreposição de tinta). Destaque para a ortografia do início do século XX.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202
--	--	--	---

	QUADRA 01 T.24 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (cimento + cal + tinta)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A:1,98 m; L: 1,31 m; C: 2,40 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1922 e falecida em 1949 (idade à morte 27 anos). Possui lápide de mármore contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elemento iconográfico na lateral direita: tronco com dois galhos, um para cada lado. Traseira com decoração simples feita no próprio revestimento. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela e há sinais de possíveis reformas (marcas de sobreposição de tinta). Há sinais de degradação, rachaduras e presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202
--	--	--	--

	QUADRA 01 T.11 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de médio porte, com dimensões (A: 1,96 m; L: 1,85 m; C: 85 cm). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1881 e falecida em 1946 (idade à morte 65 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos (cruz e folhas), nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos arquitetônicos: Jazigo com 4 colunas, duas maiores centralizadas com um arco na parte de cima e duas menores nas laterais. A estrutura está conservada, possuindo apenas algumas manchas escuras e pequenas rachaduras, descamação do revestimento, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202

	QUADRA 01 T.63 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso branco)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A: 3,10m; L: 3,06 m; C: 1,35 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo, com datação mais antiga equivalente a 1947, de um indivíduo do sexo feminino (idade à morte 67 anos). Os demais sepultados possuem datas equivalentes a: 1962 (sexo masculino, idade à morte 85 anos), 1971 (sexo masculino, idade à morte anos), 1972 (sexo masculino, idade à morte 80 anos) e 1991 (sexo masculino, idade à morte anos). Possui cabeceira e presença de elemento iconográfico equivalente a uma pintura cristã católica (Santa Imaculada Conceição de Maria) na parte superior da estrutura tumular. Simbologia da cruz cristã de metal no topo do jazigo. No total, cinco sepultados foram identificados. A estrutura está conservada, possuindo apenas algumas manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202

	QUADRA 02 T. 17 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de médio porte, com dimensões (A: 2,92 m; L: 1,33 m; C: 1,91 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1898 e falecida em 1946 (idade à morte 48 anos). Possui uma lápide de mármore, contendo nome, ano de nascimento e falecimento. Presença de elemento iconográfico: cruz no topo feito de bloco de pedra paralelepípedo de grandes proporções (assemelha-se a um Cruzeiro/Cruz do Calvário). O único jazigo com esse formato. A estrutura apresenta alguns sinais de deterioração, como rachaduras na base da sepultura e manchas escuras.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.22 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo de porte médio, com dimensões (A: 3,90 m; L: 2,85 m; C: 1,07 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo, com datação mais antiga equivalente a 1948 de um indivíduo do sexo masculino (nascido em 1906 - idade à morte 42 anos). O outro sepultado trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascido em 1924 e falecido em 2009 (idade à morte 85 anos). Possui 2 lápides de mármore, contendo informações de nascimento, falecimento e epitáfio. O jazigo possui três estruturas piramidais, uma no meio (maior) e duas menores nas extremidades. Simbologia da cruz cristã no topo do jazigo. No total, dois sepultados foram identificados. A estrutura apresenta alguns sinais de deterioração, como rachaduras, manchas escuras e descamação do revestimento.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.24 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de baixa estatura com cabeceira, com dimensões (A: 1,70 m; L: 1,02 m; C: 1,97 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1910 e falecida em 1941 (idade à morte 31 anos). Possui uma placa sublimada, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura tumular está deteriorada, principalmente na campa e parte superior da cabeceira. Aparentemente passou por processo de modificação/mudança, pois possui marcas recentes onde foi colocado a placa que é atual em comparação com o ano de sepultamento.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Curiosidade: Jazigo pertencente a Amália Ferreira da Silva, irmã de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião.
	QUADRA 02 T.25 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso + azulejo decorado)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 1,55 m; L: 2,10 m; C: 2,33 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com datação mais antiga equivalente a 1943 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1901 (idade à morte 42 anos). Outro indivíduo identificado trata-se de uma mulher, nascida em 1937 e falecida em 1993 (idade à morte 56 anos). Aparentemente, havia mais indivíduos sepultados, pois há espaços vazios na cabeceira onde existiam fotografias de outras pessoas. No total, dois sepultados foram identificados. Possui cabeceira e duas gavetas grandes, uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Além de um suporte para fotografia em porcelana com nome ano	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

		de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura apresenta alguns sinais de deterioração, como manchas escuras, partes do revestimento quebrado e deslocamento do mesmo, bem como a base da construção. Presença de vegetação em cima do jazigo.	
	QUADRA 02 T.36 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de baixa estatura com cabeceira, com dimensões (A: 1,74 m; L: 1,31 m; C: 2,51 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com datação mais antiga equivalente a 1945 de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1885. Os outros sepultados tratam-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1912 e falecida em 1990 e outro do sexo masculino, nascido em 1902 e falecido também em 1990. Possui três lápides de mármore, contendo nomes, anos de nascimento, falecimento e epitáfios. Uma das lápides apresenta alguns elementos decorativos, como cruz e flores. Destaque para a ortografia do início do século XX na lápide mais antiga. No total, três sepultados foram identificados. No topo da cabeceira há a simbologia da cruz cristã feita de metal. A cabeceira assemelha-se à fachada de uma “casinha” ou capela. A estrutura está conservada, com apenas algumas manchas escuras na região das lápides.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.49 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 3,22 m; L: 2,98 m; C: 1,20 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1864 e falecida em 1943 (idade à morte 79 anos). Possui lápide de mármore, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Destaque para a ortografia do início do século XX. Possui cabeceira com decoração em degraus, um pequeno oratório e a simbologia da cruz cristã feita de metal no topo. Presença de elemento iconográfico: cruz construída na lateral da fachada confeccionada do mesmo material construtivo do jazigo. A estrutura apresenta sinais de deterioração, principalmente na parte inferior, com deslocamento da tinta e reboco, além de manchas escuras. Pela coloração (sobreposição de tinta), a estrutura aparentemente passou por algum tipo de reforma ao longo do tempo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 03 T.46 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica Decorada + Mármore)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,53 m; L: 1,97 m; C: 2,39 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com datação mais antiga identificada equivalente a 1948, de um indivíduo do sexo feminino. Os outros sepultados tratam-se de um indivíduo do sexo feminino, falecida em 1994 e um indivíduo do sexo masculino, falecido em 1973. Não há informações sobre ano de nascimento. Possui uma lápide de mármore com os nomes, anos de falecimento e epitáfio, além de duas gavetas de mármore. Jazigo em bom estado de conservação. Presença de vegetação próxima a estrutura tumular.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	---	---

Década de 1950	QUADRA 01 T.53 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de médio porte, com dimensões (A:1,63 m; L: 1,18 m; C: 2,23 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1916 e falecido em 1951 (idade à morte 35 anos). Possui lápide de mármore com elementos decorativos, como cruz com um ramo sobreposto, além de conter nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. O jazigo tem cabeceira e uma gaveta. A estrutura apresenta sinais de deterioração, como rachaduras, quebras nas extremidades e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202
------------------------------	--	---	---

	QUADRA 01 T. 66 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de porte médio com cabeceira, com dimensões (A: 2,15 m; L: 1,35 m; C: 2,61 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1899 e falecido em 1954 (idade à morte 55 anos). Possui lápide de mármore com elementos decorativos, como cruz com um ramo sobreposto, além de conter nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura com cabeceira e presença de elementos iconográficos: flor de quatro pétalas nas laterais da fachada e na extremidade superior do jazigo, apesar de estar pela metade por conta do estado de conservação do mesmo. Ao lado da flor na cabeceira existe a letra “L” com um “.” (ponto). Na parte deteriorada não dá para ver o que tem, mas provavelmente trata-se da inicial do seu nome “A”. A estrutura apresenta sinais de deterioração, como rachaduras, quebras nas extremidades e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, Curiosidade: O jazigo pertence a Antônio Lopes, fotógrafo, “figura notória na cidade” (SILVA, 2016, p. 101). “Além do trabalho fotográfico, ao qual resolveu se dedicar de corpo e alma de forma amadora, também exercia profissão paralela como escriturário da Fábrica da Pedra, onde era chefe do setor pessoal, bem como foi suplente da Comissão Fiscal do Tiro de Guerra “636”, de Pedra (SILVA, 2016, p. 99).
--	---	--	---

	QUADRA 01 T.23 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo decorado)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2 m; L: 2,21 m; C: 2,73 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1925 e falecido em 1950 (idade à morte 25 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos, como cruz e flores, além de conter nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura com cabeceira e conservado, apesar de alguns deslocamentos de azulejo da estrutura tumular e manchas escuras na lápide. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/202
	QUADRA 02 T. 10 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,32 m; L: 1,38 m; C: 2,38 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1888 e falecida em 1953 (idade à morte 65 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos, como cruz com flores a ela sobreposta, além de nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Estrutura com cabeceira e a simbologia da cruz cristã confeccionada de metal no topo. Detalhes decorativos na campa feita no próprio revestimento e cimento. A estrutura está conservada, com apenas algumas manchas escuras nas laterais.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.21 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 4,10 m; L: 3,25 m; C: 1,17 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1888 e falecido em 1952 (idade à morte 64 anos). Possui lápide de mármore com alguns elementos decorativos, como cruz com ramo sobreposta a ela, além de conter ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos arquitetônicos: jazigo decorado, assemelhando-se a um “castelinho” ou capela, com teto semelhante a “escamas”, confeccionadas em alto relevo no próprio revestimento. Presença da simbologia da cruz cristã feita de concreto no topo. Destaque para a ortografia do início do século XX. A estrutura está conservada, com apenas algumas rachaduras pequenas.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.38 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa + granito)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 3,20 m; L: 2,20 m; C: 2,28 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com quatro gavetas, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1953, de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1924 (idade à morte 29 anos). Os demais sepultados correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1914 e falecido em 2011 (idade à morte 97 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1942 e falecido em 2018 (idade à morte 76 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1947 e falecido em 2020 (idade à morte 73 anos). Ao todo foram sepultadas 04 pessoas. Possui 4 placas contendo nomes, anos de nascimento, falecimento e epitáfio, além de uma placa exclusiva confeccionada para identificar o jazigo da família. A estrutura possui um oratório protegido com vidro e cadeado na parte superior, onde foi possível observar a presença de alguns elementos iconográficos, como a simbologia da cruz cristã no topo, construída com o mesmo material construtivo do jazigo fotografias sublimadas, além de uma mini escultura de anjo em resina e uma imagem impressa da religiosidade católica em um porta retrato. Possui também elementos decorativos, como: vasos com flores artificiais e coroas de flores. Bem conservado e provavelmente passou por reformas recentes por conta de algumas marcas e material construtivo contemporâneo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	--	--

	QUADRA 02 T.56 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,56 m; L: 2,02 m; C: 2,71 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com quatro gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1951, de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1884 (idade à morte 67 anos). Os demais sepultados correspondem a: um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1919 e falecida em 1953 (idade à morte 34 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1896 e falecida em 1970 (idade à morte 74 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1921 e falecido em 1981 (idade à morte 60 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1981 e falecido em 1997 (idade à morte 16 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1919 e falecida em 2014 (idade à morte 95 anos) e um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1928 e falecida em 2018 (idade à morte 90 anos). Possui quatro lápides de mármore, como nomes anos de nascimento e falecimento, onde apenas uma delas possui epitáfio, além de uma placa de metal, com nomes, anos de nascimento e falecimento de dois indivíduos. Ao todo foram sepultadas 07 pessoas. O jazigo possui duas gavetas com puxadores e a simbologia da cruz cristã feita de metal no topo. Presença de elementos decorativos: aparentemente uma árvore Bonsai artificial, vaso com flores murchas, flores artificiais avulsas, vestígios de velas, vestígios de planta natural e uma fotografia em	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	---	--

		porcelana. Bem conservado e provavelmente passou por reformas recentes por conta de algumas marcas e material construtivo contemporâneo.	
Década de 1970	QUADRA 02 T.70 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 1,80 m; L: 2,39 m; C: 2,41 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com três gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1972 de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1892 (idade à morte 80 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1900 (idade à morte 72 anos). Os demais sepultados correspondem a: um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1916 e falecida em 1978 (idade à morte 62 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1924 e falecida em 2001 (idade à morte 77 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1934 e falecido em 2002 (idade à morte 68 anos). Possui uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio além de uma fotografia em porcelana (elemento iconográfico). Possui também uma placa de metal, com nomes, anos de nascimento, falecimento e epitáfio de dois indivíduos, mais duas cruzes lápide contendo informações de nascimento e falecimento. Ao todo, foram sepultados 05 indivíduos. Possui 3 gavetas grandes, duas de cada lado da estrutura e a simbologia da cruz cristã no topo do jazigo feita de mármore. Acima da lápide de mármore possui uma pequena capela em formato de “casinha” com	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

		velas. A estrutura tumular está conservada, apesar de algumas manchas escuras na cerâmica que reveste o jazigo e mau acabamento em uma das gavetas.	
Década de 1980	QUADRA 01 T.43 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,80 m; L: 2,39 m; C: 2,41 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1917 e falecida em 1989 (idade à morte 72 anos). Possui uma cruz lápide na cabeceira com informações apagadas e uma lápide localizada na campa, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio, porém as inscrições estão quase apagadas. Presença de elemento decorativo, como uma coroa de flores artificiais. A estrutura está conservada, apesar de algumas manchas pretas e rachaduras. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.59 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa + granito)	Jazigo amplo, com dimensões (A:2,57 m; L: 2,21 m; C: 2,26 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com quatro gavetas com três puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1982, de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1912 (idade à morte 70 anos). O outro indivíduo trata-se de um homem, nascido em 1914 e falecido em 2003 (idade à morte 89 anos). Possui uma placa sublimada, contendo informações de nascimento, falecimento e epitáfio dos dois indivíduos. Acima da estrutura tumular, há a simbologia da cruz cristã feita de granito. No total, dois sepultados foram identificados. A estrutura está conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois seu material construtivo é contemporâneo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
	QUADRA 02 T. 23 Material construtivo: Alvenaria de tijolo	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,52 m; L: 2,12 m; C: 2,45 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1985 de um	

	Tipo de Revestimento: (Azulejo liso - azul)	indivíduo do sexo masculino, nascido em 1915 (idade à morte 70 anos). Os demais identificados são: um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1936 e falecida em 2002 (idade à morte 66 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1934 e falecido em 2014 (idade à morte 80 anos). No total, foram 04 sepultados, porém um indivíduo do sexo masculino não possui informações de nascimento e falecimento. Possui cabeceira com uma lápide de mármore em homenagem a dois sepultados, e a simbologia da cruz cristã feita de metal no topo, além de um oratório com grade e cadeado na cabeceira. Presença de elementos iconográficos: quatro fotografias em porcelana. Elementos decorativos: flores artificiais, porta-retrato, resquícios de velas, ramos de folhas de palmeiras secas (ações do tempo) e um rosário. A estrutura tem bom estado de conservação, apesar do mau acabamento no revestimento das gavetas devido aos sepultamentos.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.32 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo decorado + cerâmica = 5 tipos de cerâmica (bege lisa e decoradas)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 2,79 m; L: 2,06 m; C: 2,47 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com cinco gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1987 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1948 (idade à morte 39 anos). Outro indivíduo sepultado trata-se de um homem, nascido em 1947 e falecido em 2010 (idade à morte 63 anos). No total, foram 8 indivíduos sepultados, porém 6 deles não possuem informações de nascimento e falecimento. Possui um oratório com grade e cadeado. Dentro do espaço há uma lápide de mármore contendo informações, porém estão apagadas. Na lápide, foram colocadas mais 8 fotografias em porcelana, sendo duas delas com dados dos falecidos. No topo da estrutura há a simbologia da cruz cristã feita de metal com presença de elemento decorativo: coroa de flores artificiais. Presença de elementos iconográficos: fotografias em porcelana (8), 4 mini esculturas em resinas de anjos, e ramos secos. A base da construção está deteriorada e a fachada com manchas escuras no revestimento, além do deslocamento de parte do revestimento nas laterais.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	---	---	---

	QUADRA 02 T.35 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Granito)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,19 m; L: 2,07 m; C: 2,48 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1985 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1924 (idade à morte 61 anos). Os demais sepultados correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1957 e falecido em 1996 (idade à morte 39 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1924 e falecida em 2012; um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1923 e falecida em 2016 (idade à morte 93 anos) e um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1930 e falecida em 2016. No total foram identificados 5 indivíduos sepultados. Possui oratório protegido com vidro e cadeado. Na estrutura de cima do jazigo, há a simbologia da cruz cristã revestida com o mesmo material. Presença de elemento iconográfico: 1 peça de cerâmica sublimada com cinco fotografias de pessoas sepultadas (3 mulheres e 2 homens). Presença de elemento decorativo: dois vasos de granito, uma em cada lado da extremidade do jazigo, uma pequena estrutura ao lado do jazigo para acender velas e um canteiro para flores confeccionado com o mesmo material (granito), porém todos vazios. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois seu material construtivo é contemporâneo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	---	--

	QUADRA 02 T.39 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada + granito)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,85 m; L: 2,41 m; C: 2,63 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas de granito com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1985 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1912 (idade à morte 73 anos). O outro se trata de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1938 e falecida em 2018 (idade à morte 80 anos). No total, foram dois indivíduos sepultados. Possui oratório protegido com grade e cadeado. No topo da estrutura há a simbologia da cruz cristã feita de granito. Dentro do oratório há uma lápide de mármore contendo nome, ano de nascimento e falecimento, e uma placa sublimada com fotografia, contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos iconográficos: imagem de porcelana que representa a religiosidade católica (Padre Cícero), capelinha em madeira de uma provável representatividade católica, um rosário e uma fotografia em porcelana. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois seu material construtivo é contemporâneo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 03 T.04 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cerâmica Decorada)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,26 m; L: 1,04 m; C: 2,40 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1925 e falecida em 1988 (idade à morte 63 anos). Possui uma lápide de mármore contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui uma gaveta com puxador de metal, oratório, simbologia da cruz cristã feita de metal no topo e presença de elementos decorativos, como: vasos de flores artificiais e coroa de flores. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois seu material construtivo é contemporâneo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.45 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo Decorado)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,17 m; L: 1,28 m; C: 2,39 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1918 e falecida em 1987 (idade à morte 69 anos). Possui uma lápide de mármore contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui uma gaveta, oratório protegido com grade, uma cruz lápide feita de metal no topo do jazigo e presença de elementos decorativos, como flores artificiais e coroa de flores. A estrutura está conservada, apesar de algumas rachaduras na lápide e a base da estrutura tumular estar um pouco deteriorada. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 03 T.08 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica Decorada	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2 m; L: 1 m; C: 2,36 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, falecido em 1985. A data de nascimento está incompleta, impossibilitando realizar datação aproximada da idade à morte. Possui uma gaveta e um oratório. Cruz lápide feita de concreto. A estrutura está parcialmente deteriorada, com alguns deslocamentos do revestimento. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	---	--	--

	QUADRA 01 T.30 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica Lisa + Granito)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,80 m; L: 1,20 m; C: 2,41 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas grandes com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1988, de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1922 (idade à morte 66 anos). Os demais correspondem a um indivíduo do sexo masculino nascido em 1955 e falecido em 2015 (idade à morte 60 anos) e mais um indivíduo do sexo masculino sem informações sobre o mesmo. Possui um oratório protegido com vidro e cadeado. A estrutura possui um oratório, mas não possui lápide, apenas fotografias impressas com nomes, anos de nascimento, falecimento e epitáfio. No total, aparentemente foram três pessoas sepultadas. No topo do jazigo há a simbologia da cruz cristã revestida do mesmo material utilizado na construção tumular. A estrutura está conservada, apesar de haver sinais de interferência humana, como ações de vandalismo, onde aparentemente parte do vidro que protege o oratório foi quebrado. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográfico, como vasos com flores artificiais e fotografias. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	--	--	---

Década de 1990	QUADRA 01 T.42 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de pequenas proporções com cabeceira em forma de degraus, com dimensões (A: 89 cm; L: 61 cm; C: 79 cm). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1944 e falecido em 1998 (idade à morte 54 anos). Possui uma cruz lápide contendo nome, ano de nascimento e falecimento. Presença de elemento decorativo: Flores artificiais. A estrutura está parcialmente deteriorada e com presença de vegetação por todos os lados.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
	QUADRA 01 T.46 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal)	Jazigo simples de porte médio com cabeceira em forma de degraus, com dimensões (A: 1,36 m; L: 1,14 m; C: 2,44 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1941 e falecido em 1990 (idade à morte 49 anos). Possui uma cruz lápide contendo nome, ano de nascimento e falecimento. A estrutura está deteriorada, com rachaduras e manchas escuras. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023

	QUADRA 01 T.28 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento)	Jazigo simples de pequena estatura, com dimensões (A: 60 cm; L: 80 cm; C: 2,20 m). Possui lápide de mármore contendo informações de nascimento e falecimento, porém as inscrições estão bem apagadas, ficando quase imperceptíveis. Não foi possível identificar o sexo biológico. A estrutura está conservada. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	--	--	--

	QUADRA 02 T.57 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo decorado)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,80 m; L: 94 cm; C: 2,17 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1961 e falecido em 1992 (idade à morte 31 anos). Possui um oratório protegido com grade e uma cruz lápide em cima da estrutura. A cruz lápide contém nome, ano de nascimento e falecimento. Presença de elemento decorativo: coroa de flores artificiais, velas e vaso de flores artificiais. Possui uma gaveta com puxador. A estrutura está deteriorada na fachada e na base da construção, mais precisamente na parte do oratório e na base do túmulo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T.58 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,88 m; L: 1,87 m; C: 2,44 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1919 e falecido em 1991 (idade à morte 72 anos). Possui um oratório protegido com grade e dentro desta, há uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Possui duas gavetas com puxadores. Estrutura tumular com alguns deslocamentos do revestimento na fachada.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	---	---	--

	QUADRA 02 T. 75 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,38 m; L: 1,97 m; C: 2,40 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1992 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1945 (idade à morte 47 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1937 e falecido em 2005 e um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1946 e falecida em 2015 (idade à morte 69 anos). No total, foram três indivíduos sepultados. Estrutura com oratório protegido com grade e cadeado e dentro, há uma lápide de mármore com nomes, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Presença de elementos iconográficos: três fotografias em porcelana. Presença de elementos decorativos: como vaso de flor artificial, flores avulsas artificiais. Possui a simbologia da cruz cristã feita de metal fincada em vaso de concreto, localizado em cima da estrutura tumular. Há ainda, vestígio de uma coroa de flores artificiais. Ótimo estado de conservação e provavelmente passou por reformas recentes, pois o material construtivo é contemporâneo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 02 T. 76 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,04 m; L: 2,07 m; C: 2,40 m). Aparentemente trata-se de um jazigo familiar/coletivo, porém apenas um indivíduo foi identificado, tratando-se de uma criança do sexo feminino, nascida em 1993 e falecida em 1996 (idade à morte 03 anos). Estrutura com oratório protegido com grade. Não possui lápide, apenas uma plaquinha em madeira, com nome, ano de nascimento e falecimento gravados em alto relevo no material. Presença de elemento decorativo: vaso com flor artificial. A estrutura tumular conta ainda com duas gavetas com puxadores de metal. Bom estado de conservação. No topo, duas cruzes de metal. A estrutura está bem conservada.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023

	QUADRA 03 T. 01 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,04 m; L: 2,07 m; C: 2,40 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1962 e falecido em 1992 (idade de à morte 30 anos). Possui um oratório protegido e dentro desta, há uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Possui uma gaveta com puxadores e a simbologia da cruz cristã no topo da estrutura. A estrutura está conservada e com presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	--

	QUADRA 03 T. 03 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo decorado + Cerâmica Lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,70 m; L: 2,28 m; C: 2,43 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1926 e falecido em 1993 (idade à morte 67 anos). Possui lápide de mármore contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui oratório protegido com grade e duas gavetas, porém apenas uma tem puxador de metal. Há resquícios de flores naturais dentro do oratório. A estrutura está bem conservada. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	--

	QUADRA 03 T. 06 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,95 m; L: 2,06 m; C: 2,34 m). Trata-se de um jazigo sem identificação referente ao sexo biológico devido a má conservação da cruz lápide. Porém, foi possível constatar o ano de falecimento do indivíduo sepultado, isto é, em 1994. Possui oratório, apesar de estar danificado e alguns elementos decorativos e iconográficos, como vaso de flores artificiais, vaso de plástico, rosário, resquícios de coroa de flores e uma imagem cristã católica de um santo (Padre Cícero). Possui ainda duas gavetas com puxadores. A estrutura está deteriorada, principalmente na região do oratório e um pouco nas gavetas. Presença de vegetação ao redor e em cima do jazigo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	--

	QUADRA 03 T. 13 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,64 m; L: 2,04 m; C: 2,74 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1995, porém não foi possível identificar o indivíduo sepultado. Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1944 e falecido em 1997 (idade à morte 53 anos); um indivíduo do sexo masculino nascido em 1939 e falecido em 2012 (idade à morte 73 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1946 e falecido em 2019 (idade à morte 73 anos), e mais dois indivíduos sem identificação, um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Possui quatro lápides: uma de mármore, duas de granito e uma de metal (três delas com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio). A estrutura possui oratório protegido com grade e cadeado com uma simbologia da cruz cristã feita de metal no topo, além de duas gavetas com puxadores de metal. No total, foram cinco indivíduos sepultados. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográficos, como coroas de flores artificiais e fotografias em porcelana. O jazigo está bem conservado e com vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	--

	QUADRA 03 T. 16 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2 m; L: 1,09 m; C: 2,70 m). Provavelmente trata-se de um jazigo familiar/coletivo por possuir duas cruzes lápides no topo da estrutura, mas apenas uma possui informações do indivíduo sepultado do sexo masculino, nascido em 1976 e falecido em 1994 (idade à morte 18 anos). Possui oratório e uma gaveta com puxador. A estrutura está deteriorada, com deslocamentos do revestimento. Presença de vegetação ao redor do jazigo.	
			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 03 T. 21 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,49 m; L: 1,95 m; C: 2,83 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1997 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1971 (idade à morte 26 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1931 e falecido em 2002 (idade à morte 71 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1964 e falecido em 2003 (idade à morte 39 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1976 e falecido em 2005 (idade à morte 29 anos); um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1976 e falecida em 2008 (idade à morte 32 anos). Possui três lápides de mármore, onde duas delas possui nomes, anos de nascimento, falecimento e epitáfio. na outra, apenas nome e data de nascimento e falecimento, além de uma placa sublimada contendo nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura conta com um oratório protegido com grade e cadeado, a simbologia da cruz cristã no topo, além de duas gavetas com puxadores. Possui alguns elementos decorativos e iconográfico, como vasos com flores artificiais e fotografias em porcelana. No total, são seis indivíduos sepultados. O jazigo está parcialmente deteriorado, com alguns deslocamentos do revestimento na parte frontal. provavelmente passou por reformas recentes, pois o material construtivo é contemporâneo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	---	--	--

	QUADRA 03 T. 22 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,22 m; L: 2,50 m; C: 2,67 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo, com datação mais antiga equivalente a 1997 de um indivíduo do sexo masculino nascido em 1967 (idade à morte 30 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1940 e falecido em 2009 (idade à morte 69 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1964 e falecido em 2016 (idade à morte 52 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1963 e falecido em 2017 (idade à morte 54 anos). No total, são quatro indivíduos sepultados. Possui uma lápide em mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio e quatro cruzes lápides, sendo duas de madeira e duas de ferro. Presença de elementos decorativos e iconográficos como, vaso com flores artificiais, flores naturais, coroas de flores e uma imagem cristã católica impressa. A estrutura tumular assemelha-se a uma capelinha e possui oratório protegido com grade e cadeado. O jazigo está bem conservado e com vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	---	---	--

	QUADRA 03 T. 23 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Mármore)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1m; L: 2,05m; C: 2,74m). Provavelmente trata-se de um indivíduo do sexo masculino falecido no ano de 1997. Não foi possível identificar o ano de nascimento por conta das más condições de conservação das inscrições na cruz lápide. A estrutura possui duas gavetas com puxadores, porém, o revestimento nesta parte está danificado, assim como a base da construção.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T. 31 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,89m; L: 2,03m; C: 2,65m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1997 de um indivíduo do sexo masculino e falecido em 1938 (idade à morte 59 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 2000 e falecido em 2021 (idade à morte 21 anos), e mais dois indivíduos do sexo masculino, porém não foi possível identificar as datações impressas na lápide. Possui duas lápides de mármore com fotografias em porcelana dos indivíduos sepultados. No total, foram quatro sepultamentos, todos do sexo masculino. A estrutura possui oratório protegido	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

		com grade e cadeado, além de duas gavetas com puxadores. Presença de elementos decorativos e iconográficos, como: vasos com flores artificiais, coroa de flores artificiais com formato de coração, uma cruz lápide de madeira e fotografias em porcelana. O Jazigo está deteriorado na região das gavetas	
	QUADRA 03 T. 33 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,86 m; L: 2,15 m; C: 2,44 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1955 e falecido em 1998 (idade à morte 43 anos). Possui lápide em mármore com nome, ano de nascimento e falecimento e epitáfio. A estrutura possui oratório com grade e duas gavetas com resquícios de puxadores. Presença de elemento decorativo, como coroa de flores artificiais. O jazigo está parcialmente deteriorado, com alguns deslocamentos do revestimento na parte frontal. Presença de vegetação ao redor.	

			Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	--

	QUADRA 03 T. 35 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa e granito)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,85 m; L: 1,88 m; C: 1,51 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1992 de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1957 (idade à morte 35 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1961 e falecido em 1995 (idade à morte 34 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido 1930 e falecido em 1999 (idade à morte 69 anos); um indivíduo do sexo feminino sem datação; um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1958 e falecido em 2013 e um indivíduo do sexo masculino, nascida em 1936 e falecida em 2021 (idade à morte 85 anos). No total, são seis indivíduos sepultados. Possui uma lápide de granito com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio e fotografia em porcelana, além de um suporte em porcelana com fotografias dos falecidos, com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Possui duas gavetas de granito com puxadores e oratório protegido com grade e cadeado. Presença de elementos decorativos e iconográficos: vasos com flores artificiais e naturais, coroa de flores artificiais, fotografias em porcelana, fotografia sublimada em cerâmica e fotografia impressa. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois o material construtivo é contemporâneo.	Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023
--	---	---	--

	QUADRA 03 T. 36 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,47 m; L: 2,15 m; C: 2,54 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1993 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1927 (idade à morte 66 anos), e um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1946 e falecida em 1999 (idade à morte 53 anos). Possui cabeceira em degraus e um oratório protegido com grade com detalhes decorativos. Possui duas lápides de mármore, onde uma delas apresenta alguns elementos decorativos, como a cruz do calvário, rosa e ramos de oliveira, além de uma cruz lápide de ferro no topo do jazigo. A estrutura está conservada, com apenas algumas rachaduras na base da construção. Presença de vegetação ao redor.	
			Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023

	QUADRA 03 T. 37 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo Liso + Azulejo Decorado)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,86m; L: 1,82m; C: 2,57m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1974 e falecido em 1994 (idade à morte 20 anos). Possui uma lápide de mármore com alguns elementos decorativos, como uma cruz com ramos sobrepostos a ela. A estrutura possui duas gavetas com puxadores e um oratório protegido com grade e cadeado. O jazigo está conservado, com apenas algumas pequenas partes do revestimento da base da construção quebradas. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023
--	---	---	---

	QUADRA 03 T. 38 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica Decorada + Azulejo Decorado)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,20 m; L: 1,86 m; C: 2,35 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 1993, de um indivíduo do sexo masculino nascido em 1922 (idade à morte 71 anos). Os demais indivíduos correspondem a: um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1961 e falecido em 1993 (idade à morte 32 anos); um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1971 e nascido em 2008 (idade à morte 37 anos) e um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1925 e falecida em 2020 (idade à morte 95 anos). A estrutura possui um oratório protegido com grade e cadeado, além de duas gavetas com puxadores e a simbologia da cruz cristã no topo. No total, são quatro indivíduos sepultados. Não possui lápide, apenas um suporte de porcelana com fotografias dos sepultados, contendo seus nomes, ano de nascimento e falecimento. Presença de elementos decorativos e iconográficos, como: vasos com flores artificiais e fotografias em porcelana. O jazigo está conservado, com apenas algumas marcas de revestimento recente e parte do revestimento da gaveta quebrado. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023
--	--	---	---

	QUADRA 03 T. 42 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Azulejo Liso)	Jazigo simples, de porte médio, com dimensões (A: 2,10 m; L: 2,28 m; C: 2,56 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1924 e falecido em 1991 (idade à morte 67 anos). A estrutura possui lápide de mármore como nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. Possui cabeceira com oratório protegido com grade e cadeado, além de duas gavetas com puxadores. No topo, a simbologia da cruz cristã que é feita de concreto e com o mesmo revestimento do jazigo. A estrutura está parcialmente deteriorada, com deslocamentos do revestimento e mau acabamento do mesmo na região das gavetas.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.52 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,02 m; L: 1,95 m; C: 2,53 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1969 e falecido em 1998 (idade à morte 29 anos). Possui uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui duas gavetas e um oratório protegido com grade e cadeado. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográfico, como vasos com flores artificiais, a simbologia da cruz cristã e uma fotografia em porcelana. O jazigo está conservado, apesar de alguns deslocamentos do revestimento em algumas áreas e algumas deteriorações na base da construção.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 01 COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo não identificado falecido em 1995. Devido a grande quantidade de vegetação ao redor da sepultura, não foi possível obter mais informações.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
--	---	--	--

Anos 2000	QUADRA 01 T.25 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Azulejo Liso	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,30 m; L:1,20 m; C: 2,22 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1996 e falecido em 2023 (idade à morte 27 anos). Apenas 1 indivíduo identificado. Possui uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui cabeceira com oratório sem grade de proteção, além da simbologia da cruz cristã confeccionada do mesmo revestimento. O jazigo está conservado e com presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023
-----------------------------	---	---	---

	QUADRA 02 T.14 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica Decorada + Azulejo Liso)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,68 m; L: 1,45m; C: 2,65 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1969 e falecido em 2022 (idade à morte 53 anos). Apenas um indivíduo sepultado. Possui uma cruz lápide de ferro com nome, ano de nascimento e falecimento. A estrutura possui uma gaveta com puxador e uma cabeceira em degraus com oratório protegido com grade e cadeado. Presença de elementos decorativos, como: vaso com flores artificiais e coroa de flores artificiais. Apesar da base da construção estar um pouco deteriorada, o jazigo tem um bom estado de conservação.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	---	--	---

	QUADRA 02 T.34 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento + cal + tinta)	Jazigo amplo, com dimensões (A: 2,08 m; L: 1,74 m; C: 2,73 m). Provavelmente trata-se de um jazigo familiar/coletivo, mas apenas um indivíduo do sexo masculino foi identificado, nascido em 1919 e falecido em 2001 (idade à morte 82 anos). Possui apenas uma lápide em mármore com dados de um ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, onde o mesmo teria participado de 1942 a 1945, com aproximadamente 23 anos de idade quando ingressou. A estrutura tumular possui quatro gavetas com argolas e outros elementos decorativos, como três coroas de flores artificiais. A lápide encontra-se localizada na lateral do jazigo, em cima de um elemento iconográfico: a Bandeira do Brasil que foi construída em alto relevo e pintada. Em cima do jazigo é possível ver (através da imagem aérea), uma cruz com as mesmas dimensões da estrutura tumular. Apesar de existir apenas uma lápide com informações sobre o indivíduo sepultado, é provável a existência de outros sepultamentos da mesma família. A lápide destaca a estrutura tumular como Monumento. Bom estado de conservação, apesar de algumas manchas escuras na superfície.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023
--	--	---	--

	QUADRA 02 T.40 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cerâmica lisa	Jazigo amplo, com dimensões (A: 2,90 m; L: 2,10 m; C: 2,62 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 2005 de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1928 (idade à morte 77 anos). Não possui lápide, apenas fotografias com informações de três dos cinco indivíduos sepultados. O jazigo possui seis gavetas, algumas com argolas e outras sem (provavelmente caíram ou foram quebradas/retiradas). No topo, a simbologia da cruz cristã revestida com o mesmo material do jazigo. Presença de elementos decorativos (adornos) e iconográfico, como: coroa de flores artificiais e entre as gavetas, uma coroa de flores artificiais em branco e azul e cinco fotografias em porcelana. No total, são cinco indivíduos sepultados. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois o material construtivo é contemporâneo.	Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023
--	--	--	---

	QUADRA 02 T.43 COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1977 e falecido em 2014 (idade à morte 37 anos). Possui uma cruz lápide com nome, ano de nascimento e falecimento e, diferentemente das demais covas rasas no cemitério, apresenta uma camada consideravelmente fina de cimento no amontoado de terra, que está em mau estado de conservação. Presença de pequena estrutura em cimento junto a cruz lápide.	
			Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023

	QUADRA 02 T.44 COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1925 e falecido em 2008 (idade à morte 83 anos). Presença de cruz lápide com nome, ano de nascimento e falecimento.		Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023
	QUADRA 02 T.46 COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1933 e falecida em 2013 (idade à morte 80 anos). Presença de cruz lápide com nome, ano de nascimento e falecimento. Possui elemento decorativo/simbólico: coroa de flores artificiais.		Responsável pelo registro: José Brito, 21/04/2023

	QUADRA 03 T.05 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Azulejo decorado	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,11 m; L: 2,03 m; C: 2,30 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1962 e falecida em 2011 (idade à morte 49 anos). Não possui lápide, apenas fotografia em porcelana com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui duas gavetas com puxadores e oratório com grade de proteção. Presença de elementos decorativos e iconográfico: vasos com flores artificiais e fotografia em porcelana. O jazigo está em bom estado de conservação. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.12 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,34 m; L: 2,04 m; C: 2,61 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1944 e falecido em 2002 (idade à morte 58 anos). Não possui lápide de mármore, apenas uma fotografia impressa com nome, ano de nascimento e falecimento. A estrutura possui duas gavetas com puxadores e cabeceira com oratório protegido com grade. No topo há a simbologia da cruz cristã. Presença de elementos decorativos e iconográficos, como coroa de flores artificiais, vasos com flores artificiais, quatro imagens em gesso da religiosidade católica, uma imagem em gesso de matriz africana e uma fotografia do falecido. O jazigo está conservado, apesar de algumas pequenas partes da base da construção estarem um pouco deterioradas. Presença de vegetação ao redor do	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

		jazigo.	
	QUADRA 03 T.18 Material construtivo: COVA RASA	Trata-se de um sepultamento coletivo em cova rasa. Foram identificados dois indivíduos, um do sexo feminino, nascida em 1927 e falecida em 2001 (idade à morte 74 anos), e um do sexo masculino, nascido em 1958 e falecido em 2016 (idade à morte 58 anos). Possui duas cruzes lápide e presença de elementos decorativos/simbólicos, como vaso com flores artificiais, coroa de flores artificiais e um rosário. Presença de vegetação.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.19 Material construtivo: COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1939 e falecido em 2008 (idade à morte 69 anos). Presença de vegetação.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 03 T.20 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cimento e cal	Jazigo simples, com dimensões (A: 62 cm; L: 1 m; C: 2,69 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com datação mais antiga identificada equivalente ao ano de 2015 de um indivíduo do sexo feminino, falecida em 2015. Possui duas cruzes lápides com informações dos falecidos e presença de elementos decorativos/simbólicos, como coroa de flores artificiais. No total, são dois indivíduos sepultados. A estrutura está deteriorada na campa e com presença de vegetação.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.24 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cerâmica decorada)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,49 m; L: 1,17 m; C: 2,61 m). Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1926 e falecido em 2009 (idade à morte 83 anos). Não possui lápide, apenas fotografia em porcelana com nome, ano de nascimento, falecimento. A estrutura possui duas gavetas com puxadores e oratório com grade de proteção e cadeado localizado na cabeceira que tem formato em degraus. O jazigo está conservado, apesar de alguns deslocamentos do revestimento na parte frontal da estrutura, especificamente na região das gavetas. Presença de elemento iconográfico, como a fotografia. Presença de vegetação ao redor.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 03 T.27 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cerâmica lisa e granito	Jazigo amplo, com dimensões (A: 3,50 m; L: 2,46 m; C: 2,59 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com seis gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 2015 de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1986 (idade à morte 29 anos). Os demais correspondem a: três indivíduos do sexo masculino sem datação; um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1960 e falecida em 2023 (idade à morte 63 anos); Um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1984 e falecido em 2016 e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1963 e falecido em 2017 (idade à morte 54 anos). No total, são sete pessoas sepultadas. Além das seis gavetas com puxadores, a estrutura possui um oratório com grade e cadeado na parte superior e, acima da estrutura, a simbologia da cruz cristã. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográfico, como vasos com flores artificiais e fotografias em porcelana. A estrutura está bem conservada e provavelmente passou por reformas recentes, pois o material construtivo é contemporâneo.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	---	--

	QUADRA 03 T.29 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Granito e cerâmica lisa)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,40 m; L: 1,20 m; C: 2,44 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1923 e falecida em 2009 (idade à morte 86 anos). Possui uma lápide de mármore com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui uma gaveta e alguns elementos decorativos/simbólicos, como vasos de flores artificiais e coroa de flores artificiais. A estrutura tem bom estado de conservação, apesar da tampa da gaveta estar removida, não sendo possível observar o que pode ter causado a remoção/queda. Provavelmente a fotografia da pessoa sepultada também foi removida, ficando em evidência apenas as marcas na lápide.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
	QUADRA 03 T.41 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: (Cimento e cal)	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,26 m; L: 2,15 m; C: 2,59 m). Trata-se de um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1954 e falecida em 2020 (idade à morte 66 anos). Possui uma lápide de granito com nome, ano de nascimento, falecimento e epitáfio. A estrutura possui cabeceira com oratório protegido com grade e cadeado e alguns elementos decorativos/simbólicos, como vasos de flores artificiais e coroa de flores artificiais, além de elementos iconográficos, como fotografia em porcelana e uma imagem cristã em resina. Presença de três cruzeiros no topo da estrutura, sendo uma de concreto, uma de madeira e uma de metal com os dados da falecida. O jazigo possui duas	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

		gavetas com puxadores e está conservada, apesar da descamação do revestimento e algumas pequenas rachaduras.	
	QUADRA 03 T.50 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cerâmica lisa	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,47 m; L: 2,21 m; C: 2,68 m). Trata-se de um jazigo familiar/coletivo com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 2009 de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1910 (idade à morte 99 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1968 e falecida em 2011 (idade à morte 43 anos); Um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1995 e falecido em 2015 (idade à morte 20 anos) e um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1941 e falecido em 2021 (idade à morte 80 anos). No total, são quatro pessoas sepultadas. Possui oratório aberto com elementos decorativos/simbólicos, como vasos de flores artificiais e coroa de flores artificiais, além da presença de elementos iconográficos, como fotografias em porcelana. Possui ainda três cruzes de metal no topo, duas com dados dos falecidos e uma totalmente enferrujada. O jazigo está parcialmente conservado. Presença de vegetação ao redor da estrutura.	 Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023

	QUADRA 03 T.51 Material construtivo: Alvenaria de tijolo Tipo de Revestimento: Cerâmica lisa	Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,66 m; L: 1,45m;C: 2,64 m). Trata-se de um jazigo coletivo/familiar com duas gavetas com puxadores, com datação mais antiga equivalente ao ano de 2008 de um indivíduo do sexo feminino (idade à morte 82 anos). Os demais correspondem a: um indivíduo do sexo feminino, nascida em 1958 e falecida em 2015 (idade à morte 57 anos). O outro sepultado trata-se de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1939 e falecido em 2021 (idade à morte 82 anos). No total, são três pessoas sepultadas. A estrutura possui um oratório na parte superior do jazigo com grade e cadeado, além de uma cruz lápide de metal. Possui elementos decorativos/simbólicos como vasos com flores artificiais e uma coroa de flores. Presença de elementos iconográficos como, fotografia em porcelana, porta retrato, crucifixo, terço e imagem da religiosidade católica impressa. O jazigo está conservado, apesar de algumas partes do revestimento estarem com pequenas quebras, além de manchas escuras.	Responsável pelo registro: Henrique Correia, 21/04/2023
--	--	--	---

	QUADRA 01 COVA RASA	Trata-se de um sepultamento em cova rasa de um indivíduo do sexo masculino, nascido em 1920 e falecido em 2008 (idade à morte 88 anos). Presença de cruz lápide com nome, ano de nascimento e falecimento, além de flores artificiais. Sepultura coberta por vegetação.	
Responsável pelo registro: Henrique Correia, 08/02/2023			

JAZIGOS SEM IDENTIFICAÇÃO/DATAÇÃO

QUADRA 01

T.01



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo com características peculiares de pequeno porte, com dimensões (A: 1,25 m; L: 1,46 m; C: 1,35 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura está bastante deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada. Existe na parte superior da construção, um elemento iconográfico não identificado (N.I). Presença de elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas, decoração em alto relevo. Presença de vegetação ao redor do jazigo.

T.08



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 3,25 m; L: 3,05 m; C: 1,14 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide, apenas um local onde aparentemente foi destinado para colocar informações biográficas, feito no próprio revestimento, porém foi apagado/destruído com o tempo. Presença de Elemento iconográfico não identificado (N.I). Jazigo com detalhes em alto relevo. No topo da estrutura há resquícios de uma cruz enferrujada. Está em bom estado de conservação, apenas com algumas manchas escuras, provavelmente provocadas pela ação do tempo. Presença de vegetação ao redor.

T.10



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo amplo, com dimensões (A: 1,90 m; L: 4 m; C: 1,20 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Existe uma possível extensão tumular no lado direito da estrutura, mas também sem informações e estruturalmente, menor. Jazigo com deteriorações, principalmente na parte superior (topo), que está quebrado. Aparentemente trata-se de uma estrutura antiga, sem manutenção e abandonada.

T.15

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,80 m; L: 1,83 m; C: 1,13 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Estrutura tumular semelhante ao túmulo nº 11 (T.11 - Q.01) de 1946, com pilares, mas sem o arco na parte superior. Possui lápide de mármore, mas por estar muito deteriorada, não dá para identificar as informações do indivíduo falecido. Presença de elementos arquitetônicos: Jazigo com 4 colunas, duas maiores centralizadas e duas menores nas laterais, além de um detalhe arquitetônico semelhante a uma cruz entre as duas colunas maiores. A estrutura está deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada. Presença de muita vegetação ao redor.

T.16

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 47 cm; L: 1,14 m; C: 1,35 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. O jazigo é de baixa estatura e com cabeceira em formato de degraus. A estrutura está parcialmente deteriorada na região da cabeceira, provavelmente sem manutenção. Presença de muita vegetação em cima do jazigo.

T.17

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 77 cm; L: 1 m; C: 2,35 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Segue o mesmo padrão do túmulo nº 16 (T.16 - Q.01). Possui cabeceira em formato de degraus, porém melhor conservada. Possui uma abertura no topo da cabeceira, onde provavelmente foi colocada uma cruz (hoje inexistente). Estrutura conservada, apenas com algumas manchas escuras provocadas provavelmente pela ação do tempo. Presença de muita vegetação em cima do jazigo.

T.19



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 1,27 m; L: 76 cm; C: 1 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura tem decoração simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo está deteriorado, provavelmente por ser antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.21



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 53 cm; L: 1,09 m; C: 1,50 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura tem decoração simples, tem baixa estatura e assemelha-se a uma pequena casinha ou capela. Está deteriorada, principalmente na parte frontal, fazendo com que fique ilegível qualquer informação que possa conter. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T. 22



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 46 cm; L: 60 cm; C: 91 cm). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura tem decoração simples, de baixa estatura e assemelha-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo está deteriorado, provavelmente por ser antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T. 27



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de médio porte com características peculiares, com dimensões (A: 2,94 m; L: 2,90 m; C: 1,25 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Parte frontal superior decorada. Possui a simbologia da cruz cristã com as extremidades decoradas, porém, a ponta e o lado esquerdo estão quebradas. O jazigo está deteriorado, com manchas escuras e revestimento desgastado, ficando em destaque os tijolos. Provavelmente trata-se de uma estrutura antiga, sem manutenção e abandonada. Presença de muita vegetação ao redor.

T.29



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo com características peculiares de médio porte com características peculiares, com dimensões (A: 1,12 m; L: 1,71 m; C: 2,20 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestido em cimento e cal. Possui elementos iconográficos feitos na própria estrutura, como vasos com ramos e uma cruz cristã com âncora. O jazigo está desgastado e com deteriorações, provavelmente por ser antigo e sem manutenção. Com presença de vegetação ao redor.

T.31



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 37 cm; L:86 cm; C: 1,95 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. O jazigo é de baixa estatura e está bastante deteriorado, provavelmente por ser antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.33



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 83 cm; L: 1,23 m; C: 64 cm). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Por cima da estrutura foi colocado um gradil que está deteriorado. Não foi possível identificar se fazia parte ou não da estrutura tumular. Parte frontal do jazigo com decoração simples em alto relevo e parcialmente deteriorado, provavelmente trata-se de uma estrutura antiga, sem manutenção e abandonada. Com presença de muita vegetação ao redor.

T. 34



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de pequeno porte, com dimensões (A: 63 cm; L: 85 cm; C: 1,07 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura tem decoração simples, de baixa estatura e está deteriorada, provavelmente por ser antiga, sem manutenção e abandonada. Com presença de vegetação ao redor.

T.35



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 98 cm; L: 1,90 m; C: 76 cm). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A Estrutura está parcialmente deteriorada, com desgaste no revestimento. Presença de vegetação ao redor.

T.37



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,38 m; L: 1,19 m; C: 2,20 m). Revestido em cimento e cal. Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, porém sem datação, pois a cruz lápide está totalmente enferrujada, impossibilitando realizar a leitura da mesma. O jazigo é de baixa estatura e possui um oratório com a simbologia da cruz cristã de metal no topo. Possui algumas rachaduras e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Presença de muita vegetação ao redor.

T. 38



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de baixa estatura, com dimensões (A: 1 m; L: 1,38 m; C: 2,40 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestido em cimento e cal. Possui oratório na campa do jazigo e três cruzeiros de metal no topo. Possui algumas rachaduras e manchas escuras. Com presença de vegetação ao redor.

T. 39



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de baixa estatura com cabeceira em formato de degraus, com dimensões (A: 69 cm, L: 1,08 m; C: 2,40 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestido em cimento e cal. Presença de muita vegetação ao redor.

T.40



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de porte médio, com dimensões (A: 1,64 m; L: 1,23 m; C: 2,21 m). Revestido em cimento e cal com decoração em alto relevo. Possui cabeceira em formato de degraus, com uma abertura que provavelmente trata-se de um oratório, porém sem grade de proteção. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura está parcialmente deteriorada, com algumas rachaduras e desgaste do revestimento, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Presença de muita vegetação ao redor.

T.44



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 2,36 m; L: 3,09 m; C: 1,27 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Presença de elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas, decoração em alto relevo. Presença de elemento iconográfico na parte superior da estrutura (cabeceira), representado pelo símbolo da lua. A estrutura está parcialmente deteriorada, com algumas extremidades quebradas, desgaste do revestimento e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.47



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de porte médio, com dimensões (A: 1,75 m; L: 1,20 m; C: 2,56 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui lápide, porém não foi possível fazer a leitura das informações contidas na pedra. O corpo da estrutura tumular é de baixa estatura comparado com sua cabeceira. O jazigo está deteriorado, com desgaste do revestimento e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.49

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,16 m; L: 1,15 m; C: 2,27 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Possui uma gaveta e um oratório simples sem proteção. Jazigo com desgastes no revestimento, com manchas escuras e pequenas rachaduras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção.

T.58

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo amplo, com dimensões (A: 2 m; L: 3,02 m; C: 1,12 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Presença de elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas e uma pequena cabeceira. Jazigo com muitas manchas escuras, com desgastes no revestimento e pequenas rachaduras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção. Presença de muita vegetação ao redor.

T.65

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de baixa estatura, com dimensões (A: 19 cm; L: 78 cm; C: 1,57 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Presença de elemento iconográfico, como a simbologia da cruz confeccionada no próprio revestimento da estrutura tumular. Jazigo deteriorado, com desgastes do material construtivo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.67



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de baixa estatura, com dimensões (A: 65 cm; L: 1,03 m; C: 2,28 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide, apenas algumas inscrições no próprio revestimento, porém impossíveis de fazer a leitura. Foi possível identificar apenas a letra “D” e o número “5” (D 5). Jazigo com superfície arredondada. A estrutura apresenta desgaste no revestimento, com algumas rachaduras e muitas manchas escuras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.69



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,30 m; L: 1,16 m; C: 2,27 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Possui cabeceira em formato de degraus. Jazigo com superfície arredondada. Estrutura deteriorada, com desgastes no revestimento e algumas rachaduras. Sinais de pequenos reparos no revestimento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.70



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 1,65 m; L: 3,29 m; C: 1,45 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Possui decoração em alto relevo no próprio revestimento. A base do jazigo é em cimento. Estrutura deteriorada, com desgastes no revestimento, extremidades quebradas e manchas escuras. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.71

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 1,14 m; L: 1,03 m; C: 1,52 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. Não possui nenhum tipo de ornamento. A estrutura possui algumas manchas escuras e deteriorações em algumas extremidades, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.72

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 1,27 m; L: 1 m; C: 1,61 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada, com rachaduras e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.73

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 81 cm; L: 1 m; C: 1,51 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada no revestimento e com manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T.74



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 1,41 m; L:1,06 m; C: 1,59 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide, apenas marcas de uma possível lápide na parte frontal.

Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada em alto relevo, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela, com resquício de cruz no topo (só restou a base em metal - ferro enferrujado).

O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está parcialmente deteriorada no revestimento e com manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T.77



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 1,48 m; L:98 c m; C: 1,52 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela.

O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está com algumas deteriorações e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T.78



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 67 cm; L: 73 c m; C: 1,53 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira decorada, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela.

O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada, provavelmente ocasionada pela ação do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.81

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 90 cm; L: 71 cm; C: 1,51 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela.

O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada e com manchas escuras, provavelmente ocasionadas pelas ações do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.82

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de pequenas proporções com características peculiares, com dimensões (A: 81 cm; L: 80 cm; C: 1,52 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Trata-se de um jazigo infantil com cabeceira simples, assemelhando-se a uma pequena casinha ou capela.

O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - Ala infantil. A estrutura está deteriorada, com algumas rachaduras e manchas escuras, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.84

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de porte médio com características peculiares, com dimensões (A: 1,95 m; L: 1,16 m; C: 98 cm). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Jazigo com decoração em alto relevo por toda parte frontal, inclusive na cabeceira. Presença de elementos arquitetônicos, como colunas falsas com cornijas. O jazigo encontra-se posicionado no muro que divide as quadras (01 e 02) - próximo a Ala infantil. A estrutura está deteriorada, com algumas extremidades quebradas e desgastes no revestimento, provavelmente ocasionadas pela ação do tempo. Não possui nenhum tipo de ornamento. Aparentemente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de muita vegetação ao redor.

T.86



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo de porte médio com características peculiares, com dimensões (A: 1,60 m; L: 1,60 m; C: 97 cm). Revestido em cimento e cal. O jazigo possui duas estruturas piramidais, uma no meio (maior), e uma menor em uma das extremidades. Não possui nenhum tipo de ornamento. A estrutura está deteriorada, com desgastes no revestimento e, aparentemente, trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T. 54



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
08/02/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,50 m; L: 2,20 m; C: 82 cm). Revestido em cimento, cal e tinta. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A estrutura possui quatro colunas, sendo duas centrais (maiores) com um arco, e duas menores nas laterais arredondadas. Presença de elemento iconográfico, como a presença de um coração de concreto no centro do jazigo e a simbologia da cruz cristão de concreto no topo. A base da estrutura é em cimento e foi possível notar a presença de muito entulho e lixo ao redor.

JAZIGOS SEM IDENTIFICAÇÃO/DATAÇÃO

QUADRA 02

T.01



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo amplo, com dimensões (A:1,06 m; L: 3,46 m; C: 2,95 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestimento em granito, com três gavetas grandes. Apesar de estar bem conservado, na parte de cima (localização da campa que recobre o túmulo) o granito está quebrado, provavelmente por alguma ação antrópica.

T.02



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples, com dimensões (A: 94 cm; L: 2,69 m; C: 1,32 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestido em cimento e cal. A estrutura está deteriorada, com rachaduras e manchas escuras, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.

.03



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de baixa estatura, com dimensões (A: 73 cm; L: 3,25 m; C: 1,36 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Aparentemente, a estrutura possui três compartimentos. Sem revestimento e deteriorado, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.

	T.05  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo simples com cabeceira, com dimensões (A: 1,71 m; L: 95 cm; C: 1,83 m). Parte da estrutura tumular revestida em cimento e cal e não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura está parcialmente deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.	T.06  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo completamente deteriorado, com dimensões (A: 92 cm; L: 74 cm; C: 1,45 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide e sem revestimento. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.
--	--	--

T.07



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo amplo com características peculiares, com dimensões (A: 3,83 m; L: 2,34 m; C: 1,79 m). Revestido em cimento e cal. Possui lápide de mármore com algumas gravuras inscritas, como pássaro em galho de folhas. Destaque para a ortografia do início do século XX. Existem três compartimentos no jazigo e um total de quatro indivíduos sepultados (apesar de um nome se repetir). Na placa não existem datas e, provavelmente, trata-se de sepultamentos infantis. Presença de elementos arquitetônicos, como estrutura piramidal no centro do jazigo e quatro colunas pontiagudas nas extremidades. No topo, a simbologia da cruz cristã de concreto. O jazigo está conservado, apesar de

T.08



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,37 m; L: 1,46 m; C: 95 cm). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide, apenas cabeceira. Revestido em cimento e cal. A estrutura está parcialmente deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.

T.09



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples, com dimensões (A: 70 cm; L: 1,41 m; C: 1,94 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Revestido em cimento e cal. A estrutura está deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.

algumas manchas escuras.		
T.11  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo amplo, com dimensões (A: 1,69 m; L: 3,40 m; C: 1,36 m). Revestido em cimento e cal e sem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Existe apenas uma cruz pontiaguda de metal (ferro) com a letra “J”. A estrutura está conservada, apresentando apenas algumas pequenas rachaduras e manchas escuras.	T.12  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo de baixa estatura, medindo (A: 55 cm; L: 87 cm; C: 2,21 m). Revestido em cimento e cal e sem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Estrutura em forma de canteiro, porém não possui flores e com abertura para acender velas (há resquícios de velas). A estrutura está com algumas partes deterioradas. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.	T.13  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo de baixa estatura com cabeceira em degraus, com dimensões (A: 1,28 m; L: 1,02 m; C: 2,21 m). Parte da estrutura tumular revestida em cimento e cal. Sem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). O jazigo está deteriorado, provavelmente por ser muito antigo, sem manutenção e abandonado.

T.15  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo simples rente ao chão, com dimensões (A: 9 cm; L: 97 cm; C: 1,80 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide e sem revestimento. Somente a campa do jazigo está em evidência. Estrutura deteriorada, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.	T.16  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Jazigo simples com cabeceira em degraus, com dimensões (A: 1,47 m; L: 1,05 m; C: 2,00 m). Revestido em cimento e cal. Sem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Parte da estrutura tumular está deteriorada, principalmente na campa, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonada.	T.18  Responsável pelo registro: Henrique Correia, 14/03/2023 Cova rasa com gradil de ferro de proteção. Possui uma cruz na estrutura e uma cruz lápide que brada e caída no chão, porém sem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Presença de elementos decorativos/simbólicos, como vaso com flores artificiais. Detalhe para o gradil escorado em pedras.
T.19	T.20	T.27



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo de baixa estatura com cabeceira, com dimensões (A: 1,13 m; L: 1,40 m; C: 2,30 m). Parte da estrutura tumular revestida em cimento e cal e não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A estrutura está parcialmente deteriorada, principalmente na camp, provavelmente por ser muito antiga, sem manutenção e abandonado.

T.28



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo de baixa estatura deteriorado, com dimensões (A: 42 cm; L: 84 cm; C: 2,42 m). Resto de estrutura tumular revestida em cimento e cal (parte da frente). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.29



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo com características peculiares, com dimensões (A: 1,62 m; L: 1,54 m; C: 1,13 m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A fachada é decorada no próprio revestimento e com alguns elementos iconográficos, como flor de quatro pétalas na parte superior da cabeceira, e uma flor de oito pétalas centralizada. Estrutura tumular danificada, com quebra na parte de cima (topo).

T.30



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 31 cm; L: 60 cm; C: 80 cm). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s) e, possivelmente, trata-se de um sepultamento não adulto. A campa do túmulo é arredondada e a estrutura tumular está deteriorada. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.31



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 61 cm; L: 62 cm; C: 1,00 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s) e, possivelmente, trata-se de um sepultamento não adulto. A campa do túmulo é arredondada e a fachada com formato triangular. Apenas uma pequena porção da parte traseira está deteriorada. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.33



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 53 cm; L: 62 cm; C: 1,00 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s) e, possivelmente, trata-se de um sepultamento não adulto. A campa do túmulo é arredondada e a fachada com formato triangular. Apenas uma pequena porção da parte traseira e fachada estão deterioradas. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção. Presença de elemento decorativo/simbólico: coroa de flores artificiais. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.37



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo com características peculiares, com dimensões (A: 1,41 m; L: 1,34 m; C: 73 cm). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. A fachada é decorada no próprio revestimento e com alguns elementos iconográficos, como flor de quatro pétalas na parte superior da cabeceira, e uma flor de oito pétalas centralizada. Mesmo modelo do T.27. Algumas pequenas partes do jazigo estão deterioradas, como nas extremidades, traseira e base da construção.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 9 cm; L: 60 cm; C: 1,28m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Revestido em cimento e cal. Presença de elemento iconográfico na camp, como a simbologia da cruz cristã com extremidades arredondadas. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples rente ao chão, com dimensões (A: 14 cm; L: 2,75 m; C: 2,00m). Revestido em cimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A estrutura apresenta deteriorações em algumas partes e sujeira por cima. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.42  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023 Jazigo simples de baixa estatura, com dimensões (A: 71 cm; L: 1,08 m; C: 2,46 m). Revestido em cimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma cruz de metal (simbologia da cruz cristã) fincada em concreto na cabeceira da estrutura tumular. O jazigo está deteriorado e provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.	T.45  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023 Jazigo simples rente ao chão, com dimensões (A: 27cm; L: 92 cm; C: 1,75). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Revestido em cimento e cal. Presença de elemento iconográfico na campa, como a simbologia da cruz cristã. A estrutura tem partes deterioradas e provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.	T.48  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023 Jazigo completamente deteriorado, com dimensões (A: 26 cm; L: 1,22 m; C: 1,70 m). Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide e sem revestimento. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.
T.52	T.54	T.55



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 90 cm; L: 1,90 m; C: 1,15 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Revestido em cimento e cal. O jazigo está deteriorado e com vegetação cobrindo parte da estrutura. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo com características peculiares, com dimensões (A: 2,25 m; L: 2,93 m; C: 1,06 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Revestido em cimento e cal. Estrutura tumular decorada, mas bastante deteriorada, como partes quebradas, rachaduras, desgaste no revestimento e manchas escuras. Presença de elementos arquitetônicos, como colunas e elemento iconográfico confeccionado no próprio revestimento: uma pequena cruz na cabeceira. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples com cabeceira, com dimensões (A: 1,12 m; L: 1,35 m; C: 3,02 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Revestido em cimento e cal. Estrutura tumular bastante deteriorada, principalmente na região da campa tumular. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.59



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,73 m; L: 1,20 m; C: 2,27 m). Revestimento em cimento, cal e tinta. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui oratório protegido com grade e cadeado, além de uma gaveta com puxador. Simbologia da cruz cristã no topo da estrutura. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográfico, como vaso de coroa de flores e porta-retrato (indivíduo feminino + masculino). Bom estado de conservação.

T.60



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo de baixa estatura deteriorado, com dimensões (A: 41 cm; L: 1,21 m; C: 1,79 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.62



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples deteriorado, com dimensões (A: 1,03 m; L: 2,95 m; C: 1,18 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. O local está sendo utilizado para fins ritualísticos. Presença de vegetação no jazigo.

T.63

Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples, com dimensões (A: 1,16m; L: 1,32m; C: 2,42m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A estrutura está deteriorada, principalmente na região da campa. Possui cabeceira e uma cruz avulsa de metal (quebrada) em cima da estrutura tumular. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.64

Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções. Não foi possível realizar as medições pelas condições que se encontrava a estrutura tumular, tanto pela localização quanto pela quantidade de vegetação que cobria o jazigo. Porém, é uma estrutura de pequenas proporções, sem revestimento e bastante deteriorado. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado.

T.65

Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,42m; L: 1,85m; C: 2,30m). Revestido em cerâmica decorada. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas gavetas com puxadores na horizontal e um oratório com grade de proteção e cadeado. Presença de elementos decorativos/simbólicos, como vasos de flores artificiais. Estrutura tumular conservada.

T.66  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023	T.68  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023	T.69  Responsável pelo registro: José Brito, 14/03/2023
Jazigo amplo, com dimensões (A: 3,15m; L: 2,89 m; C: 1,15m). Revestido em cimento, cal e tinta. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Fachada decorada em degraus, com uma abertura que se assemelha a uma pequena janela. O jazigo apresenta algumas rachaduras profundas, principalmente em sua lateral esquerda e parte superior (acima da “janelinha”), comprometendo assim, a estrutura da fachada.	Jazigo completamente deteriorado, com dimensões (A: 51 cm; L: 1,25m; C: 2,44m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado, com um amontoado de tijolos e areia na região da campa.	Jazigo completamente deteriorado, com dimensões (A: 29 cm; L: 82cm; C: 1,61m). Revestido em cimento e cal. Não possui informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Não possui lápide. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo, sem manutenção e abandonado. Destaque para uma estrutura de concreto com puxador em cima do jazigo.
T.71	T.72	T.73



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 63cm; L: 72cm; C: 1,35m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A estrutura está deteriorada e provavelmente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 1,55m; L: 82cm; C: 1,38m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A fachada da estrutura tumular assemelha-se a uma capelinha. Está conservado, apesar do desgaste de algumas pequenas partes do revestimento. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção.



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de pequenas proporções, com dimensões (A: 63cm; L: 1,04m; C: 1,16m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possuiampa pontiaguda que a diferencia das demais e estrutura está deteriorada. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção.

T.77



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A:1,33 m; L:1,09 m; C: 2,39 m). Revestido em cerâmica lisa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma gaveta com puxador e um oratório com grade de proteção. Estrutura tumular parcialmente deteriorada, com deslocamento de revestimento, desgaste do material revestido e manchas escuras.

T.78



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,48m; L: 1,13 m; C: 2,73 m). Revestido em azulejo liso. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma gaveta com puxador e um oratório. Na parte frontal e lateral há resquícios de cimento e tinta azul por cima do revestimento original. No cimento estava escrito "te amo" e dois corações. O material de revestimento está um pouco desgastado, mas no geral, o estado de conservação é bom.

T.53



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Trata-se de um sepultamento em cova rasa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s).

JAZIGOS SEM IDENTIFICAÇÃO/DATAÇÃO

QUADRA 03

T.02



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,37 m; L: 2,03 m; C: 2,43 m). Revestido em cimento, cal e tinta. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui a simbologia da cruz em metal no topo da estrutura. Aparentemente pode ter passado por algum tipo de reforma, pois há a presença de sobreposição de revestimento (tinta), e há evidências de possíveis sepultamentos recentes que podem ser percebidos pelas marcas na estrutura.

T.07



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,65 m; L: 1,06 m; C: 2,44 m). Revestido em azulejo liso. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma gaveta com puxador e um oratório com grade de proteção. Simbologia da cruz cristã dentro do oratório. Estrutura tumular deteriorada, com deslocamentos do revestimento e gaveta quebrada. Provavelmente trata-se de um jazigo antigo e sem manutenção.

T.09



Responsável pelo registro: José Brito,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,13 m; L: 1,93 m; C: 2,37m). Sem revestimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Estrutura com dois compartimentos na horizontal abertos. Aparentemente, trata-se de um jazigo abandonado.

T.10

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo de baixa estatura, com dimensões (A: 54 cm; L: 1,20 m; C: 2,59 m). Revestido em cimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Presença da simbologia de uma cruz cristã de metal enferrujada. Presença de vegetação ao redor da estrutura.

T.11

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples rente ao chão com gradil, com dimensões (A: 1,33 m; L: 1,33 m; C: 2,48 m). Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). A estrutura está deteriorada, provavelmente ocasionados pela falta de manutenção e pela ação do tempo. Presença de abundante vegetação acima do jazigo.

T.14

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio com gradil, com dimensões (A: 84 cm; L: 1,27 m; C: 2,61 m). Sem revestimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Presença da simbologia da cruz cristã enferrujada no gradil. Presença de elementos decorativos/simbólicos: dois vasos com flores artificiais. A estrutura possui uma abertura na lateral esquerda. Presença de vegetação ao redor da estrutura.

T.15



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,08 m; L: 1,96 m; C: 2,79 m). Revestido em cerâmica lisa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas gavetas com puxadores e um oratório com grade de proteção e cadeado. Possui uma cruz cristã no topo da estrutura confeccionada de concreto e revestida com o mesmo material do jazigo. Presença de elementos decorativos/simbólicos, como coroa de flores artificiais, dois vasos de flores artificiais e presença de elemento iconográfico, como imagem de gesso de anjo. Estrutura parcialmente deteriorada, com deslocamentos do revestimento e manchas escuras, provavelmente ocasionados pela ação do tempo.

T.17



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,11 m; L: 1,15 m; C: 2,25 m). Revestido em granito e cerâmica lisa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s), apenas uma fotografia de um indivíduo do sexo feminino localizada em uma estrutura também de granito acima do jazigo. Possui duas gavetas na vertical com puxadores. Presença de elemento iconográfico, como fotografia em porcelana. Jazigo conservado. Presença de vegetação ao redor da estrutura.

T.25



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,50 m; L: 2,31 m; C: 2,58 m). Revestido em porcelanato. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui quatro gavetas com puxadores e um oratório com grade de proteção e cadeado. Presença de elemento iconográfico, como fotografias em porcelana. A estrutura aparenta ser uma construção recente ou passou por reformas.

T.26

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 92 cm; L: 97 cm; C: 2,49 m). Estrutura sem revestimento. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Estrutura tumular deteriorada e com entulhos no espaço de sepultamento. Provavelmente trata-se de um jazigo abandonado e com presença de vegetação ao redor.

T.28

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de baixa estatura, com dimensões (A: 88 cm; L: 1,13 m; C: 2,25 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui cabeceira em forma de degraus com abertura frontal. A estrutura possui algumas rachaduras e desgaste do revestimento, provavelmente ocasionados pela falta de manutenção e pela ação do tempo. Presença de vegetação nas proximidades do jazigo.

T.30

Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo amplo, com dimensões (A: 2,47 m; L: 3,16 m; C: 1,32 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui cabeceira em forma triangular com degraus. Aparentemente, a estrutura passou por algum tipo de reforma, haja visto a presença de uma sobreposição de tinta. A estrutura está conservada, apesar de algumas manchas escuras e descamação do revestimento em algumas partes, provavelmente ocasionados pela ação do tempo. Aparentemente pode ter passado por algum tipo de reforma, pois há a presença de sobreposição de revestimento (tinta). Presença de vegetação nas proximidades do jazigo.

T.32



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,83 m; L: 1,94 m; C: 2,42 m). Revestido em azulejo decorado. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas gavetas grandes com puxadores e cabeceira com oratório protegido com grade. Presença da simbologia cristã da cruz de metal. Parte do revestimento está deteriorado, principalmente em uma das gavetas. Presença de vegetação ao redor do jazigo.

T.34



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,08 m; L: 1,13 m; C: 2,46 m). Revestido em cerâmica lisa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas aberturas frontais na vertical e uma pequena estrutura acima, provavelmente trata-se de um oratório. Jazigo não apresenta desgaste no revestimento, porém aparenta estar inacabado e abandonado.

T.39



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,58 m; L: 1,02 m; C: 2,58 m). Revestido em azulejo liso. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma abertura frontal e uma pequena estrutura acima, provavelmente trata-se de uma cabeceira com um oratório. Jazigo com aparência de abandonado e com desgaste do revestimento, provavelmente ocasionados por falta de manutenção e pela ação do tempo.

T.40



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,53 m; L: 2,06 m; C: 2,56 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas aberturas frontais na horizontal e um oratório revestido internamente com azulejo e grade parcialmente destruída. A estrutura possui algumas rachaduras e aparenta estar abandonado. Presença de vegetação ao redor.

T.43



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,62 m; L: 2,01 m; C: 2,45 m). Revestido em cimento, cal e tinta. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas gavetas na horizontal com puxadores e uma cabeceira com oratório aberto. Presença de elementos decorativos/simbólicos, como coroa de flores artificiais em formato de coração e vasos com flores artificiais. Jazigo apresenta pequenos desgastes do revestimento, provavelmente ocasionados pela ação do tempo.

T.44



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,79 m; L: 2,03 m; C: 2,42 m). Revestido em cimento, cal e tinta. Possui duas gavetas com puxadores na horizontal, e uma cabeceira com oratório protegido com grade e cadeado. Presença de elementos decorativos/simbólicos e iconográficos, como vaso com flores artificiais, porta-retrato e ?. Aparentemente pode ter passado por algum tipo de reforma, pois há a presença de sobreposição de revestimento (tinta).

T.47



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo com características peculiares, com campa em formato arredondado, com dimensões (A: 94 cm; L: 70 cm; C: 1,87 m). Revestido em cimento e cal. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui uma estrutura não identificada em cima da campa. Jazigo parcialmente deteriorado, provavelmente ocasionados pela ação do tempo.

T.49



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 1,37 m; L: 2,77m; C: 2,65 m). Revestido em granito e cerâmica lisa. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Olhar se tem gaveta do outro lado. Aparentemente trata-se de uma construção recente. Bem conservado, exceto pelo fato de alguns elementos decorativos da própria estrutura estarem fora de lugar ou foram quebrados.

T.53



Responsável pelo registro: Henrique Correia,
14/03/2023

Jazigo simples de porte médio, com dimensões (A: 2,62 m; L: 2,14 m; C: 2,46 m). Revestido em azulejo liso. Não possui lápide e nem informações sobre indivíduo (s) sepultado (s). Possui duas gavetas com puxadores na horizontal e uma cabeceira em formato de degraus com um oratório com grade de proteção e cadeado. Presença de elementos decorativos/simbólicos, como coroa de flores artificiais, a simbologia da cruz cristã de concreto e mesmo revestimento no topo e um vaso com flores artificiais. Jazigo conservado, apenas com alguns desgastes do revestimento e algumas deteriorações em sua base. Presença de vegetação ao redor.

GRADIS E COVAS RASAS DA QUADRA 01





